



Edgar Allan Poe
A Trilogia Dupin





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Assassinatos na Rue Morgue

The Murders in the Rue Morgue, 1841

Tradução: Cássio de Arantes Leite

Que canções cantavam as Sereias, ou que nome assumiu
Aquiles quando se escondeu entre as mulheres, embora questões
enigmáticas, não estão além de toda conjectura.

SIR THOMAS BROWNE

AS CARACTERÍSTICAS INTELECTUAIS TIDAS como analíticas são, em si mesmas, pouco suscetíveis de análise. Nós as apreciamos apenas em seus efeitos. Sabemos a seu respeito, entre outras coisas, que constituem sempre para seu possuidor, quando possuídas em grau imoderado, fonte do mais intenso prazer. Assim como o homem forte exulta em sua capacidade física, deleitando-se em exercícios que exigem a ação de seus músculos, igualmente se rejubila a mente analítica na atividade moral de deslindar algo. Seu dono extrai prazer até mesmo das ocupações mais triviais exigindo a intervenção de seus talentos. É um apreciador de enigmas, charadas, hieróglifos; exhibe na solução de cada um deles um grau de acumen que para a percepção comum assume ares sobrenaturais. Seus resultados, obtidos pelo próprio espírito e essência do método, têm, na verdade, todo um aspecto de intuição.

A faculdade de resolução é possivelmente bastante fortalecida pelo estudo da matemática e, sobretudo, por esse ramo mais elevado dela, que, injustamente, e meramente por conta de suas operações retrógradas, tem sido chamado, como que par excellence, de análise. Contudo, calcular, em si, não é analisar. O jogador de xadrez, por exemplo, faz uma coisa sem recorrer à outra. Segue-se que o jogo do xadrez, em seus efeitos sobre o caráter intelectual, é amplamente compreendido. Não escrevo aqui um tratado, mas estou simplesmente prefaciando uma narrativa até certo ponto peculiar com observações razoavelmente aleatórias; vou, desse modo, aproveitar o ensejo para afirmar que as faculdades mais elevadas do intelecto reflexivo são mais decididamente e mais proveitosamente postas à prova pelo despretenso jogo de damas do que por toda a elaborada frivolidade do xadrez. Neste último, em que as peças têm movimentos diferentes e bizarros, com valores diversos e variáveis, o que é apenas complexo é tomado (um erro nada incomum) por profundo. A atenção nele desempenha poderoso papel. Se ela relaxa por um instante, um descuido é

cometido, resultando em prejuízo ou derrota. Os movimentos possíveis sendo não apenas variados como também intrincados, as chances de tais descuidos se multiplicam; em nove de cada dez casos é antes o jogador mais concentrado do que o mais arguto que vence. No jogo de damas, pelo contrário, em que os movimentos são únicos e apresentam pouca variação, em que a probabilidade de alguma inadvertência é menor e a mera atenção é comparativamente menos exigida, as vantagens conquistadas de parte a parte devem-se à superioridade de acumen. Para ser menos abstrato. Vamos supor um jogo de damas em que as peças ficaram reduzidas a quatro damas, e em que, decerto, nenhum descuido é de esperar. Fica óbvio aqui que a vitória só pode ser decidida (os jogadores estando absolutamente iguais) por algum movimento *recherché*, resultante de uma forte aplicação do intelecto. Privada dos recursos ordinários, a mente analítica penetra no espírito de seu oponente, identifica-se com ele e não raro desse modo enxerga, de um golpe de vista, os únicos métodos (às vezes de fato absurdamente simples) mediante os quais pode induzi-lo ao erro ou precipitá-lo a dar um passo em falso.

Há muito já se observou a influência do *whist* para o que denominamos capacidade do cálculo; e sabe-se que homens da mais elevada ordem de intelecto dele extraem um deleite aparentemente extraordinário, ao passo que evitam o xadrez por tê-lo como frívolo. Sem a menor sombra de dúvida não há nada de natureza similar tão enormemente desafiador para a faculdade de análise. O melhor enxadrista de toda a cristandade talvez seja pouco mais do que o melhor jogador de xadrez; mas proficiência no *whist* implica capacidade para o sucesso em todas essas empreitadas importantes em que a mente duela contra a mente. Quando digo proficiência, refiro-me àquela perfeição no jogo que inclui uma compreensão de todas as fontes de onde pode ser derivada uma legítima vantagem. Essas são não apenas múltiplas, mas também multiformes, e jazem com frequência entre recessos do pensamento completamente inacessíveis ao entendimento ordinário. Observar atentamente é lembrar distintamente; e, até aí, o enxadrista concentrado se sairá perfeitamente bem no *whist*; pois que as regras de Hoyle (elas próprias baseadas no mero mecanismo do jogo) são suficientemente e em geral compreensíveis. De modo que possuir uma boa memória e proceder “como reza a cartilha” são coisas comumente consideradas como o *supra-sumo* do bem jogar. Mas é em questões que vão além dos limites da mera regra que a habilidade da mente analítica se evidencia. Seu possuidor faz, em silêncio, um sem-número de observações e inferências. Igualmente o fazem, talvez, seus colegas; e a diferença na extensão da informação obtida reside não tanto na validade da inferência quanto na qualidade da observação. O conhecimento necessário é o do que observar. Nosso jogador não se restringe em absoluto ao jogo; tampouco, por ser este o objeto, rejeita deduções originárias de fatores externos ao jogo. Ele examina o semblante de

seu parceiro, comparando-o cuidadosamente com o de cada um dos oponentes. Considera o modo como estão dispostas as cartas em cada mão; muitas vezes calculando os trunfos e as honras de cada um pelos olhares lançados a suas próprias mãos. Observa cada variação nos rostos à medida que o jogo progride, amalhando uma reserva de pensamento pelas diferentes expressões de certeza, surpresa, triunfo ou decepção. Pelo modo como recolhe uma vaza avalia se a pessoa que o faz pode conseguir outra daquele naipe. Reconhece um blefe pela atitude com que a carta é jogada na mesa. Uma palavra casual ou inadvertida; uma carta que cai ou vira acidentalmente, com a subsequente ansiedade ou descaso no modo como é ocultada; a contagem das vazas, com a ordem de sua arrumação; constrangimento, hesitação, impaciência ou agitação — tudo proporciona, para sua percepção aparentemente intuitiva, indícios do verdadeiro estado de coisas. As duas ou três primeiras rodadas tendo sido jogadas, ele está de plena posse dos conteúdos de cada mão e, daí por diante, baixa suas cartas com uma precisão de propósito tal que é como se o restante do grupo houvesse virado seus leques para o lado contrário.

A capacidade analítica não deve ser confundida com a simples engenhosidade; pois embora o dono de uma mente analítica seja necessariamente engenhoso, o homem engenhoso é muitas vezes notavelmente incapaz de análise. A capacidade construtiva ou combinatória, mediante a qual a engenhosidade normalmente se manifesta, e à qual os frenólogos (acredito que erroneamente) atribuíram um órgão separado, supondo-a uma faculdade primitiva, tem sido tão frequentemente notada nesses cujo intelecto em tudo mais beira a idiotia que isso atraiu a atenção geral dos moralistas. Entre a engenhosidade e a competência analítica existe uma diferença ainda maior, na verdade, do que entre a fantasia e a imaginação, mas de um caráter muito estritamente análogo. Verificar-se-á, com efeito, que os dotados de engenho são sempre fantasiosos e que os verdadeiramente imaginativos nunca são outra coisa que não dados à análise.

A narrativa que segue irá se afigurar ao leitor mais ou menos como um comentário sobre as proposições até aqui aventadas.

Residindo em Paris durante a primavera e parte do verão de 18..., travei conhecimento com um certo Monsieur C. Auguste Dupin. Esse jovem cavalheiro era de excelente, na verdade, de ilustre família, porém, devido a uma série de adversidades, ficara reduzido a tal pobreza que a energia de seu caráter sucumbira sob o peso disso e ele desistira de se dedicar ao mundo ou de procurar recuperar a fortuna perdida. Por obséquio de seus credores, continuava possuidor de um pequeno resquício de seu patrimônio; e, com a renda daí advinda, conseguia, graças a uma rigorosa economia, prover-se do necessário para viver, sem se molestar por coisas supérfluas. Os livros, na verdade, eram seu único luxo, e estes em Paris são facilmente obtidos.

Conhecemo-nos numa obscura biblioteca na Rue Montmartre, onde o acaso de estarmos ambos à procura do mesmo livro mui raro e mui notável nos uniu em mais estreita relação. Viamo-nos com frequência. Interessei-me profundamente pela breve história familiar que pormenorizou para mim com toda essa sinceridade que se permitem os franceses sempre que seu tema se resume meramente a sua pessoa. Também fiquei pasmo com a vasta amplitude de suas leituras; e, acima de tudo, entusiasmei-me vivamente com o exuberante fervor e o vívido frescor de sua imaginação. Almejando em Paris certos objetivos tais como eu então almejava, percebi que a companhia daquele homem constituiria para mim um tesouro de valor inestimável; e confidencie-lhe esse sentimento com toda a franqueza. Após algum tempo ficou acertado que moraríamos juntos durante minha estada na cidade; e, como minhas circunstâncias mundanas eram razoavelmente menos complicadas que as dele, foi com seu consentimento que me encarreguei de alugar e decorar, em um estilo que se adequava à melancolia um tanto fantástica de nosso temperamento em comum, uma mansão dilapidada e grotesca, havia muito abandonada devido a superstições cujo teor jamais indagamos, e equilibrando-se precariamente rumo ao colapso em uma área afastada e desolada do Faubourg St. Germain.

Houvesse a rotina de nossa vida nesse lugar chegado ao conhecimento do mundo, teríamos sido reputados loucos — embora, talvez, loucos de natureza inofensiva. Nossa reclusão era absoluta. Não recebíamos visita alguma. Na verdade, a localização de nosso refúgio fora cuidadosamente mantida em segredo de meus próprios antigos companheiros; e já havia muitos anos que Dupin deixara de ver e ser visto em Paris. Vivíamos exclusivamente para nós mesmos.

Era uma excentricidade de gosto em meu amigo (pois que outro nome dar àquilo?) ser um enamorado da Noite em si mesma; e a essa bizarrerie, assim como a todas as demais, eu calmamente acedi; entregando-me a seus desvairados caprichos com perfeito abandon. Mas a negra divindade não poderia nos fazer companhia permanente; então, simulávamos sua presença. Aos primeiros raios da aurora fechávamos todas as maciças venezianas de nossa casa, acendendo um par de círios que, fortemente perfumados, lançavam apenas a luz mais débil e espectral. Com a ajuda deles enchíamos nossas almas de sonhos — lendo, escrevendo ou conversando, até sermos advertidos pelo relógio da chegada das genuínas Trevas. Então passeávamos pelas ruas, de braços dados, continuando os assuntos do dia, ou perambulando para muito longe até avançada hora, buscando, em meio às fantásticas luzes e sombras da cidade populosa, essa infinidade de excitação mental que a tranquila observação pode proporcionar.

Em momentos como esse, eu não podia deixar de notar e admirar (embora, dada sua fecunda idealidade, estivesse preparado para esperar tal coisa) uma peculiar capacidade analítica em Dupin. Ele parecia também extrair

um vivo deleite em exercê-la — quando não propriamente em exibi-la —, e não hesitava em confessar o prazer que disso obtinha. Vangloriava-se para mim, com uma pequena risada, que a maioria dos homens, no que lhe dizia respeito, portava janelas em seus peitos, e costumava fazer acompanhar tais asserções de provas diretas e assaz surpreendentes de seu conhecimento sobre minha própria pessoa. Seus modos em momentos como esse eram frios e abstratos; seus olhos ficavam com uma expressão vazia; ao passo que sua voz, em geral de um melodioso tenor, erguia-se num agudo de soprano que teria soado insolente não fosse o caráter deliberado e inteiramente lúcido da enunciação. Observando-o nesses estados de espírito, eu muitas vezes me punha a meditar na antiga filosofia da Alma Biparte, e me divertia fantasiando um duplo Dupin — o criativo e o resolutivo.

Que não se julgue aqui, com base no que acabei de dizer, que estou particularizando algum mistério ou redigindo algum romance. O que recentemente descrevi no francês era apenas o resultado de uma inteligência exaltada ou, talvez, enferma. Mas do caráter de suas observações nos períodos em questão um exemplo transmitirá melhor a ideia.

Caminhávamos certa noite por uma rua suja e comprida, nos arredores do Palais Royal. Estando ambos, aparentemente, perdidos em pensamentos, nenhum de nós dissera uma palavra durante pelo menos quinze minutos. De repente Dupin quebrou o silêncio com a seguinte frase: “Ele é de fato um sujeito bem pequeno, é verdade, e estaria melhor no Théâtre des Variétés.”

“Não pode haver dúvida disso”, repliquei, inadvertidamente, e sem observar de início (de tal maneira estivera absorto em reflexão) o modo extraordinário com que suas palavras fizeram coro às minhas meditações. Um instante depois caí em mim e fiquei profundamente estupefato.

“Dupin”, disse eu, gravemente, “isso está além de minha compreensão. Não hesito em dizer que estou perplexo, e mal posso crer em meus sentidos. Como era possível que soubesse que eu pensava em ...?” Aqui fiz uma pausa, para verificar se realmente sabia sem sombra de dúvida quem ocupava meus pensamentos.

— “...em Chantilly”, disse ele, “por que hesitou? Você refletia consigo mesmo que sua figura diminuta não era apropriada para a tragédia.”

Era isso precisamente que compunha o teor de minhas reflexões. Chantilly era um quondam [*ex em latim*] sapateiro da Rue St. Denis que, tendo sido mordido pelo bicho do teatro, candidatara-se ao rôle de Xerxes na tragédia de Crébillon de mesmo nome, e que fora alvo de notórias pasquinadas por seus esforços dramáticos.

“Diga-me, pelo amor dos Céus”, exclamei, “o método — se algum método há — que lhe possibilitou sondar minha alma nessa questão.” Na verdade, eu estava ainda mais atônito do que me dispunha a demonstrar.

“Foi o fruteiro”, respondeu meu amigo, “que o levou à conclusão de que o remendão de solas não tinha altura para Xerxes et id genus omne.” [*e coisas do gênero*]

“Fruteiro! — você me deixa pasmo — não sei de fruteiro algum.”

“O sujeito com quem deu um encontrão quando dobramos a rua — cerca de quinze minutos atrás, talvez.”

Eu agora me recordava que, de fato, um fruteiro, carregando na cabeça um grande cesto de maçãs, quase me atirara ao chão, por acidente, quando deixávamos a Rue C... para entrar na rua onde ora estávamos; mas o que isso tinha a ver com Chantilly era algo que eu não podia absolutamente compreender.

Não havia um isto de *charlatanerie* em Dupin. “Explicarei”, disse ele, “e para que possa compreender tudo claramente, retrocederei primeiro ao longo de suas meditações, desde o momento em que lhe falei até o *rencontre* com o referido fruteiro. Os elos principais dessa cadeia são os seguintes — Chantilly, Órion, dr. Nichol, Epicuro, estereotomia, pedras do calçamento, fruteiro.”

Existem poucas pessoas que não tenham, em algum momento de suas vidas, buscado se distrair lembrando os passos ao longo dos quais particulares conclusões de suas próprias mentes foram alcançadas. O passatempo é muitas vezes bastante interessante; e aquele que o tenta pela primeira vez fica atônito com as aparentemente ilimitáveis distância e incoerência entre o ponto de partida e o objetivo final. Qual não foi então minha perplexidade quando escutei o francês dizendo o que acabara de dizer, e quando não pude deixar de admitir que dissera a verdade. Ele continuou:

“Estávamos falando de cavalos, se me lembro corretamente, pouco antes de deixar a Rue C... Esse foi o último tema sobre o qual conversamos. Quando dobrávamos a esquina, um fruteiro, com um grande cesto na cabeça, passando apressadamente por nós, jogou-o contra uma pilha de pedras de pavimentação retiradas de um trecho da rua que está em obras. Você pisou numa pedra solta, escorregou, torceu ligeiramente o tornozelo, pareceu irritado ou amuado, murmurou algumas palavras, virou para olhar para a pilha e prosseguiu em silêncio. Não prestei particular atenção ao que fez, mas a observação se tornou para mim, ultimamente, uma espécie de necessidade.

“Você manteve os olhos no chão — relanceando, com expressão mal-humorada, os buracos e sulcos no calçamento (de modo que percebi que continuava pensando nas pedras), até chegarmos à pequena viela chamada Lamartine, que fora pavimentada, a título de experimento, com esses blocos justapostos e rebitados. Aqui seu semblante se desanuviou e, notando que seus lábios se moviam, não tive dúvida de que murmurava a palavra 'estereotomia', termo que muito afetadamente é aplicado a essa espécie de pavimento. Eu sabia que não era capaz de dizer a si mesmo a palavra 'estereotomia' sem ser levado a pensar em átomos, e, conseqüentemente, nas teorias de Epicuro; e uma vez que,

ao discutirmos o assunto há não muito tempo, mencionei-lhe quão singularmente, embora quão pouco se tenha notado, as vagas hipóteses desse nobre grego encontraram confirmação na cosmogonia nebulosa recente,⁴⁴ imaginei que não poderia deixar de erguer os olhos para a grande nebulosa em Órion, e decerto esperava que o fizesse. Com efeito, você olhou para o alto; e nesse momento tive a convicção de que acompanhara corretamente seus passos. Mas na acerba tirade acerca de Chantilly, que apareceu no Musée de ontem, o satirista, fazendo ignominiosas alusões à mudança de nome do sapateiro ao calçar o coturno, citou um verso latino sobre o qual muitas vezes conversamos. Refiro-me ao verso: 'Perdidit antiquum litera prima sonum'. "**

* "A primeira letra perdeu o som antigo." Do Fasti, de Ovídio,

em que se menciona o nascimento de Órion pela urina (em grego, ouron) dos deuses.

"Eu havia afirmado que isso era uma menção a Órion, outrora grafada Urion; e, devido a certas pungências ligadas a essa explicação, estava ciente de que não poderia tê-la esquecido. Ficou claro, desse modo, que você não deixaria de combinar as duas ideias de Órion e Chantilly. Que de fato as combinou percebi pela natureza do sorriso que perpassou seus lábios. Você pensou na imolação do pobre sapateiro. Até então, seu andar era curvado; mas em seguida notei que apumava o corpo a plena altura. Nesse instante tive certeza de que refletia sobre a figura diminuta de Chantilly. Foi aí que interrompi suas meditações para comentar que, de fato, era mesmo um sujeitinho pequeno — o tal Chantilly —, que estaria melhor no Théâtre des Variétés."

Não muito depois, liamos uma edição vespertina da Gazette des Tribunaux quando os seguintes parágrafos chamaram nossa atenção.

"ASSASSINATOS EXTRAORDINÁRIOS. — Nessa madrugada, por volta das três da manhã, os moradores do Quartier St. Roch foram tirados de seu sono por uma sucessão de gritos aterrorizantes, provenientes, aparentemente, do quarto andar de uma casa na Rue Morgue, sabidamente ocupada apenas por Madame L'Espanaye e sua filha, Mademoiselle Camille L'Espanaye. Após alguma demora, ocasionada por uma tentativa infrutífera de conseguir passar da maneira usual, a porta do saguão foi arrombada com um pé de cabra e oito ou dez vizinhos entraram, acompanhados de dois gendarmes. A essa altura, os gritos haviam cessado; mas, quando o grupo subiu correndo o primeiro lance de escadas, duas ou mais vezes ríspidas, em inflamada alteração, se fizeram ouvir; e pareciam proceder da parte superior da casa. Quando o segundo patamar foi alcançado, também esses sons haviam cessado, e tudo permanecia na mais

perfeita quietude. O grupo se dispersou, e correram de quarto em quarto. Ao chegarem em um grande aposento de fundos no quarto andar (cuja porta, achando-se trancada com a chave do lado de dentro, teve de ser aberta à força), presenciaram um espetáculo que encheu cada um dos ali presentes não apenas de horror como também de assombro.

“O apartamento encontrava-se na mais furiosa desordem — a mobília destruída e jogada em todas as direções. Restara uma única armação de cama; e o colchão fora removido e atirado no meio do soalho. Em uma poltrona havia uma navalha manchada de sangue. No chão da lareira jaziam duas ou três mechas de cabelos humanos grisalhos, também salpicadas de sangue, e ao que parecia arrancadas pela raiz. No chão encontraram-se quatro napoleões, um brinco de topázio, três colheres grandes de prata, três menores, de metal d'Alger, e duas bolsas, contendo cerca de quatro mil francos em ouro. As gavetas de um bureau que ficava em um canto estavam abertas e haviam, aparentemente, sido vasculhadas, embora muitos artigos ainda permanecessem dentro. Um pequeno cofre de ferro foi encontrado sob o colchão (não sob a cama). Estava aberto, com a chave ainda na tampa. Não continha coisa alguma exceto algumas cartas velhas e outros documentos de pouca importância.

“De Madame L'Espanaye nenhum vestígio se via; mas uma incomum quantidade de fuligem tendo sido observada na lareira levou a que se desse uma busca na chaminé, e (coisa horrível de relatar!) dali se retirou o cadáver da filha, de cabeça para baixo; havia sido forçado pela estreita abertura até profundidade considerável. O corpo estava razoavelmente quente. Quando examinado, muitas escoriações foram notadas, sem dúvida ocasionadas pela violência empregada ao ser enfiado e depois retirado. No rosto viam-se inúmeros arranhões e, pela garganta, negros hematomas, além de marcas profundas de unhas, como se a vítima houvesse sido morta por estrangulamento.

“Após uma cuidadosa investigação em cada canto da casa, sem que mais nada se descobrisse, o grupo se dirigiu a um pequeno pátio nos fundos do edifício, onde estava o corpo da velha senhora, com a garganta tão completamente dilacerada que, ao se tentar erguê-la, a cabeça caiu. O corpo, assim como a cabeça, fora terrivelmente mutilado — o primeiro a tal ponto que mal conservava qualquer semelhança com algo humano.

“Desse horrível mistério até o momento não há, acreditamos, a mais leve pista.”

O jornal do dia seguinte trazia esses pormenores adicionais.

“A Tragédia na Rue Morgue. Muitos indivíduos têm sido interrogados em relação a esse tão extraordinário e assombroso caso [a palavra *affaire* ainda não carrega, na França, essa leveza de significado que o inglês *affair*; caso, transmite entre nós], mas nada ainda surgiu capaz de lançar alguma luz sobre ele. Fornecemos abaixo todos os depoimentos relevantes extraídos.

“Pauline Dubourg, lavadeira, declara que conhecia ambas as vítimas havia três anos, tendo se encarregado de suas roupas durante esse

período. A velha senhora e a filha pareciam em bons termos — muito afetuosas uma com a outra. Eram excelentes pagadoras. Nada pôde informar com respeito ao modo ou aos meios de vida das duas. Acreditava que Madame L. lesse a sorte como sustento. Dizia-se que tinha dinheiro guardado em casa. Nunca encontrou ninguém na casa quando precisou buscar ou entregar as roupas. Estava certa de que não contavam com quaisquer empregados aos seus serviços. Não parecia haver mobília em parte alguma do prédio, exceto no quarto andar.

“Pierre Moreau, dono de tabacaria, declara que costumava vender pequenas quantidades de fumo e rapé a Madame L'Espanaye havia quase quatro anos. É nascido na vizinhança e sempre residiu ali. A falecida e sua filha ocuparam a casa onde seus corpos foram encontrados por mais de seis anos. O inquilino anterior do lugar fora um joalheiro que sublocara os quartos superiores para várias pessoas. A casa era de propriedade de Madame L. Descontente com o uso indevido do imóvel por parte de seu locatário, mudou-se para lá ela própria, recusando-se a alugar qualquer parte do prédio. A madame estava senil. A testemunha viu a filha umas cinco ou seis vezes durante os seis anos. As duas levavam uma vida excepcionalmente reclusa — supunha-se que tinham dinheiro. Ouvira dizer por alguns vizinhos que Madame L. fazia a leitura da sorte — não acreditava. Nunca vira pessoa alguma entrar por aquela porta, a não ser a própria velha senhora e sua filha, um encarregado de manutenção uma ou duas vezes e um médico, umas oito ou dez.

“Muitas outras pessoas, também vizinhos, forneceram depoimentos nesse mesmo sentido. Nenhum frequentador da casa foi mencionado. Ninguém soube dizer se havia algum parente vivo de Madame L. e sua filha. As venezianas das janelas da frente raramente eram abertas. As de trás viviam fechadas, com exceção do aposento dos fundos, no quarto andar. A casa era de boa construção — não muito velha.

“Isidore Muset, gendarme, declara que foi chamado à casa por volta das três da manhã, e que encontrou cerca de vinte ou trinta pessoas diante da entrada, tentando passar. Arrombou finalmente a porta do saguão com a baioneta — não com um pé de cabra. Encontrou pouca dificuldade em fazer com que abrisse, pelo fato de ser uma porta dupla, ou retrátil, e sem ferrolhos em cima ou embaixo. Os gritos continuaram até a porta ser forçada — e depois subitamente cessaram. Pareciam os gritos de uma pessoa (ou pessoas) em grande agonia — altos e prolongados, não curtos e rápidos. A testemunha liderou o caminho pelas escadas. Ao chegar no primeiro patamar, escutou duas vozes numa alteração alta e inflamada — uma era rouca, a outra, mais esganiçada — uma voz muito estranha. Pôde discernir algumas palavras da primeira, que eram de um francês. Tinha certeza absoluta de que não era voz de mulher. Pôde discernir as palavras 'sacré' e 'diable'. A voz aguda pertencia a alguém estrangeiro. Não sabia dizer se era voz de homem ou de mulher. Não pôde distinguir o que dizia, mas acreditou que a língua fosse o espanhol. O estado do aposento e dos corpos foi descrito por essa testemunha do modo

como descritos ontem.

“Henri Duval, vizinho, e, por ocupação, artesão de prataria, declara que tomou parte no grupo que entrou na casa. Corrobora o depoimento de Muset, de modo geral. Assim que forçaram a entrada, voltaram a fechar a porta, de modo a impedir a passagem da multidão, que se juntou muito rápido, não obstante o adiantado da hora. A voz aguda, acredita a testemunha, era de um italiano. Certamente não era francês. Não sabe dizer ao certo se era voz de homem. Podia ser de mulher. Não está familiarizado com a língua italiana. Não pôde discernir quaisquer palavras, mas ficou convencido pela entonação que foram ditas em italiano. Conhecia Madame L. e sua filha. Conversara com ambas em diversas ocasiões. Tinha certeza de que a voz aguda não era de nenhuma das falecidas.

“— Odenheimer, restaurateur. Essa testemunha apresentou-se voluntariamente para depor. Por não falar francês, foi inquirida mediante um intérprete. É natural de Amsterdã. Passava pela casa no momento dos gritos. Eles duraram por vários minutos — provavelmente dez. Foram longos e altos — muito apavorantes e perturbadores. Estava entre o grupo que entrou no prédio. Corroborou os depoimentos prévios em todos os aspectos menos um. Tinha certeza de que a voz aguda pertencia a um homem — a um francês. Não conseguiu discernir as palavras enunciadas. Foram altas e rápidas — desiguais — ditas aparentemente com medo, embora também com raiva. A voz era dissonante — não tão aguda, mais para dissonante. Não chamaria de uma voz aguda. A voz rouca disse repetidamente 'sacré', 'diable' e, uma vez, 'mon Dieu'.

“Jules Mignaud, banqueiro, da firma de Mignaud et Fils, Rue Deloraine. É o Mignaud pai. Madame L'Espanaye possuía algumas propriedades. Abrira uma conta em sua casa bancária na primavera do ano — (oito anos antes). Fazia depósitos frequentes de pequenas quantias. Jamais havia sacado, até três dias antes de sua morte, quando retirou pessoalmente quatro mil francos. O valor foi pago em ouro, e um funcionário enviado a sua casa com o saque.

“Adolphe Le Bon, funcionário de Mignaud et Fils, declara que no dia em questão, por volta do meio-dia, acompanhou Madame L'Espanaye a sua residência com os quatro mil francos, divididos em duas bolsas. Quando a porta era aberta, Mademoiselle L. apareceu e pegou de suas mãos uma das bolsas, enquanto a velha senhora apanhava a outra. Ele então as cumprimentou e partiu. Não viu ninguém na rua nesse momento. É uma pequena travessa — muito isolada.

“William Bird, alfaiate, declara que estava entre o grupo que entrou na casa. É inglês. Mora em Paris há dois anos. Foi um dos primeiros a subir as escadas. Escutou as vozes se altercando. A voz rouca era de um francês. Pôde distinguir diversas palavras, mas não se recorda de todas. Ouviu distintamente 'sacré' e 'mon Dieu'. Houve um som no momento como que de várias pessoas lutando — um som de coisas raspando e gente se engalfinhando. A voz aguda falava muito alto — mais

alto do que a rouca. Tem certeza de que não era a voz de um inglês. Parecia ser de um alemão. Podia ser voz de mulher. Não entende alemão.

“Quatro das supracitadas testemunhas, tendo sido reconvocadas, declararam que a porta do aposento em que se encontrou o corpo de Mademoiselle L. estava trancada por dentro quando o grupo chegou. Tudo no mais perfeito silêncio — nenhum grunhido ou barulho de qualquer tipo. Ao forcarem a porta, ninguém foi visto. As janelas, tanto do quarto dos fundos como do frontal, estavam abaixadas e firmemente trancadas por dentro. Uma porta entre os dois quartos estava fechada, mas não trancada. A porta que havia entre o quarto da frente e o corredor estava trancada, com a chave do lado de dentro. Um quartinho na frente da casa, no quarto andar, na extremidade do corredor, tinha a porta entreaberta. Esse cômodo estava abarrotado de camas velhas, caixas e coisas assim. Tudo foi cuidadosamente retirado e examinado. Não havia um centímetro em parte alguma da casa que não tenha passado por uma busca cuidadosa. Varredores foram enfiados de cima a baixo nas chaminés. A casa tinha quatro andares, além de águas-furtadas (mansardes). Um alçapão no teto fora firmemente pregado — parecia que não era aberto havia anos. O tempo transcorrido entre a alteração de vozes que ouviram e o arrombamento da porta do aposento foi estimado com variações pelas testemunhas. Alguns disseram três minutos — outros, cinco. A porta foi aberta com dificuldade.

“Alfonzo Garcio, agente funerário, declara ser residente da Rue Morgue. É natural da Espanha. Tomou parte no grupo que entrou na casa. Não subiu as escadas. É nervoso, e ficou apreensivo quanto às consequências do tumulto. Escutou as vozes em alteração. A voz rouca era de um francês. Não pôde discernir o que foi dito. A voz aguda era de um inglês — tem certeza disso. Não compreende a língua inglesa, mas julga pela entonação.

“Alberto Montani, confeiteiro, declara que estava entre os primeiros a subir as escadas. Escutou as vozes em questão. A voz rouca era de um francês. Distinguiu diversas palavras. Seu dono parecia protestar. Não conseguiu discernir as palavras da voz aguda. Falava de modo apressado e irregular. Acha que é voz de um russo. Corrobora o testemunho geral. É italiano. Nunca conversou com alguém natural da Rússia.

“Diversas testemunhas, na reinquirição, afirmaram que as chaminés de todos os aposentos no quarto andar eram estreitas demais para admitir a passagem de um ser humano. Por ‘varredores’ queriam dizer escovões cilíndricos, como os que são empregados pelos limpadores de chaminés. Esses escovões foram passados de ponta a ponta em todos os ductos da casa. Não havia qualquer passagem de fundos pela qual qualquer um pudesse ter descido enquanto o grupo subia as escadas. O corpo de Mademoiselle L'Espanaye estava tão firmemente enterrado na chaminé que só conseguiram descê-lo depois que quatro ou cinco do grupo uniram forças.

“Paul Dumas, médico, declara que foi chamado para examinar os corpos ao nascer do dia. Haviam ambos sido colocados sobre o enxergão da cama no aposento onde Mademoiselle L. foi encontrada. O cadáver da jovem estava muito esfolado e contundido. O fato de ter sido enfiado na chaminé teria sido suficiente para dar conta desse aspecto. A garganta fora gravemente esfolada. Havia inúmeros arranhões profundos pouco abaixo do queixo, junto com uma série de manchas lívidas, que eram evidentemente marcas de dedos. O rosto estava terrivelmente manchado e as órbitas oculares protraídas. A língua fora parcialmente mordida. Um enorme hematoma foi descoberto sobre a boca do estômago, produzido, aparentemente, pela pressão de um joelho. Na opinião de Monsieur Dumas, Mademoiselle L'Espanaye fora morta por estrangulamento por uma ou várias pessoas desconhecidas. O cadáver da mãe estava horivelmente mutilado. Todos os ossos da perna e do braço direitos estavam quebrados com maior ou menor gravidade. A tibia esquerda fora estilhaçada, bem como todas as costelas do lado esquerdo. O corpo todo horivelmente contundido e manchado. Era impossível dizer como os ferimentos haviam sido infligidos. Um pesado porrete de madeira, ou uma grande barra de ferro — uma cadeira — qualquer arma grande, pesada e rombuda teria produzido tais resultados, se empunhada pelas mãos de um homem muito forte. Mulher alguma teria sido capaz de provocar tais ferimentos com a arma que fosse. A cabeça da vítima, quando examinada pela testemunha, estava inteiramente separada do corpo, e também gravemente fraturada. A garganta fora evidentemente cortada com algum instrumento afiado — provavelmente, uma navalha.

“Alexandre Etienne, cirurgião, foi chamado junto com Monsieur Dumas para examinar os corpos. Corroborou o depoimento e as opiniões do colega.

“Nenhum outro fato relevante veio a lume, embora diversas outras pessoas tenham sido interrogadas. Um assassinato tão misterioso, e tão desconcertante em todas suas particularidades, jamais foi cometido antes em Paris — se é que de fato um assassinato foi cometido. A polícia está completamente às escuras — uma ocorrência incomum em casos dessa natureza. Não há, entretanto, nem sombra de pista à vista.”

A edição vespertina do jornal informava que o Quartier St. Roch continuava ainda em grande agitação — que o edifício passara por uma cuidadosa nova busca, e que novos depoimentos foram colhidos, mas tudo em vão. Uma nota de última hora porém mencionava que Adolphe Le Bon havia sido detido e feito prisioneiro — embora nenhuma evidência parecesse incriminá-lo, além dos fatos já especificados.

Dupin pareceu singularmente interessado no progresso do caso — pelo menos foi o que julguei por sua conduta, pois não fez comentário algum. Apenas após o anúncio de que Le Bon fora preso pediu minha opinião respeitando aos assassinatos.

Eu só podia concordar com toda Paris em considerá-los um mistério insolúvel. Não via meios pelos quais fosse possível rastrear o assassino.

“Não devemos julgar os meios”, disse Dupin, “segundo a superfície desses depoimentos. A polícia parisiense, tão elogiada por seu acumen, é hábil, mas só isso. Não existe método em seus procedimentos além do método do momento. Fazem vasta ostentação de medidas; mas, não raro, estas são tão mal adaptadas aos objetivos propostos que nos vem à mente Monsieur Jourdain, pedindo seu robe-de-chambre — pour mieux entendre la musique. Os resultados atingidos por eles são não raro surpreendentes, mas, na maior parte, obtidos pela simples diligência e atividade. Quando essas qualidades estão indisponíveis, seus esquemas fracassam. Vidocq, por exemplo, era bom em conjecturas, e perseverava. Mas, sem uma mente treinada, enganava-se continuamente pela própria intensidade de suas investigações. Ele prejudicava sua visão segurando os objetos perto demais. Podia enxergar, talvez, um ou dois pontos com clareza incomum, mas, ao fazê-lo, necessariamente perdia de vista a questão como um todo. Isso é o que podemos chamar de ser profundo demais. A verdade nem sempre está dentro de um poço. Com efeito, no que toca aos conhecimentos mais importantes, acredito de fato que ela é invariavelmente superficial. A profundidade reside nos vales onde a buscamos, e não nos cumes montanhosos onde ela é encontrada. Os modos e origens desse tipo de equívoco estão bem tipificados na contemplação dos corpos celestiais. Relancear brevemente uma estrela — observá-la obliquamente, voltando em sua direção as áreas mais exteriores da retina (que é mais sensível a impressões luminosas tênues do que a parte interna), é contemplá-la com nitidez — é obter a melhor apreciação de seu brilho — brilho que se turva na exata proporção em que voltamos nosso olhar diretamente para a estrela. Uma maior quantidade de raios de fato incide sobre o olho nesse caso, mas, no primeiro, ocorre uma capacidade de compreensão mais refinada. A profundidade indevida confunde e debilita o pensamento; e é possível fazer com que até mesmo Vênus desapareça do firmamento por meio de uma observação demasiado prolongada, concentrada ou direta.

“Quanto a esses assassinatos, vamos proceder a um exame deles nós mesmos antes de formar qualquer opinião a respeito. Uma investigação poderá nos proporcionar boa diversão [julguei esse um termo estranho para usar aqui, mas nada disse] e, além do mais, Le Bon certa vez me prestou um serviço pelo qual não me mostrarei ingrato. Vamos ver o local com nossos próprios olhos. Conheço G——, o chefe de polícia, e não deveremos ter dificuldade em obter a permissão necessária.”

A permissão foi obtida, e seguimos imediatamente para a Rue Morgue. É uma daquelas travessas muito pobres que ficam entre a Rue Richelieu e a Rue St. Roch. Já era fim de tarde quando chegamos; o bairro ficando a grande distância desse em que residíamos. Encontramos a casa prontamente; pois havia ainda

inúmeras pessoas olhando para as venezianas fechadas, com uma curiosidade sem propósito, do outro lado da rua. Era uma residência parisiense comum, com um saguão de entrada, ao lado de cuja porta havia um cubículo de vidros opacos, com um painel deslizante na janela, indicando uma loge de concierge. Antes de entrar, andamos pela rua, dobramos uma viela e depois, entrando em outra, passamos pelos fundos do prédio — Dupin, nesse meio tempo, examinava toda a vizinhança, bem como a casa, com uma meticulosidade de atenção para a qual não via eu objetivo possível.

Voltando por onde viéramos, fomos outra vez para a entrada da residência, tocamos a campainha e, após mostrarmos nossas credenciais, fomos admitidos pelos policiais encarregados. Subimos as escadas — até o aposento onde o corpo de Mademoiselle L'Espanaye fora encontrado, e onde ambas as falecidas continuavam. A desordem no quarto, como de costume, permanecia do jeito que fora deixada. Não vi nada além do que havia sido relatado na Gazette des Tribunaux. Dupin examinava cada detalhe — sem excetuar os corpos das vítimas. Depois prosseguimos para os demais quartos, e para o pátio; um gendarme nos acompanhou o tempo todo. A investigação nos ocupou até escurecer, quando saímos. A caminho de casa, meu companheiro se deteve por alguns instantes na redação de um dos jornais diários.

Já tive ocasião de dizer que os caprichos de meu amigo eram muitos e variados, e que *je les ménageais* ["eu os tolerava"] — para essa expressão, não existe equivalente em inglês. Agora, ele cismara de declinar qualquer conversa sobre a questão dos assassinatos até mais ou menos o meio-dia do dia seguinte. E então me perguntou, repentinamente, se eu observara algo peculiar na cena das atrocidades.

Houve alguma coisa no modo como enfatizou a palavra “peculiar” que me provocou calafrios, sem saber por quê.

“Não, nada peculiar”, disse eu; “pelo menos, nada além do que ambos vimos publicado no jornal.”

“Receio que a Gazette”, replicou, “não tenha penetrado no horror insólito da coisa. Mas descartemos as fúteis opiniões desse periódico. Parece-me que o mistério é considerado insolúvel pelo mesmo motivo que deveria fazer com que fosse tido como de fácil solução — quero dizer, pelo caráter outré de suas circunstâncias. A polícia está perplexa com a aparente ausência de motivo — não com o crime em si — mas com a atrocidade do crime. Estão desconcertados, também, pela aparente impossibilidade de conciliar as vozes ouvidas em alteração com o fato de que ninguém foi encontrado no andar de cima além da assassinada Mademoiselle L'Espanaye, e de que não havia meios de sair sem passar pelo grupo que subia. A desordem selvagem do quarto; o cadáver enfiado, de cabeça para baixo, pela chaminé; a pavorosa mutilação do corpo da velha senhora; essas considerações, juntamente com as que acabo de mencionar, e

outras a que não é necessário fazer menção, bastaram para paralisar as autoridades, deixando completamente às escuras seu tão propalado acumen. A polícia caiu no erro grosseiro mas comum de confundir o insólito com o abstruso. Mas é nesses desvios do plano do ordinário que a razão encontra seu caminho, se é que o encontra, na busca da verdade. Em investigações tais como as que empreendemos agora, não deve tanto ser perguntado 'o que ocorreu' como 'o que ocorreu que nunca ocorreu antes'. Na verdade, a facilidade com que chegarei, ou cheguei, à solução desse mistério está em proporção direta com sua aparente insolubilidade aos olhos da polícia.”

Encarei meu colega, mudo de espanto.

“Estou à espera”, prosseguiu ele, olhando para a porta de nosso apartamento — “estou à espera de uma pessoa que, embora talvez não o perpetrador dessa carnificina, deve em certa medida ter tido algum envolvimento em sua perpetração. Da pior parte dos crimes cometidos, é provável que seja inocente. Espero estar correto nessa suposição; pois é nisso que baseei minha expectativa de deslindar todo o enigma. Aguardo esse homem aqui — nesta sala — a qualquer momento. É verdade que pode não aparecer; mas a probabilidade é de que o faça. Caso venha, será necessário detê-lo. Eis aqui umas pistolas; e ambos sabemos como usá-las, quando a ocasião assim o exige.”

Tomei as pistolas, mal sabendo o que fazia, ou tampouco acreditando no que escutava, enquanto Dupin prosseguia, muito à maneira de um solilóquio. Já tive oportunidade de comentar seus modos abstraídos em momentos assim. Seu discurso era endereçado a minha pessoa; mas sua voz, embora de modo algum elevada, exibia essa entonação que é comumente empregada ao se falar com alguém que está a grande distância. Seus olhos, com expressão vazia, fitavam apenas a parede.

“Que as vozes ouvidas em alteração”, disse, “pelo grupo que subia as escadas não pertenciam às próprias mulheres ficou plenamente provado pelas evidências do caso. Isso afasta qualquer dúvida quanto à questão de saber se a velha senhora poderia primeiro ter dado cabo da filha e em seguida cometido suicídio. Menciono esse ponto puramente em nome do método; pois a força de enfiar o corpo da filha na chaminé, tal como foi encontrado; e a natureza dos ferimentos sobre sua pessoa impossibilita totalmente a ideia de suicídio. O assassinato, então, foi cometido por uma terceira parte; e as vozes dessa terceira parte eram as que se escutaram em alteração. Deixe-me adverti-lo agora — não sobre todos os depoimentos no que diz respeito às vozes — mas no que havia de peculiar acerca dos depoimentos. Observou alguma coisa peculiar acerca deles?”

Comentei que embora todas as testemunhas concordassem em supor que a voz rouca pertencia a um francês, havia grande discordância acerca da voz

aguda, ou, como um indivíduo a chamou, dissonante.

“Isso são os próprios testemunhos”, disse Dupin, “mas não a peculiaridade dos testemunhos. Você não observou nada característico. Contudo, havia algo a ser observado. As testemunhas, como afirma, concordaram quanto à voz rouca; nesse ponto foram unânimes. Mas em respeito à voz aguda, a peculiaridade não é o fato de discordarem, mas que um italiano, um inglês, um espanhol, um holandês e um francês, em sua tentativa de descrevê-la, falassem cada um como sendo de um estrangeiro. Cada um deles tem certeza de que não é a voz de um conterrâneo. Cada um a relaciona não à voz de um indivíduo de alguma nação de cuja língua ele próprio seja falante, muito pelo contrário. O francês supõe que é a voz de um espanhol, e que talvez pudesse ter distinguido algumas palavras, caso tivesse alguma familiaridade com o espanhol. O holandês sustenta que pertencia a um francês; mas, conforme lemos, por não compreender francês, a testemunha foi inquirida mediante um intérprete. O inglês crê que a voz era de um alemão, mas não conhece alemão. O espanhol 'tem certeza' de que pertencia a um inglês, mas 'julga pela entonação' e nada mais, uma vez que não compreende nada do inglês. O italiano acredita que é a voz de um russo, mas 'nunca conversou com alguém natural da Rússia'. Um segundo francês, além do mais, diverge do primeiro, e afirma que a voz pertencia a um italiano; mas, por não conhecer essa língua, foi, como o espanhol, 'convencido pela entonação'. Ora, quão estranhamente insólita devia ser de fato essa voz para que depoimentos como esses pudessem ser colhidos! — em cujos tons, até, cidadãos das cinco grandes divisões da Europa não puderam reconhecer nada familiar! Dir-se-ia que pode ter sido a voz de um asiático — de um africano. Nem asiáticos nem africanos abundam em Paris; mas, sem negar a inferência, chamarei sua atenção agora para três pontos. A voz é descrita por uma das testemunhas como 'não tão aguda, mais para dissonante'. É caracterizada por outras duas como falando 'de modo apressado e irregular'. Palavra alguma — som algum que se assemelhasse a palavras — foi mencionada pelas testemunhas como discernível.

“Não sei dizer”, continuou Dupin, “que impressão posso ter causado, até aqui, em seu próprio entendimento; mas não hesito em afirmar que deduções legítimas até mesmo dessa parte dos depoimentos — a parte respeitante às vozes rouca e aguda — são por si mesmas suficientes para engendrar uma suspeita capaz de orientar todo o posterior progresso da investigação desse mistério. Disse 'deduções legítimas'; mas o que quis comunicar não ficou plenamente expresso. Minha intenção foi sugerir que as deduções são as únicas apropriadas e que a suspeita brota inevitavelmente delas como o resultado isolado. Qual seja essa suspeita, entretanto, ainda não vou dizer. Apenas quero que tenha em mente que, quanto a mim, foi suficientemente poderosa para dar uma forma definitiva — uma determinada tendência — às minhas investigações no aposento.

“Transportemo-nos, na imaginação, para o quarto. Qual a primeira coisa

que buscaremos ali? Os meios de egressão empregados pelos assassinos. Vale dizer que nenhum de nós acredita em eventos sobrenaturais. Madame e Mademoiselle L'Espanay e não foram mortas por espíritos. Os perpetradores desse crime eram feitos de matéria, e escaparam materialmente. Então, como? Felizmente, não há senão um único modo de raciocinar sobre esse ponto, e esse modo deve nos conduzir a uma decisão peremptória. — Vamos examinar, um a um, os possíveis meios de fuga. Está claro que os assassinos estavam no quarto onde Mademoiselle L'Espanay e foi encontrada, ou pelo menos no quarto adjacente, quando o grupo subiu as escadas. É desse modo apenas nesses dois cômodos que devemos buscar uma rota de evasão. A polícia arrancou as tábuas do soalho, os forros do teto e a alvenaria das paredes em todas as direções. Nenhuma saída secreta poderia ter escapado a sua vigilância. Mas, não confiando nos olhos deles, procedi a um exame com os meus. Não havia, então, nenhuma saída secreta. As duas portas dos quartos que davam para o corredor estavam devidamente trancadas, com as chaves do lado de dentro. Voltemos às chaminés. Estas, embora da costureira altura de uns dez metros, mais ou menos, acima das lareiras, não admitirão, em toda a sua extensão, o corpo de um gato grande. A impossibilidade de fugir, pelos meios já indicados, sendo desse modo absoluta, ficamos restritos às janelas. Por aquelas do quarto da frente ninguém poderia ter escapado sem ser visto pela multidão na rua. Os criminosos devem ter passado, então, por uma das janelas do quarto nos fundos. Ora, tendo chegado a essa conclusão de uma maneira tão inequívoca como chegamos, não nos cabe, como homens de raciocínio que somos, rejeitá-la por conta de aparentes impossibilidades. Só nos resta provar que essas aparentes 'impossibilidades' não são, na realidade, nada do gênero.

“Há duas janelas nesse quarto. Uma está desimpedida de qualquer mobília, e inteiramente visível. A parte inferior da outra está obstruída pela cabeceira de uma pesada cama que foi empurrada contra ela. Como se verificou, a primeira foi fortemente trancada por dentro. Resistiu aos mais enérgicos esforços de todos que tentaram erguê-la. Um grande buraco feito com uma verruma fora aberto em sua madeira do lado esquerdo e, como se viu, um prego muito grosso enfiado ali dentro, praticamente até a cabeça. Ao se examinar a outra janela, um prego similar foi encontrado; e vigorosas tentativas de erguer o caixilho desta também fracassaram. A polícia se deu então inteiramente por satisfeita de que a fuga não ocorreria por nenhuma dessas rotas. E, logo, julgou-se uma questão de excesso de zelo retirar os pregos e abrir as janelas.

“Minha própria investigação foi de certo modo mais minuciosa, pelo motivo recém-exposto — pois ali estava, eu sabia, uma dessas ocasiões em que se devia provar que todas as aparentes impossibilidades, na realidade, não são nada do gênero.

“Prossigui então em meu raciocínio — a posteriori. Os assassinos escaparam por uma dessas janelas. Tal se dando, não poderiam ter voltado a travar os caixilhos, pois que foram assim encontrados; — consideração que pôs um ponto final, devido a sua obviedade, ao exame da polícia nesse aposento. Contudo, os caixilhos estavam travados. Eles deviam, então, ter a capacidade de se travar sozinhos. Não há como furtar-se a essa conclusão. Aproximei-me do batente desobstruído, retirei o prego com alguma dificuldade e tentei abrir a janela. A guilhotina resistiu a todos os meus esforços, como previra. Uma mola oculta, eu percebia agora, devia existir; e a corroboração de minha ideia convenceu-me de que minhas premissas, ao menos, estavam corretas, por mais misteriosas que ainda parecessem as circunstâncias envolvendo os pregos. Uma busca cuidadosa logo trouxe à luz a mola oculta. Pressionei-a e, satisfeito com a descoberta, absteve-me de erguer o caixilho.

“Então voltei a enfiar o prego no lugar e observei-o atentamente. Uma pessoa que passasse por aquela janela poderia tê-la fechado, e a mola a teria travado — mas o prego não poderia ter sido novamente inserido. A conclusão era clara, e mais uma vez restringiu o campo de minhas investigações. Os assassinos deviam ter escapado pela outra janela. Supondo, então, que os mecanismos em ambos os caixilhos fossem iguais, como era provável, uma diferença devia ser encontrada entre os pregos ou, pelo menos, no modo como haviam sido fixados. Subindo no enxergão da cama, olhei por cima da cabeceira e examinei minuciosamente o segundo batente. Passando a mão por trás da cabeceira, descobri e pressionei prontamente a mola, que era, como eu presumira, de caráter idêntico à outra. Então examinei o prego. Era tão grosso quanto o outro e, aparentemente, fixo da mesma maneira — enfiado quase até a cabeça.

“Dirá você que isso me deixou desnorteado; mas, se pensa assim, deve ter compreendido mal a natureza das deduções. Para usar uma expressão pitoresca, eu não ficara 'às escuras' em momento algum. Não perdera o rastro sequer por um instante. Não havia falha em nenhum elo da cadeia. Eu farejara o segredo até seu resultado final — e esse resultado era o prego. Tinha, repito, em todos os aspectos, a aparência de seu semelhante na outra janela; mas esse fato foi de uma absoluta insignificância (por mais conclusivo que possa parecer) quando comparado à consideração de que ali, nesse ponto, terminava a trilha. 'Deve haver alguma coisa errada nesse prego', falei. Toquei-o; e a cabeça, com cerca de seis milímetros da espiga, saiu entre meus dedos. O restante da espiga permaneceu no buraco de verruma, onde havia se quebrado. A fratura era antiga (pois as extremidades exibiam uma crosta de ferrugem) e fora aparentemente provocada por uma martelada, que havia cravado parcialmente, no alto do caixilho inferior, a parte do prego com a cabeça. Eu então voltei a encaixar cuidadosamente essa parte do prego com a cabeça no furo de onde ela havia saído e a semelhança com um prego perfeito era completa — a fissura era

invisível. Pressionando a mola, ergui o caixilho suavemente algumas polegadas; a cabeça subiu junto, permanecendo firme em seu lugar. Fechei a janela, e a aparência de um prego inteiro era perfeita outra vez.

“O enigma, até ali, estava desvendado. O assassino escapara pela janela que ficava acima da cama. Fechando sozinha após sua fuga (ou talvez tendo sido intencionalmente fechada), ela fora travada pela ação do mecanismo; e foi a fixação por meio dessa mola que a polícia tomou equivocadamente pela do prego — considerando portanto desnecessário proceder a mais investigações.

“A questão seguinte é a do modo da descida. Acerca desse ponto, dei-me por satisfeito com minha caminhada em torno do prédio. A pouco mais de um metro e meio da janela em questão ergue-se um para-raios. De sua haste teria sido impossível para qualquer pessoa chegar à janela, quanto mais entrar por ela. Observei, entretanto, que as folhas das janelas no quarto andar eram de um tipo peculiar que os marceneiros parisienses chamam de ferrades — um tipo raramente empregado nos dias de hoje, mas frequentemente visto em antigas mansões de Lyon e Bordeaux. Elas são na forma de uma porta comum (simples, e não dobrável), excetuando que a parte superior é entalhada ou trabalhada com um padrão de treliças vazadas — proporcionando desse modo um excelente ponto de apoio para as mãos. No presente caso, as folhas têm um metro de largura. Quando as vimos dos fundos da casa, estavam ambas parcialmente abertas — ou seja, ficavam em um ângulo reto com a parede. Muito provavelmente a polícia, assim como eu, examinou os fundos do prédio; mas, se o fez, ao olhar para essas ferrades em toda a sua largura (como deve ter feito), eles não perceberam como esta era ampla ou, em todo caso, deixaram de levar o fato em devida consideração. Na verdade, uma vez tendo se convencido de que nenhuma fuga podia ter sido empreendida por ali, naturalmente concederam ao ponto um exame assaz superficial. Ficou claro para mim, entretanto, que a folha da janela acima da cama ficaria, se aberta até o fim, rente à parede, a pouco mais de meio metro da haste do para-raios. Ficou também evidente que, exigindo um grau bastante incomum de presteza e coragem, a penetração pela janela, a partir do para-raios, podia desse modo ter sido efetuada. — Esticando o braço pela distância de uns setenta e cinco centímetros (supondo agora que a janela está aberta ao máximo), um ladrão poderia agarrar com firmeza o padrão de treliça. Soltando-se, então, do para-raios, apoiando o pé com firmeza na parede e dando um audacioso salto em seguida, pode ter balançado com a folha de modo a fechá-la e, se imaginarmos que a janela estava nesse momento aberta, pode ter até mesmo se balançado para dentro do quarto.

“Quero que tenha particularmente em mente que falo de um grau bastante incomum de presteza como sendo exigido para o sucesso num feito tão arriscado e difícil. É minha intenção lhe mostrar, primeiro, que a coisa pode possivelmente ter sido realizada: — mas, em segundo, e mais importante, desejo

inculcar em seu entendimento o caráter deveras extraordinário — o caráter quase sobrenatural dessa agilidade capaz de tê-lo executado.

“Dirá você, sem dúvida, usando o linguajar do direito, que, para 'provar meu caso', eu deveria antes negligenciar, que enfatizar, uma plena apreciação da presteza exigida nessa situação. Essa talvez seja a prática legal, mas não é desse modo que procede a razão. Meu objetivo último é a verdade. Meu propósito imediato é levá-lo a efetuar uma justaposição dessa presteza bastante incomum de que falei há pouco com aquela voz aguda (ou dissonante) muito peculiar e irregular, acerca de cuja nacionalidade não houve duas pessoas capazes de concordar, e em cuja pronúncia nenhuma silabação pôde ser detectada.”

Ao ouvir essas palavras, uma ideia vaga e ainda não formada do que Dupin queria dizer perpassou minha mente. Eu parecia à beira da compreensão sem a capacidade de compreender — como às vezes se acham os homens, prestes a lembrar, sem serem capazes, no fim, de trazer o dado à lembrança. Meu amigo prosseguiu em seu raciocínio.

“Verá”, disse, “que mudei a questão do método de evasão para o de invasão. Foi meu intento sugerir a ideia de que ambas efetuaram-se da mesma maneira, no mesmo ponto. Voltemos agora ao interior do aposento. Inspeccionemos o que se apresenta ali. As gavetas do bureau, conforme informado, haviam sido vasculhadas, embora muitas peças de roupa continuassem dentro. A conclusão aqui é absurda. É mera conjectura — e das mais tolas — nada além disso. Como podemos saber que as peças encontradas nas gavetas não eram tudo que essas gavetas continham originalmente? Madame L'Espanaye e sua filha viviam uma vida excepcionalmente retirada — nunca recebiam visita — raramente saíam — tinham pouco uso para artigos de vestuário em grande número. Os que se encontraram eram de qualidade no mínimo tão boa quanto qualquer peça que as damas pudessem ter possuído. Se um ladrão levava alguma, por que não levou as melhores — por que não levou tudo? Numa palavra, por que abandonou ele quatro mil francos em ouro para sair carregado de artigos de linho? O ouro foi abandonado. Quase a quantia total mencionada por Monsieur Mignaud, o banqueiro, foi encontrada, em sacolas, no chão. Desejo que você, por conseguinte, descarte de seus pensamentos a ideia precipitada de um motivo, engendrada na cabeça da polícia por aquela parte dos depoimentos que fala do dinheiro entregue na porta da casa. Coincidências dez vezes tão notáveis quanto essa (a entrega do dinheiro e o assassinato cometido três dias após seu recebimento) acontecem conosco a todo instante de nossas vidas sem que isso atraia atenção sequer momentânea. Coincidências, de modo geral, são o grande obstáculo no caminho dessa classe de pensadores educados no mais completo desconhecimento da teoria das probabilidades — essa teoria à qual os mais gloriosos objetos de pesquisa humana devem suas mais gloriosas elucidacões. No presente caso, houvesse o ouro desaparecido, o fato de ter sido

entregue três dias antes teria constituído algo mais do que uma coincidência. Teria sido uma corroboração dessa ideia de motivo. Mas, sob as reais circunstâncias do caso, se supusermos o ouro como a motivação dessa barbaridade, devemos também imaginar seu perpetrador sendo um idiota de tal forma vacilante a ponto de ter abandonado completamente tanto o ouro como o motivo.

“Conservando agora em mente de modo firme os pontos para os quais chamei sua atenção — a voz peculiar, a agilidade incomum e a espantosa ausência de motivo em um assassinato tão singularmente atroz como esse —, atentemos para a carnificina em si. Eis a mulher morta por estrangulamento à força das mãos e enfiada numa chaminé de cabeça para baixo. Homicidas ordinários jamais empregam métodos de assassinato como esse. Muito menos fazem tal coisa com o corpo da vítima. Na maneira de enfiar o cadáver pela chaminé deve você admitir que há algo de excessivamente outré — algo completamente incompatível com nossas noções comuns de atos humanos, até mesmo quando supomos seus autores os mais depravados dos homens. Pense, ainda, quão grande deve ter sido essa força capaz de empurrar o corpo por uma tal abertura de um modo tão poderoso que o esforço conjunto de diversos braços, como se viu, quase não bastou para tirá-lo dali!

“Atente agora para outros indícios do emprego de uma força assim portentosa. Na lareira havia mechas grossas — mechas muito grossas — de cabelos grisalhos. Haviam sido arrancados pela raiz. Sabe você perfeitamente da grande força necessária para arrancar desse modo da cabeça até mesmo vinte ou trinta fios de cabelo juntos. Viu os cachos em questão tão bem quanto eu próprio. Suas raízes (que visão hedionda!) exibiam grumos sanguinolentos com pedaços de carne do couro cabeludo — sem dúvida evidência da força prodigiosa empreendida para extirpar talvez meio milhão de fios de uma só vez. A garganta da velha senhora não estava simplesmente cortada, mas a cabeça fora seccionada por completo do corpo: o instrumento, uma mera navalha. Quero que olhe também para a ferocidade brutal desses atos. Dos hematomas sobre o corpo de Madame L'Espanaye nada direi. Monsieur Dumas, e seu digno ajudante, Monsieur Etienne, afirmaram que foram infligidos por algum instrumento obtuso; e até aí esses senhores estão corretos. O instrumento obtuso foi claramente o piso de pedra do pátio, sobre o qual a vítima caíra da janela que fica acima da cama. Essa ideia, por mais simples que agora possa parecer, escapou à polícia pelo mesmo motivo que a largura das folhas de janela lhes escapou — porque, com o negócio dos pregos, suas percepções ficaram hermeticamente fechadas contra a mera possibilidade de as janelas terem sido abertas.

“Se agora, além de todas essas coisas, você refletir adequadamente sobre a esquisita desordem do quarto, teremos chegado ao ponto de combinar as ideias

de agilidade surpreendente, força sobre-humana, ferocidade brutal, carnificina sem motivo, uma grotesquerie cujo horror é absolutamente discrepante com a natureza humana e uma voz cuja entonação pareceu estrangeira aos ouvidos de homens de várias nacionalidades, bem como destituída de qualquer articulação distinta ou inteligível. Que resultado, então, se segue? Que impressão causei sobre sua imaginação?”

Senti um arrepio na carne quando Dupin me fez a pergunta. “Um louco”, afirmei, “cometeu esse ato — algum maníaco desvairado fugido de uma maison de santé dos arredores.”

“Em alguns aspectos”, respondeu, “sua ideia não é irrelevante. Mas as vozes dos loucos, mesmo no paroxismo mais descontrolado, jamais se comparam a essa voz peculiar que foi escutada das escadas. Loucos alguma nacionalidade hão de ter, e sua língua, por mais incoerentes que sejam suas palavras, sempre guarda a coerência da silabação. Além do mais, os cabelos de um louco não se parecem em nada com isso que tenho em minha mão. Soltei esse pequeno tufo dos dedos rigidamente fechados de Madame L'Espanaye. Diga-me o que acha disto.”

“Dupin!”, disse eu, muito agitado; “este cabelo é a coisa mais incomum — isto não é cabelo humano.”

“Não afirmei que fosse”, disse ele; “mas, antes de decidirmos esse ponto, quero que dê uma olhada no pequeno esboço que rabisquei sobre este papel. É um desenho fac-símile do que foi descrito em uma parte dos depoimentos como 'negros hematomas e marcas profundas de unhas' na garganta de Mademoiselle L'Espanaye e, em outra (pelos messieurs Dumas e Etienne), como uma 'série de manchas lívidas, evidentemente marcas de dedos'.

“Perceberá”, prosseguiu meu amigo, abrindo o papel sobre a mesa diante de nós, “que o desenho dá uma ideia de preensão firme e fixa. Não há sinal aparente de dedos escorregando. Cada dedo se manteve — possivelmente até a morte da vítima — terrivelmente agarrado ao ponto original. Experimente agora colocar todos os seus dedos, ao mesmo tempo, nas respectivas marcas, tal como vê.”

Fiz a tentativa, em vão.

“Nós, possivelmente, não estamos procedendo a um julgamento legítimo dessa questão”, disse. “O papel está aberto sobre uma superfície plana; mas a garganta humana é cilíndrica. Eis aqui uma acha de lenha, cuja circunferência é aproximadamente a de uma garganta. Enrole o desenho em torno dela e tente a experiência mais uma vez.”

Fiz como instruído; mas a dificuldade ficou ainda mais óbvia do que antes. “Isso”, disse eu, “não é marca de nenhuma mão humana.”

“Leia agora”, replicou Dupin, “esta passagem de Cuvier.”

Era um relato com minúcias anatômicas e descrições gerais a respeito do

grande orangotango fulvo das ilhas indonésias. A estatura gigantesca, a força e agilidade prodigiosas, a ferocidade selvagem e as propensões imitativas desses mamíferos são suficientemente bem conhecidas de todos. Compreendi plenamente e na mesma hora os horrores dos assassinatos.

“A descrição dos dedos”, disse eu, ao terminar de ler, “está exatamente de acordo com o desenho. Percebo que nenhum outro animal além de um orangotango da espécie aqui mencionada poderia ter deixado marcas como as que rabiscou. Este tufo de pelo marrom-avermelhado, também, é idêntico em caráter ao da fera de Cuvier. Mas não consigo conceber de modo algum os detalhes desse pavoroso mistério. Além do mais, foram duas as vozes ouvidas em alteração, e uma delas era inquestionavelmente a de um francês.

“De fato; e você há de lembrar uma expressão atribuída quase que de forma unânime, pelos depoimentos, a essa voz — a expressão 'mon Dieu!'. Isso, sob as circunstâncias, foi legitimamente caracterizado por uma das testemunhas (Montani, o confeiteiro) como uma exclamação de advertência ou protesto. Sobre essas duas palavras, portanto, ergui minhas principais esperanças de solucionar plenamente o enigma. Um francês tinha conhecimento do crime. É possível — na verdade, mais do que provável — que seja inocente de qualquer participação nos sangrentos acontecimentos que ali tiveram lugar. O orangotango talvez tenha lhe escapado. Pode ter acontecido de tê-lo seguido até o aposento; porém, sob as perturbadoras circunstâncias que se sucederam, talvez nunca o tenha recapturado. O animal continua à solta. Não vou prosseguir nessas conjecturas — pois nenhum direito tenho de reputá-las nada além disso —, uma vez que os vestígios de reflexão sobre os quais se assentam mal exibem profundidade suficiente para serem apreciados por meu próprio intelecto, e desse modo eu não poderia torná-las inteligíveis para a compreensão alheia. Vamos chamá-las, portanto, de conjecturas, e seguir nos referindo a elas como tal. Se o francês em questão é, de fato, como suponho, inocente dessas atrocidades, este anúncio, que deixei ontem à noite, quando voltávamos para casa, na redação do *Le Monde* (um jornal voltado a assuntos mercantis e muito procurado pelos marinheiros), o trará até nossa residência.”

Estendeu-me um papel, que assim dizia:

CAPTURADO — No Bois de Boulogne, hoje cedo pela manhã do — corrente (a manhã dos assassinatos), um enorme orangotango fulvo da espécie de Bornéu. Seu dono (que se averiguou ser um marinheiro pertencente a uma embarcação maltesa) poderá reaver o animal identificando-se de forma satisfatória e pagando algumas despesas devidas a sua captura e cuidados. Procurar no n° 33, Rue Faubourg St. Germain — terceiro andar.

“Como foi possível”, perguntei, “saber que o homem é um marinheiro e pertence a uma embarcação maltesa?”

“Não sei de fato”, disse Dupin. “Não tenho certeza disso. Aqui está,

porém, um pequeno pedaço de fita que, pela forma, e pelo aspecto encardido, tem sido evidentemente usada para amarrar o cabelo numa dessas longas queues [*rabos de cavalo*] tão ao gosto dos marujos. Além do mais, esse nó é um que poucos senão marinheiros conseguem dar, e é peculiar aos malteses. Encontrei a fita ao pé da haste do para-raios. Não podia ter pertencido a nenhuma das vítimas. Bem, e se, afinal de contas, erro em deduzir por essa fita que o francês era um marinheiro pertencente a uma embarcação maltesa, ainda assim nenhum mal causei dizendo o que disse no anúncio. Se me equivoque, o sujeito irá meramente supor que me deixei iludir por alguma circunstância sobre a qual não se dará o trabalho de indagar. Mas, se estiver correto, um grande objetivo terá sido conquistado. Sabedor, ainda que inocente, do assassinato, o francês naturalmente hesitará em responder ao anúncio — em reclamar o orangotango. Ele assim raciocinará: — 'Sou inocente; sou pobre; meu orangotango vale muito — para alguém em minhas condições, uma verdadeira fortuna — por que deveria perdê-lo com essas fúteis apreensões de perigo? Ei-lo aqui, ao meu alcance. Foi encontrado no Bois de Boulogne — a uma enorme distância da cena da carnificina. Como se suspeitará que uma fera bruta possa ter realizado tal coisa? A polícia está às escuras — fracassaram em encontrar a mais leve pista. Mas, caso conseguissem rastrear o animal, seria impossível provar que tenho conhecimento do crime, ou imputar-me culpa por conta desse conhecimento. E, além do mais, já se sabe de minha pessoa. O anunciante se refere a mim como dono da criatura. Não tenho certeza sobre até onde vão suas informações. Caso deixe de reclamar uma propriedade de tão grande valor, que é sabido que possuo, corro o risco de levantar suspeitas, ao menos sobre o animal. Não é prudente de minha parte atrair a atenção seja sobre mim, seja sobre a fera. Vou atender ao anúncio, recuperar o orangotango e mantê-lo preso até o assunto ter esfriado'."

Nesse momento, escutamos passos nas escadas.

"Fique a postos", disse Dupin, "com suas pistolas, mas sem usá-las nem mostrá-las até que eu dê algum sinal."

A porta de entrada da casa fora deixada aberta e o visitante entrara, sem tocar a campainha, e já avançara vários degraus pela escada. Agora, porém, parecia hesitar. Pouco depois, nós o escutamos descendo. Dupin se dirigiu rapidamente à porta quando novamente ouvimos que subia. Ele não deu meia-volta uma segunda vez, mas avançou com determinação e bateu na porta de nosso gabinete.

"Entre", disse Dupin, em um tom alegre e cordial.

Um homem entrou. Era um marinheiro, evidentemente — um sujeito alto, robusto e musculoso, com um quê de valentia no semblante, não inteiramente destituído de distinção. Mais da metade de seu rosto muito bronzeado ocultava-se sob as suíças e um mustachio. Portava consigo um

enorme bordão de carvalho, mas parecia, de resto, desarmado. Fez uma desajeitada mesura e dirigiu-nos um “boa tarde” com sotaque francês que, embora ligeiramente tirante ao suíço de Neuchâtel, ainda assim era suficientemente indicativo de uma origem parisiense.

“Sente, meu amigo”, disse Dupin. “Presumo que esteja aqui por causa do orangotango. Palavra de honra, quase chego a invejá-lo por sua posse; um animal sumamente belo e, sem dúvida, muito valioso. Que idade presume que tenha?”

O marinheiro respirou fundo, com a aparência de um homem aliviado de algum intolérável fardo, e então respondeu, em tom confiante:

“Não me é possível dizer — mas não pode ter mais de quatro ou cinco anos de idade. Estão com ele aqui?”

“Oh, não; não contávamos com instalações para mantê-lo aqui. Ele está em um estábulo de aluguel na Rue Dubourg, aqui perto. Pode buscá-lo pela manhã. Claro que está preparado para identificar sua propriedade?”

“Certamente que estou, senhor.”

“Lamentarei me separar dele”, disse Dupin.

“Não é minha intenção que tenha tido todo esse trabalho por nada, senhor”, disse o homem. “Não poderia esperar tal coisa. Estou inteiramente disposto a pagar uma recompensa por ter encontrado o animal — quer dizer, qualquer coisa dentro do razoável.”

“Bom”, respondeu meu amigo, “isso tudo é muito justo, com certeza. Deixe-me pensar! — quanto devo pedir? Ah! Já lhe digo. Minha recompensa será a seguinte. Quero que me forneça todas as informações em seu poder acerca dos assassinatos na Rue Morgue.”

Dupin disse essas últimas palavras em um tom muito baixo, e muito tranquilamente. Tão tranquilamente quanto, também, andou na direção da porta, trancou-a e enfiou a chave em seu bolso. Depois ele puxou a pistola de seu peitilho e a pôs, sem a mínima agitação, sobre a mesa.

O rosto do marinheiro ficou vermelho como se lutasse para não sufocar. Levantou-se de repente e agarrou seu bordão; mas, no momento seguinte, desabou de volta em sua cadeira, tremendo violentamente, e com o semblante da própria morte. Não disse uma palavra. Apiei-me dele do fundo de meu coração.

“Meu amigo”, disse Dupin, num tom bondoso, “está se alarmando desnecessariamente — de fato está. Não pretendemos lhe fazer mal algum. Dou minha palavra de cavalheiro, e de francês, que não temos a menor intenção de prejudicá-lo. Sei perfeitamente bem que é inocente das atrocidades na Rue Morgue. Entretanto, de nada adianta negar que está em certa medida implicado nelas. Pelo que já afirmei, deve saber que tenho tido meios de me informar acerca desse episódio — meios sobre os quais jamais sonharia. Agora a coisa

está nesse pé. O senhor não fez nada que pudesse ter evitado — nada, decerto, que o torne culpável. Não é sequer culpado de roubo, quando poderia ter roubado impunemente. Não tem o que esconder. Nenhum motivo para se esconder. Por outro lado, está obrigado, segundo todos os princípios da honra, a confessar tudo que sabe. Um homem inocente acha-se preso neste momento, acusado do crime cujo perpetrador está em suas mãos apontar.”

O marinheiro havia recobrado a presença de espírito, em grande medida, conforme Dupin pronunciava essas palavras; mas sua atitude original de audácia se fora completamente.

“Que Deus me ajude”, disse ele, após breve pausa, “vou mesmo lhes contar tudo que sei acerca desse negócio; — mas não espero que acreditem na metade do que direi — eu seria um tolo de fato se esperasse. Mesmo assim, sou inocente, e vou me abrir inteiramente, ainda que isso me custe a vida.”

O que ele afirmou foi, substancialmente, o seguinte. Havia recentemente empreendido uma viagem ao arquipélago indonésio. Um grupo do qual ele tomava parte desembarcou em Bornéu e saiu numa expedição pelo interior da ilha, a passeio. Ele e um colega haviam capturado o orangotango. Com a morte do amigo, o animal passou a sua posse exclusiva. Depois de grande transtorno, ocasionado pela intratável ferocidade de seu cativo durante a viagem de volta, ele enfim conseguiu alojá-lo a salvo em sua própria residência, em Paris, onde, para não atrair sobre si a incômoda curiosidade de seus vizinhos, manteve-o cuidadosamente isolado, até que se curasse de um ferimento no pé, sofrido com uma lasca de madeira, a bordo do navio. Seu objetivo era vendê-lo.

Voltando para casa após uma farra de marinheiros certa noite, ou, melhor dizendo, na manhã dos assassinatos, deu com a criatura ocupando seu próprio quarto, que invadira por um closet contíguo, onde estivera, assim ele pensara, seguramente confinado. Navalha na mão, e devidamente ensaboado, o animal sentava diante do espelho, ensaiando a operação de se barbear, na qual sem dúvida assistira seu dono pelo buraco da fechadura no closet. Aterrorizado com a visão de arma tão perigosa na posse de um animal tão feroz, e tão bem capacitado a usá-la, o homem, por alguns momentos, ficou perdido quanto ao que fazer. Havia se acostumado, entretanto, a acalmar a criatura, mesmo nos momentos em que se mostrava mais furiosa, com o uso de um chicote, e então disso lançou mão. Ao ver o instrumento, o orangotango disparou imediatamente pela porta do quarto, desceu as escadas e dali, por uma janela, desgraçadamente aberta, ganhou a rua.

O francês o seguiu em desespero; o macaco, com a navalha ainda na mão, ocasionalmente parava a fim de olhar para trás e gesticular para seu perseguidor, até este quase alcançá-lo. Depois disparava outra vez. Desse modo a caçada prosseguiu por um longo tempo. As ruas estavam profundamente tranquilas, sendo cerca de três da manhã. Ao passar por uma viela atrás da Rue

Morgue, a atenção do fugitivo foi atraída por uma luz brilhando na janela aberta do aposento de Madame L'Espanaye, no quarto andar da casa. Indo na direção do prédio, percebeu o para-raios, trepou na haste com incrível agilidade, agarrou a folha da janela, que estava aberta ao máximo, rente à parede, e, por seu intermédio, balançou-se diretamente sobre a cabeceira da cama. A proeza toda não ocupou um minuto. Com o coice do orangotango ao entrar no quarto, a folha da janela voltou a se abrir.

O marinheiro, entretantes, ficou ao mesmo tempo exultante e confuso. Tinha fortes esperanças de recapturar a criatura, agora, já que dificilmente escaparia da armadilha em que se metera a não ser pelo para-raios, onde podia ser interceptado ao descer. Por outro lado, havia grandes motivos de inquietação quanto ao que o animal podia fazer dentro da casa. Este último pensamento redobrou o empenho do homem na perseguição do fugitivo. Uma haste de para-raios pode ser escalada sem dificuldade, especialmente por um marinheiro; mas, uma vez tendo chegado na altura da janela, que ficava muito longe a sua esquerda, seu avanço foi interrompido; o máximo que podia fazer era se esticar de modo a obter alguma visão do interior do aposento. E a cena que presenciou quase o fez perder o apoio e cair, tal seu horror. Foi nesse instante que se elevaram na noite os hediondos gritos que tiraram de seu sono os moradores da Rue Morgue. Madame L'Espanaye e sua filha, em roupas de dormir, aparentemente ocupavam-se de arrumar alguns papéis no cofre de ferro já mencionado, que haviam puxado para o meio do quarto. Ele estava aberto, e o conteúdo jazia ao lado, no soalho. As vítimas deviam estar de costas para a janela; e, pelo tempo transcorrido entre a invasão do animal e os gritos, parece provável que sua presença não fora notada de imediato. A batida da janela teria naturalmente sido atribuída ao vento.

Quando o marinheiro olhou ali dentro, o gigantesco animal havia agarrado Madame L'Espanaye pelo cabelo (que estava solto, pois que o estivera penteando) e executava floreios com a navalha diante de seu rosto, imitando os movimentos de um barbeiro. A filha jazia prostrada e imóvel; desmaiara. Os gritos e debatidas da velha senhora (durante os quais os cabelos foram-lhe arrancados da cabeça) tiveram por efeito mudar os propósitos provavelmente pacíficos do orangotango num ataque de fúria. Com um puxão determinado do braço musculoso quase arrancou sua cabeça do corpo. A visão do sangue inflamou sua ira ao ponto do frenesi. Rilhando os dentes, e com os olhos dardejando, ele pulou sobre o corpo da garota e cravou as temíveis garras em sua garganta, mantendo o aperto até que expirasse. Seu olhar esgazead e enlouquecido dirigiu-se nesse momento à cabeceira da cama, acima da qual se podia ver o rosto de seu dono, rígido de horror. A fúria do animal, que sem dúvida trazia ainda na lembrança o temido chicote, converteu-se instantaneamente em medo. Consciente de merecer punição, pareceu desejoso de ocultar seus feitos

sanguinários, e saiu pulando pelo quarto numa agonia de agitação nervosa; derrubando e quebrando a mobília conforme se movimentava, e arrastando o colchão para fora da cama. Por fim, agarrou primeiro o cadáver da filha, e enfiou-o na chaminé, tal como foi encontrado; depois o da velha senhora, que atirou na mesma hora pela janela, de cabeça.



Quando o macaco se aproximava da janela com seu fardo mutilado, o marinheiro encolheu-se horrorizado no para-raios e, mais deslizando do que descendo, disparou imediatamente para casa — temeroso das consequências daquela carnificina, e de bom grado abandonando, em seu terror, qualquer consideração acerca do destino do orangotango. As palavras ouvidas pelo grupo que subia as escadas eram as exclamações de horror e medo do francês,

entremeadas aos diabólicos balbucios do bruto.

Quase mais nada tenho a acrescentar. O orangotango deve ter escapado do aposento pelo para-raios pouco antes do arrombamento da porta. Deve ter fechado a janela ao passar. Foi posteriormente capturado pelo próprio dono, que obteve pelo animal uma grande quantia no Jardin des Plantes. Le Bon foi solto imediatamente, assim que relatamos as circunstâncias (com algumas observações de Dupin) no bureau do chefe de polícia. Esse funcionário, por mais que mostrasse boa disposição em relação ao meu amigo, foi incapaz de ocultar completamente sua mortificação com o rumo que os acontecimentos haviam tomado, e não pôde resistir ao gracejo de um ou dois comentários sarcásticos, no sentido de como seria melhor se cada um cuidasse da própria vida.

“Deixemos que fale”, disse Dupin, que não julgara necessário responder. “Deixemos que discursar; aliviará sua consciência. Fico satisfeito de tê-lo derrotado em seus próprios domínios. Todavia, que tenha fracassado na solução desse mistério, não é de modo algum todo esse motivo de admiração que ele supõe, pois, na verdade, nosso amigo chefe de polícia é de certa forma astuto demais para ser profundo. Em sua argúcia não há qualquer stamen. Ela é toda cabeça e nenhum corpo, como as imagens da deusa Laverna — ou, na melhor das hipóteses, toda cabeça e ombros, como um bacalhau. Mas trata-se de um bom sujeito, afinal de contas. Gosto dele sobretudo por seu golpe de mestre em dizer platitudes, mediante as quais conquistou sua reputação de engenhosidade. Refiro-me ao modo que tem de *nier ce qui est, et d'expliquer ce qui n'est pas*.”¹



O mistério de Marie Rogêt

Uma continuação de “Os assassinatos na Rue Morgue”²

The Mystery of Marie Rogêt

A Sequel to "The Murders in the Rue Morgue", 1842

Tradução: Cássio de Arantes Leite

Há séries ideais de acontecimentos que correm paralelamente às reais.
Elas raramente coincidem. Os homens e as circunstâncias geralmente
modificam a
cadeia ideal de acontecimentos, de modo que ela parece imperfeita,
e suas consequências são igualmente imperfeitas. Tal se deu com a
Reforma;
em vez do protestantismo veio o luteranismo.

NOVALIS

[*nom de plume* de Von Hardenburg]
Moralische Ansichten

EXISTEM POUCAS PESSOAS, mesmo entre os pensadores mais serenos, que não tenham sido ocasionalmente surpreendidas por uma vaga embora empolgante crença parcial no sobrenatural, devido a coincidências de um caráter aparentemente tão espantoso que, enquanto meras coincidências, o intelecto foi incapaz de apreendê-las. Tais sentimentos — pois essas crenças parciais de que falo aqui nunca têm a plena força do pensamento — dificilmente são reprimidos por completo a não ser quando referidos à doutrina do acaso, ou, como ela se denomina tecnicamente, ao Cálculo das Probabilidades. Ora, esse cálculo é, em sua essência, puramente matemático; e desse modo temos a anomalia do que há de mais rigorosamente exato nas ciências aplicado à obscuridade e espiritualidade do que há de mais intangível na especulação.

Ver-se-á que os extraordinários detalhes que ora sou levado a tornar públicos formam, com respeito à sequência do tempo, o ramo principal de uma série de coincidências dificilmente inteligíveis, cujo ramo secundário ou concludente será reconhecido por todos os leitores no recente assassinato de

MARY CECILIA ROGERS, em Nova York

Quando, num artigo intitulado “Os assassinatos na Rue Morgue”, empenhei-me, há cerca de um ano, em retratar alguns traços deveras notáveis no caráter mental de meu amigo, o Chevalier C. Auguste Dupin, não me passou pela cabeça que um dia retomaria meu tema. A retratação desse caráter constituía meu intento; e esse intento foi cumprido na série de circunstâncias apresentadas para exemplificar a idiossincrasia de Dupin. Eu podia ter aduzido outros exemplos, mas não teria provado nada além do que fiz. Eventos posteriores, entretanto, em seus surpreendentes desdobramentos, motivaram-me a entrar em mais detalhes, que carregarão consigo um ar de confissão arrancada à força. Tendo ouvido o que ouvi recentemente, seria de fato estranho que eu permanecesse em silêncio com respeito ao que há tanto tempo vi e ouvi.

Com o desfecho da tragédia implicada nas mortes de Madame L'Espanaye e sua filha, o Chevalier afastou o episódio imediatamente de sua atenção, e recaiu em seus antigos hábitos de temperamentais devaneios. Inclinado, a todo momento, à abstração, prontamente harmonizei-me com seu estado de espírito; e, continuando a ocupar nossas acomodações no Faubourg Saint Germain, abandonamos o Futuro ao sabor dos ventos e dormitamos tranquilamente no Presente, tecendo em sonhos a trama insípida do mundo que nos cercava.

Mas esses sonhos não foram completamente ininterruptos. Pode-se presumir facilmente que o papel desempenhado por meu amigo no drama da Rue Morgue não deixou de causar espécie na imaginação da polícia parisiense. Entre seus agentes, o nome de Dupin tornou-se menção familiar. Dado o caráter simples daquelas deduções pelas quais elucidara o mistério nunca explicado sequer para o chefe de polícia, ou para qualquer outro indivíduo senão eu mesmo, sem dúvida não é de surpreender que o episódio fosse encarado como pouco menos do que miraculoso ou que as capacidades analíticas do Chevalier houvessem lhe granjeado o crédito da intuição. Sua franqueza o teria levado a desabusar quem quer que o inquiresse com tal opinião preconcebida; mas seu estado de espírito indolente impedia qualquer ulterior agitação a respeito de um assunto cujo interesse para ele próprio havia muito deixara de existir. Desse modo aconteceu de se ver como o centro de atenções aos olhos da polícia; e não foram poucos os casos em que se fizeram tentativas de empregar seus serviços na *préfecture*. [*chefatura*] Um dos mais notáveis foi o do assassinato de uma jovem chamada Marie Rogêt.

Esse evento ocorreu cerca de dois anos após a atrocidade na Rue Morgue. Marie, cujo nome de batismo e de família irão imediatamente chamar a atenção por sua semelhança com os da infeliz “garota dos charutos”. [Mary Rogers era

balconista de uma tabacaria] era filha única da viúva Estelle Rogêt. O pai

morrera quando ela era criança e, da época de sua morte, até dezoito meses previamente ao assassinato que compõe o tema de nossa narrativa, mãe e filha moraram juntas na Rue Pavée Saint Andréé [Nassau Street]; a Madame aí mantinha uma pension, assistida por Marie. As coisas continuaram desse modo até esta última ter completado vinte e dois anos, quando sua grande beleza atraiu a atenção de um perfumista, que ocupava uma das lojas térreas do Palais Royal, e cuja clientela se compunha sobretudo dos perigosos aventureiros que infestavam a vizinhança. Monsieur Le Blanc [Anderson] não ignorava as vantagens advindas de ter a bela Marie atendendo em sua perfumaria; e seu pródigo oferecimento foi ansiosamente acolhido pela garota, embora com um pouco mais de hesitação por parte da Madame.

O que o lojista previra se concretizou, e seu estabelecimento logo se tornou notório graças aos encantos da animada grisette. Ela ocupava aquele emprego havia quase um ano quando seus admiradores foram surpreendidos por seu súbito desaparecimento da loja. Monsieur Le Blanc era incapaz de explicar sua ausência e Madame Rogêt ficou tomada de aflição e terror. Os jornais abordaram imediatamente o assunto e a polícia estava prestes a empreender sérias investigações quando, numa bela manhã, após transcorrida uma semana, Marie, gozando de boa saúde, embora com ar um pouco entristecido, tornou a aparecer em seu costumeiro balcão na perfumaria. Toda averiguação, exceto uma de caráter privado, foi é claro imediatamente abafada. Monsieur Le Blanc professou total ignorância, como antes. Marie, assim como a Madame, responderam a todas as perguntas dizendo que a semana anterior fora passada na casa de parentes, no campo. Desse modo o assunto morreu, e foi por todos esquecido; pois a garota, alegadamente para se livrar da impertinência da curiosidade geral, pouco depois disse adeus ao perfumista e buscou refúgio na residência de sua mãe, na Rue Pavée Saint Andréé.

Foi cerca de três anos após ter voltado para casa que seus amigos ficaram alarmados com seu súbito desaparecimento pela segunda vez. Três dias se passaram sem que se tivesse qualquer notícia dela. No quarto, seu cadáver foi encontrado flutuando no Sena [Hudson], junto à margem oposta ao Quartier da Rue Saint Andréé, e num ponto não muito distante dos isolados arredores da Barrière du Roule [Weehawken].

A atrocidade desse assassinato (pois ficou imediatamente evidente que um assassinato fora cometido), a juventude e beleza da vítima e, acima de tudo, sua anterior notoriedade combinaram-se para gerar uma intensa agitação na mente dos impressionáveis parisienses. Sou incapaz de trazer à memória qualquer outra ocorrência similar que tenha produzido um efeito tão geral e intenso. Por várias semanas, na discussão desse assunto absorvente, até mesmo as importantes

questões políticas foram deixadas de lado. O chefe de polícia empreendeu esforços fora do comum; e os recursos de toda a corporação parisiense foram, é claro, exigidos ao máximo.

Assim que se encontrou o cadáver, ninguém imaginava que o assassino seria capaz de se evadir, por mais do que um período muito breve, à investigação que foi imediatamente posta em ação. Somente ao final de uma semana julgou-se necessário oferecer uma recompensa; e mesmo então o prêmio se limitou a mil francos. Nesse meio-tempo, as buscas prosseguiram com vigor, ainda que nem sempre com bom-senso, e inúmeros indivíduos foram interrogados sem resultado; ao passo que, devido à contínua ausência de quaisquer pistas para o mistério, a agitação popular só fez crescer. Ao final do décimo dia julgou-se aconselhável dobrar a quantia originalmente oferecida; e, finalmente, após transcorrer uma segunda semana sem que se chegasse a nenhuma revelação, e tendo-se dado vazão à intolerância contra a polícia que sempre existiu em Paris mediante inúmeros graves *émeutes*, [tumultos] o chefe de polícia encarregou-se pessoalmente de oferecer a quantia de vinte mil francos “pela denúncia do assassino” ou, se mais de um se provasse envolvido, “pela denúncia de qualquer um dos assassinos”. No anúncio em que se ofertou a recompensa, pleno perdão era prometido a qualquer cúmplice que apresentasse alguma evidência contra seu parceiro; e a isso tudo ia apenso, onde quer que o anúncio aparecesse, um cartaz privado de uma comissão de cidadãos oferecendo dez mil francos, além da quantia proposta pela chefatura de polícia. A recompensa toda assim chegava a não menos que trinta mil francos, o que há de se convir ser uma soma extraordinária quando consideramos a condição humilde da garota e a enorme frequência, nas cidades grandes, de tais atrocidades como a que se descreveu.

Ninguém duvidava agora que o mistério desse assassinato seria imediatamente esclarecido. Mas, embora em uma ou duas oportunidades tenham sido feitas detenções com a promessa de elucidação, ainda assim nada veio à tona capaz de implicar os indivíduos suspeitos; e estes foram liberados incontinentemente. Por estranho que possa parecer, a terceira semana da descoberta do corpo havia passado, e passou sem que luz alguma fosse lançada sobre o assunto, antes de até mesmo um rumor dos eventos que tanto agitavam a opinião pública chegar aos ouvidos de Dupin e aos meus. Debruçados em pesquisas que absorviam toda a nossa atenção, transcorrera quase um mês sem que nenhum de nós saísse de casa nem recebesse uma única visita, quando muito correndo os olhos pelos principais artigos políticos de um dos jornais diários. A primeira notícia do assassinato foi-nos trazida por G——, pessoalmente. Ele nos procurou no início da tarde do dia 13 de julho de 18—, e permaneceu conosco até tarde da noite. Estava indignado com o fracasso de todas suas tentativas em desentocar os assassinos. Sua reputação — conforme disse com um ar peculiarmente parisiense — estava em jogo. Mesmo sua honra corria perigo. Os olhos do

público estavam sobre ele; e decerto não havia sacrifício que não se dispunha a fazer por algum progresso na elucidação do mistério. Concluiu suas palavras até certo ponto risíveis com um elogio ao que tinha a satisfação de chamar de o tato de Dupin, e lhe fez um oferecimento direto e, certamente, pródigo cuja natureza precisa não me sinto à vontade para revelar, mas que não tem qualquer relevância para o assunto mesmo de minha narrativa.

O elogio meu amigo o refutou o melhor que pôde, mas a proposta aceitou-a na mesma hora, embora seus benefícios fossem inteiramente condicionais. Uma vez isso acertado, o chefe de polícia passou imediatamente às explanações de seus próprios pontos de vista, entremeados a longos comentários sobre os depoimentos; destes ainda não estávamos de posse. Ele falou longamente e, sem sombra de dúvida, com conhecimento de causa; quanto a mim, aventurava uma ou outra sugestão ocasional conforme a noite sonolentemente se estendia. Dupin, sentado ereto em sua poltrona costumeira, era a personificação da atenção respeitosa. Permaneceu de óculos durante toda a conversa; e um ocasional relance por baixo de seus vidros verdes bastou para me convencer de que dormiu, não menos pesadamente pois que em silêncio, durante todas as sete ou oito horas morosas imediatamente precedentes à partida do chefe de polícia.

Pela manhã, obtive, na chefatura, um relatório completo com todos os testemunhos colhidos e, nas redações dos diversos jornais, um exemplar de cada jornal em que, desde o início até o fim, fora publicada qualquer informação conclusiva sobre o triste episódio. Livre de tudo quanto estava positivamente refutado, a massa de informação era a seguinte:

Marie Rogêt deixou a residência de sua mãe, na Rue Pavée St. Andrée, por volta das nove horas da manhã de domingo, no dia 22 de junho de 18—. Ao sair, comunicou a um certo Monsieur Jacques St. Eustache, somente a ele e a mais ninguém, sua intenção de passar o dia com uma tia que residia na Rue des Drômes. A Rue des Drômes é uma via curta e estreita, mas movimentada, não muito longe das margens do rio, e a uma distância de uns três quilômetros, no curso mais direto possível, desde apension de Madame Rogêt. St. Eustache era o pretendente de Marie, e se hospedava, bem como fazia suas refeições, na pension. Fora sua intenção buscar sua noiva ao escurecer, de modo a acompanhá-la na volta para casa. À tarde, porém, choveu pesadamente; e, supondo que ela passaria a noite na casa da tia (como fizera sob circunstâncias similares antes), não julgou necessário cumprir o combinado. Com o cair da noite, Madame Rogêt (que era uma velha doente, de setenta anos de idade) manifestou o receio “de que nunca veria Marie outra vez”; mas o comentário chamou pouca atenção, naquele momento.

Na segunda-feira, verificou-se que a moça não estivera na Rue des Drômes; e quando o dia passou sem que se tivesse notícia dela uma busca tardia foi instituída em diversos pontos da cidade e dos arredores. Entretanto, não foi

senão no quarto dia após seu desaparecimento que alguma coisa satisfatória se verificou com respeito a ela. Nesse dia (quarta-feira, dia 25 de junho), um certo Monsieur Beauvais [Crommelin], que, junto com um amigo, estivera indagando a respeito de Marie perto da Barrière du Roule, na margem do Sena oposta à Rue Pavée St. André, foi informado de que um cadáver acabara de ser retirado da água por alguns pescadores, que o haviam encontrado flutuando no rio. Ao ver o corpo, Beauvais, após alguma hesitação, identificou-o como sendo da garota da perfumaria. Seu amigo reconheceu-o mais prontamente.

O rosto estava coberto de sangue escurecido, parte dele escorrido pela boca. Não se via espuma alguma, como é o caso dos meramente afogados. Não havia descoloração do tecido celular. Perto da garganta viam-se hematomas e marcas de dedos. Os braços estavam dobrados sobre o peito e rígidos. A mão direita estava fechada com firmeza; a esquerda, parcialmente aberta. No pulso esquerdo havia duas escoriações circulares, aparentemente causadas por cordas, ou uma corda dando mais de uma volta. Uma parte do pulso direito, também, estava bastante esfolada, bem como as costas em toda a sua extensão, mas, mais particularmente, nas omoplatas. Ao puxar o corpo para a margem os pescadores haviam-no amarrado a uma corda; mas nenhuma das escoriações fora provocada por isso. A carne do pescoço estava muito inchada. Não havia cortes visíveis, ou contusões que parecessem efeito de golpes. Descobriu-se um pedaço de fita amarrado tão apertado em torno do pescoço que não podia ser visto; estava completamente enterrado na carne, e preso por um nó logo abaixo da orelha esquerda. Só isso já teria sido suficiente para causar a morte. O laudo médico atestou com segurança o caráter virtuoso da falecida. Ela fora submetida, dizia, a uma violência brutal. Nas condições em que o corpo foi encontrado não poderia haver qualquer dificuldade em seu reconhecimento pelos amigos.

A roupa estava muito rasgada e, no mais, desfeita. No exterior do vestido, uma faixa, com cerca de trinta centímetros de largura, fora rasgada da barra inferior até a cintura, mas não arrancada. Estava enrolada três vezes em torno da cintura e presa por uma espécie de nó às costas. A roupa, imediatamente sob o vestido, era de fina musselina; e dessa parte uma faixa de quarenta e cinco centímetros fora inteiramente arrancada — arrancada muito uniformemente e com grande cuidado. Foi encontrada em torno do pescoço, enrolada de um modo frouxo, e presa com um nó cego. Sobre essa faixa de musselina e a faixa de renda estavam amarrados os cordões de um bonnet; o chapéu ainda pendente. O nó pelo qual os cordões desse chapéu estavam amarrados não era tipicamente feminino, mas um nó corrediço de marinheiro.

Após o reconhecimento do corpo, ele não foi levado, como de costume, para a Morgue (essa formalidade sendo supérflua), mas enterrado às pressas não muito longe do ponto onde fora resgatado das águas. Graças aos esforços de

Beauvais, o assunto foi diligentemente abafado, o máximo possível; e vários dias se passaram antes que qualquer comoção pública disso adviesse. Um jornal hebdomadário [New York Mercury], entretanto, finalmente noticiou o caso; o cadáver foi exumado e procedeu-se a um novo exame; mas nada apareceu que já não houvesse sido antes observado. As roupas, entretanto, foram agora submetidas à mãe e aos amigos da vítima e identificadas seguramente como as que a moça usava ao sair de casa.

Entrementes, a excitação crescia hora a hora. Diversos indivíduos foram detidos e liberados. Especiais suspeitas recaíram sobre St. Eustache; e ele foi incapaz, no começo, de fornecer um relato coerente de seu paradeiro no domingo em que Marie saiu de casa. Subsequentemente, entretanto, apresentou a Monsieur G— uma declaração juramentada prestando contas de cada hora passada no dia em questão. À medida que o tempo passava sem que nenhum avanço fosse feito no caso, um milhão de rumores circulou e os jornalistas ocupavam-se de tecer insinuações. Entre elas, a que atraiu maior atenção foi a ideia de que Marie Rogêt ainda vivia — que o cadáver encontrado no Sena era o de alguma outra infeliz. Será bom que eu apresente ao leitor alguns trechos que exemplificam a insinuação acima aludida. Esses trechos são traduções literais do L'Etoile [New York Brother Jonathan, editado por H. Hastings Weld, Esq.], jornal dirigido, em geral, com grande competência.

“Mademoiselle Rogêt deixou a casa de sua mãe no domingo pela manhã, dia 22 de junho de 18—, com o propósito ostensivo de visitar a tia, ou algum outro parente, na Rue des Drômes. Desse momento em diante, ninguém mais a viu, comprovadamente. Não há absolutamente qualquer rastro ou notícia dela. [...] Ninguém, seja quem for, se apresentou, até o presente instante, dando conta de tê-la visto nesse dia, depois que passou pela porta da casa de sua mãe. [...] Ora, ainda que não tenhamos qualquer evidência de que Marie Rogêt estivesse no mundo dos vivos após as nove horas do domingo, dia 22 de junho, temos prova de que, até essa hora, continuava com vida. Ao meio-dia da quarta-feira o corpo de uma mulher foi encontrado flutuando à beira d'água na Barrière du Roule. Isso foi, mesmo presumindo-se que Marie Rogêt tenha sido atirada ao rio até três horas após ter deixado a casa de sua mãe, apenas três dias a contar do momento em que saiu de casa — três dias, uma hora a mais, uma hora a menos. Mas é tolice supor que o assassinato, se um assassinato foi cometido contra seu corpo, poderia ter se consumado cedo o bastante para que os assassinos houvessem jogado o corpo no rio antes da meia-noite. Os culpados de tais crimes horrendos preferem a escuridão à luz. [...] Assim entendemos que se o corpo encontrado no rio era de fato o de Marie Rogêt ele só poderia ter ficado na água dois dias e meio, ou três, no máximo. A experiência nesses casos mostra que corpos afogados, ou corpos jogados na água imediatamente após a morte violenta, exigem de seis a dez dias de suficiente decomposição até voltarem à superfície.

Mesmo se um canhão houver sido disparado no ponto onde está um cadáver, e ele subir antes de pelo menos cinco ou seis dias de imersão, voltará a afundar se deixado à própria sorte. Ora, perguntamo-nos, o que aconteceu nesse caso para provocar um desvio do curso normal da natureza? [...] Se o corpo tivesse sido mantido na margem em seu estado desfigurado até terça-feira à noite, algum vestígio dos assassinos teria sido encontrado na margem. É uma questão duvidosa, ainda, se o corpo teria vindo à tona tão cedo, mesmo tendo sido lançado na água dois dias após a morte. E, além do mais, é sumamente improvável que algum vilão que houvesse cometido tal crime como o que se supõe aqui teria jogado o corpo sem lhe atar algum peso para afundá-lo, quando tal precaução poderia facilmente ter sido tomada.”

O editor então prossegue argumentando que o corpo devia ter ficado na água “não meramente três dias, mas, pelo menos, cinco vezes três dias”, pois estava tão decomposto que Beauvais teve grande dificuldade em reconhecê-lo. Esse último ponto, entretanto, foi plenamente refutado. Continuo a tradução:

“Quais são então os fatos em que Monsieur Beauvais se apoia para afirmar sem dúvida que o corpo era de Marie Rogêt? Ele rasgou a manga do vestido e diz ter encontrado marcas que o satisfizeram acerca da identidade. O público em geral supôs que tais marcas consistiam de cicatrizes de algum tipo. Ele esfregou o braço e encontrou cabelos nele — algo tão impreciso, achamos, quanto se pode prontamente imaginar — tão pouco conclusivo quanto encontrar um braço dentro da manga. M. Beauvais não voltou nessa noite, mas mandou informar Madame Rogêt, às sete horas da noite de quarta-feira, que uma investigação com relação a sua filha continuava em curso. Se admitimos que Madame Rogêt, devido à idade e ao luto, não podia ter ido até lá (o que é admitir muita coisa), decerto deve ter havido alguém para achar que valia a pena comparecer a fim de auxiliar na investigação, se achavam que o corpo era de Marie. Ninguém apareceu. Nada foi dito ou ouvido sobre o assunto na Rue Pavée St. Andrée que chegasse sequer aos ocupantes do mesmo prédio. M. St. Eustache, o noivo e futuro esposo de Marie, que era inquilino na pensão de sua mãe, disse em seu depoimento que não soube da descoberta do corpo de sua noiva senão na manhã seguinte, quando M. Beauvais entrou em seu quarto e lhe comunicou a respeito. Para uma notícia como essa, parece-nos que foi muito friamente recebida.”

Desse modo o jornal tentava criar uma impressão de apatia por parte das pessoas ligadas a Marie, inconsistente com a suposição de que essas pessoas acreditassem que o cadáver fosse dela. Chegava a ponto de sugerir o seguinte: — que Marie, com a convivência de seus amigos, ausentara-se da cidade por motivos ligados a uma acusação contra sua castidade; e que esses amigos, quando da descoberta de um cadáver no Sena, em certa medida parecido com o da moça, haviam se aproveitado da oportunidade para inculcar no público a crença em sua

morte. Mas o L'Etoile foi novamente apressado demais. Ficou nitidamente demonstrado que nenhuma apatia, tal como se imaginara, existia; que a velha senhora estava extraordinariamente fraca, tão agitada a ponto de ser incapaz de cumprir qualquer obrigação; que St. Eustache, longe de receber a notícia com frieza, ficou enlouquecido de pesar, e portou-se de modo tão descontrolado que M. Beauvais persuadiu um amigo e parente a se encarregar dele, e impediu que presenciasse o exame na exumação. Além do mais, embora fosse afirmado pelo L'Etoile que o cadáver voltou a ser enterrado às expensas públicas — que um vantajoso oferecimento de sepultura particular foi absolutamente declinado pela família — e que nenhum membro da família compareceu ao cerimonial: — embora, repito, tudo isso tenha sido asseverado pelo L'Etoile, enfatizando ainda mais a impressão que o jornal objetivava transmitir — contudo, tudo isso foi satisfatoriamente refutado. Em um número subsequente, uma tentativa foi feita de lançar suspeita sobre o próprio Beauvais. O editor diz:

“Agora, então, uma mudança surge na questão. Fomos informados de que, em certa ocasião, enquanto uma tal de Madame B— encontrava-se na casa de Madame Rogêt, M. Beauvais, que estava de saída, disse-lhe que um gendarme era aguardado ali, e que ela, Madame B., não devia dizer coisa alguma ao gendarme até seu regresso, mas que deixasse o assunto com ele. [...] Na presente situação das coisas, M. Beauvais parece ter a questão toda engatilhada na cabeça. Nem um único passo pode ser dado sem M. Beauvais; pois, independentemente do caminho escolhido, é impossível não esbarrar nele. [...] Por algum motivo, determinou que ninguém deveria ter qualquer envolvimento com os procedimentos a não ser ele mesmo, e tirou do caminho os homens da família, segundo se queixaram, de uma maneira assaz singular. Ao que parece, tem se mostrado muito avesso a permitir que os parentes vejam o corpo.”

Pelo fato seguinte, alguma plausibilidade foi dada à suspeita desse modo lançada sobre Beauvais. Um visitante de seu escritório, poucos dias antes do desaparecimento da moça, e na ausência de seu ocupante, observara uma rosa no buraco da fechadura da porta e o nome “Marie” escrito em uma lousa pendurada bem à mão.

A impressão geral, até onde fomos capazes de extrair dos jornais, parecia ser de que Marie fora vítima de uma gangue de delinquentes — que haviam sido eles que a levaram para o outro lado do rio, maltrataram-na e a assassinaram. O *Le Commercial* [Journal of Commerce de Nova York], entretanto, periódico de extensa influência, combateu severamente essa ideia popular. Cito uma passagem ou duas de suas colunas:

“Estamos convencidos de que a perseguição até agora vem seguindo um rastro falso, na medida em que tem sido dirigida para a Barrière du Roule. É impossível que uma pessoa tão bem conhecida por milhares, como era essa jovem, tenha transposto três quadras sem que ninguém a tenha visto; e qualquer

um que a tivesse visto teria se lembrado do fato, pois ela despertava interesse em todos que a conheciam. Aconteceu no momento em que as ruas estavam cheias de gente, quando ela saiu. [...] É impossível que tenha ido à Barrière du Roule, ou à Rue des Drômes, sem ser reconhecida por uma dúzia de pessoas; e contudo não apareceu ninguém que a tenha visto após ter passado pela porta da casa de sua mãe, e não há evidência, exceto o testemunho relativo a suas intenções expressas, de que sequer tenha saído. Seu vestido estava rasgado, enrolado em torno de seu corpo e amarrado; e, a julgar por isso, foi carregada como um fardo. Se o assassinato houvesse sido cometido na Barrière du Roule, não teria havido necessidade de tal arranjo. O fato de que o corpo foi encontrado flutuando perto da Barrière não constitui prova acerca do lugar onde foi atirado à água. [...] Um pedaço de uma das anáguas da infeliz garota, com sessenta centímetros de comprimento e trinta de largura, foi arrancado e amarrado sob seu queixo e em torno da nuca, provavelmente para impedir que gritesse. Isso foi feito por sujeitos que não carregam lenços de bolso.”

Um dia ou dois antes de o chefe de polícia nos procurar, porém, chegou à polícia alguma informação importante que pareceu lançar por terra pelo menos a maior parte da argumentação do *Le Commercial*. Dois meninos, filhos de uma certa Madame Deluc, enquanto perambulavam pelos bosques nos arredores da Barrière du Roule, penetraram por acaso em uma espessa moita, no interior da qual havia três ou quatro pedras grandes, formando uma espécie de banco, com encosto e descanso para os pés. Na pedra de cima estava uma anágua branca; na segunda, uma echarpe de seda. Uma sombrinha, luvas e um lenço de bolso também foram encontrados. O lenço exibia o nome “Marie Rogêt”. Fragmentos de vestido foram encontrados nos arbustos em torno. A terra estava pisoteada e havia galhos quebrados e sinais de luta. Entre a moita e o rio, descobriu-se que as tábuas da cerca haviam sido derrubadas e o solo mostrava evidência de que algum pesado fardo fora arrastado.

Um hebdomadário, *Le Soleil* [Saturday Evening Post, de Filadélfia, editado por C. J. Peterson, Esq.], publicou os seguintes comentários sobre essa descoberta — comentários que meramente ecoavam o sentimento de toda a imprensa parisiense:

“Os objetos evidentemente ficaram ali pelo menos por três ou quatro semanas; estavam todos fortemente embolorados pela ação da chuva, e colados com o bolor. A relva crescera em volta e cobrira alguns deles. A seda da sombrinha era resistente, mas as fibras haviam grudado por dentro. A parte de cima, onde ela fora fechada e enrolada, estava toda embolorada e podre, e rasgou quando aberta. [...] Os pedaços de seu vestido arrancados pelos arbustos tinham cerca de oito centímetros de largura e quinze de comprimento. Uma parte era a bainha do vestido, que fora remendada; a outra peça era parte da saia, não a bainha. Pareciam tiras arrancadas e estavam no arbusto espinhento, a

cerca de trinta centímetros do chão. [...] Não pode haver dúvida, portanto, que o lugar dessa macabra barbaridade foi encontrado.”

Como consequência dessa descoberta, novas evidências surgiram. Em seu depoimento, Madame Deluc informou que mantém uma hospedaria não muito longe da margem do rio, do outro lado da Barrière du Roule. A área é afastada — particularmente afastada. É o usual ponto de encontro aos domingos dos meliantes da cidade, que atravessam o rio em botes. Às três horas, aproximadamente, na tarde do domingo em questão, uma jovem chegou à hospedaria, acompanhada de um rapaz de tez escura. Os dois permaneceram ali por algum tempo. Ao saírem, tomaram a trilha de um espesso bosque dos arredores. Chamou a atenção de Madame Deluc o vestido usado pela moça, devido a sua semelhança com o de uma parente sua, falecida. A echarpe foi particularmente notada. Pouco depois da partida do casal, uma gangue de malfeitores chegou, comportaram-se ruidosamente, comeram e beberam sem pagar, seguiram o caminho tomado pelo jovem e pela moça, voltaram à hospedaria ao entardecer e tornaram a cruzar o rio, aparentando grande pressa.

Pouco depois de escurecer, nessa mesma tarde, Madame Deluc, assim como seu filho mais velho, escutou gritos de mulher nos arredores da hospedaria. Os gritos foram violentos mas breves. Madame D. reconheceu não só a echarpe encontrada na moita como também o vestido que acompanhava o cadáver. Um cocheiro de ônibus, Valence [Adam], agora também testemunhava ter visto Marie Rogêt atravessar o Sena em uma balsa, no domingo em questão, na companhia de um jovem de tez escura. Ele, Valence, conhecia Marie, e era impossível que houvesse se equivocado em relação a sua identidade. Os objetos encontrados na moita foram positivamente identificados pelos parentes de Marie.³

As evidências e as informações desse modo por mim reunidas com base nos jornais, por sugestão de Dupin, compreendiam apenas mais um ponto — mas este um ponto, ao que tudo indicava, de amplas consequências. Parece que, imediatamente após a descoberta das roupas tal como se descreveu acima, o corpo sem vida, ou quase sem vida, de St. Eustache, noivo de Marie, foi encontrado nos arredores da suposta cena do crime. Um frasco rotulado “láudano”, vazio, estava ao seu lado. O hálito dava evidência do veneno. Morreu sem dizer uma palavra. Junto ao corpo foi encontrada uma carta, afirmando brevemente seu amor por Marie, e a intenção de suicídio.

“Difícilmente tenho necessidade de lhe dizer”, afirmou Dupin, quando terminava de examinar minhas anotações, “que esse caso é de longe muito mais intrincado que o da Rue Morgue; do qual difere num importante aspecto. Trata-se de um exemplo de crime comum, por mais atroz que seja. Não há nada de peculiarmente outré em sua natureza. Deve observar que, por esse motivo, o mistério tem sido considerado de fácil solução, quando, por esse motivo, é que

deveria ser considerado difícil. Assim, no início, julgou-se desnecessário oferecer uma recompensa. Os beaguins de G— foram capazes de compreender na mesma hora como e por que uma tal atrocidade poderia ter sido cometida. Conseguiram conceber em sua imaginação um modo — muitos modos — e um motivo — muitos motivos; e como não era impossível que nenhum desses numerosos modos e motivos pudesse ter sido o verdadeiro, chegaram à conclusão de que um deles devia ser. Mas a naturalidade com que foram acalentadas essas diversas fantasias e a própria plausibilidade que assumiu cada uma deve ser compreendida como um indicativo antes das dificuldades do que das facilidades que devem acompanhar a elucidação. Já tive oportunidade de observar que é alçando-se acima do plano do ordinário que a razão tateia seu caminho, se é que o faz, na busca da verdade, e que a pergunta apropriada em casos como esse não é tanto 'o que aconteceu?' como 'o que aconteceu que nunca aconteceu antes?'. Nas investigações na residência de Madame L'Espanaye e [ver “Os assassinatos na Rue Morgue”], os homens de G— ficaram desencorajados e confusos com a própria estranheza que, para um intelecto devidamente regulado, teria proporcionado o mais seguro prognóstico de sucesso; ao passo que esse mesmo intelecto poderia ter mergulhado no desespero com o caráter ordinário de tudo que se apresentava à observação no caso da moça da perfumaria, e contudo nada comunicava senão o fácil triunfo aos funcionários da chefatura de polícia.

“No caso de Madame L'Espanaye e sua filha, não havia, mesmo no início de nossa investigação, nenhuma dúvida de que um assassinato fora cometido. A ideia de suicídio foi excluída imediatamente. Aqui, também, estamos desobrigados, desde o começo, de fazer qualquer suposição sobre a ocorrência de suicídio. O corpo na Barrière du Roule foi encontrado em circunstâncias tais que não oferece margem alguma para dificuldade nesse importante ponto. Mas sugeriu-se que o corpo encontrado não é de Marie Rogêt, pela denúncia de cujo assassino, ou assassinos, a recompensa é oferecida, e respeitando ao qual, exclusivamente, nosso acordo foi firmado com o chefe de polícia. Ambos conhecemos muito bem esse senhor. Não convém confiar demais nele. Se, datando nossas investigações da descoberta do corpo, e a partir daí rastreando um assassino, no entanto descobrimos ser esse corpo de alguma outra pessoa que não Marie; ou, se começando por Marie com vida, chegamos até ela, e contudo descobrimos que não foi assassinada — tanto num caso como no outro terá sido um trabalho perdido; pois que é com Monsieur G— que estamos lidando. Logo, em nosso próprio proveito, se não em proveito da justiça, é indispensável que nosso primeiro passo seja a determinação da identidade do cadáver como sendo o da desaparecida Marie Rogêt.

“Para o público, os argumentos do L'Etoile têm sido de peso; e que o próprio jornal está convencido da importância deles pode-se inferir pelo modo

como inicia um de seus ensaios a respeito do assunto — 'Diversos matutinos de hoje', afirma, 'falam a respeito do artigo conclusivo saído no Etoile de segunda'. Para mim, esse artigo parece conclusivo sobre pouca coisa além do fervor de seu autor. Devemos ter em mente que, de modo geral, o objetivo de nossos jornais é antes criar uma sensação — vender seu peixe — que promover a causa da verdade. Este último fim só é perseguido quando parece coincidir com o primeiro. O periódico que simplesmente se adapta à opinião normal (por mais bem fundamentada que essa opinião possa ser) não conquista para si crédito algum junto ao populacho. A massa do povo vê como profunda apenas a opinião que sugere pungentes contradições com a ideia geral. Na arte do raciocínio, não menos do que na literatura, é o epigrama que é mais imediata e universalmente apreciado. Em ambas, é da mais baixa ordem de mérito.

“O que quero dizer é que foi o misto de epigrama e melodrama na ideia de que Marie Rogêt ainda vive, mais do que qualquer plausibilidade dessa ideia, que sugeriu isso ao L'Etoile e assegurou-lhe uma recepção favorável entre o público. Examinemos os principais pontos do argumento do jornal; empenhando-nos em evitar a incoerência com que é apresentado desde o início.

“O primeiro objetivo do jornalista é mostrar, pela brevidade do intervalo entre o desaparecimento de Marie e a revelação do corpo boiando, que o corpo não pode ser o de Marie. A redução desse intervalo à sua menor dimensão possível se torna assim, na mesma hora, um objetivo para o autor do artigo. Na apressada busca desse objetivo, ele se precipita na mera suposição desde o início. 'É tolice supor', diz ele, 'que o assassinato, se um assassinato foi cometido contra seu corpo, poderia ter sido consumado cedo o bastante para permitir que os assassinos jogassem o corpo no rio antes da meia-noite.' A pergunta que nos ocorre de imediato, muito naturalmente, é por quê? Por que é tolice supor que o crime foi cometido cinco minutos após a jovem ter deixado a casa de sua mãe? Por que é tolice supor que o assassinato foi cometido em um dado período do dia? Assassínatos ocorrem a qualquer hora. Porém, caso o crime houvesse ocorrido em algum momento entre as nove da manhã de domingo e quinze para a meia-noite, ainda assim teria havido tempo suficiente para ter 'jogado o corpo no rio antes da meia-noite'. Essa suposição, assim, resume-se precisamente a isso — que o assassinato não foi cometido no domingo, absolutamente — e, se permitirmos ao L'Etoile supor tal coisa, possivelmente estaremos lhes permitindo liberdades em tudo mais. O parágrafo que começa com 'É tolice supor que o assassinato etc.', embora apareça impresso no L'Etoile, pode ser imaginado como tendo existido assim no cérebro de seu autor — 'É tolice supor que o assassinato, se um assassinato foi cometido contra seu corpo, poderia ter sido cometido cedo o bastante para ter possibilitado a seus assassinos jogar o corpo no rio antes da meia-noite; é tolice, repetimos, supor tudo isso, e supor ao mesmo tempo (já que estamos determinados a supor) que o corpo não foi jogado senão

após a meia-noite' — uma frase bastante inconsequente em si mesma, mas não tão completamente absurda quanto a que vimos impressa.

“Caso fosse meu propósito”, continuou Dupin, “meramente provar a fragilidade do argumento nesse trecho do L'Etoile, eu poderia seguramente parar por aqui. Não é, entretanto, com o L'Etoile que temos de lidar, mas com a verdade. A frase em questão, do modo como está, significa apenas uma coisa; e esse significado eu já determinei razoavelmente: mas é de suma importância irmos além das meras palavras, em busca de uma ideia que essas palavras obviamente pretendiam transmitir, e falharam. A intenção do jornalista era dizer que, independentemente do período do dia ou da noite do domingo em que esse crime foi cometido, era improvável que os assassinos teriam se aventurado a carregar o corpo para o rio antes da meia-noite. E nisso reside, na verdade, a suposição de que me queixo. Ficou presumido que o assassinato foi cometido em tal lugar, e sob tais circunstâncias, que carregar o corpo para o rio fez-se necessário. Ora, o assassinato pode ter ocorrido às margens do rio, ou no próprio rio; e, desse modo, jogar o cadáver na água pode ter constituído, a qualquer hora do dia ou da noite, o recurso mais óbvio e imediato de que lançar mão para se livrar dele. Você deve compreender que não estou sugerindo aqui algo como sendo provável ou coincidente com minha própria opinião. Minha intenção, até agora, não guarda qualquer referência com os fatos do caso. Desejo meramente precavê-lo contra todo o tom sugerido no L'Etoile, chamando sua atenção para a natureza *ex parte* [parcial] do jornal desde o princípio.

“Tendo prescrito assim um limite para acomodar suas próprias noções preconcebidas; tendo presumido que, se aquele era o corpo de Marie, não podia ter permanecido na água senão por um período muito breve; o jornal prossegue afirmando:

“A experiência nesses casos mostra que corpos afogados, ou corpos jogados na água imediatamente após a morte violenta, exigem de seis a dez dias de suficiente decomposição até voltarem à superfície. Mesmo se um canhão houver sido disparado no ponto onde está um cadáver, e ele subir antes de pelo menos cinco ou seis dias de imersão, voltará a afundar se deixado à própria sorte.’

“Essas alegações foram tacitamente admitidas por todos os jornais de Paris, com exceção do Le Moniteur [New York Commercial Advertiser, dirigido pelo coronel Stone]. Este último se empenha em combater apenas o trecho do parágrafo que faz referência a 'corpos afogados', citando cerca de cinco ou seis casos em que os corpos de indivíduos sabidamente afogados foram encontrados flutuando após um intervalo de tempo menor do que o defendido pelo L'Etoile. Mas há qualquer coisa de excessivamente antifilosófica na tentativa por parte do Le Moniteur de refutar a asserção geral do L'Etoile mencionando casos particulares que militem contra tal asserção. Tivesse sido possível aduzir

cinquenta em vez de cinco exemplos de corpos encontrados flutuando ao cabo de dois ou três dias, esses cinquenta exemplos ainda assim poderiam ser encarados propriamente apenas como exceções à regra do L'Etoile, até a chegada desse momento em que a própria regra devesse ser refutada. Admitindo-se a regra (e isso o Le Moniteur não nega, insistindo meramente em suas exceções), o argumento do L'Etoile pode permanecer com plena força; pois esse argumento não pretende envolver mais do que uma questão da probabilidade de o corpo ter ascendido à superfície em menos de três dias; e essa probabilidade continuará a favor da posição do L'Etoile até que esses casos aduzidos de modo tão pueril sejam em número suficiente para determinar uma regra antagônica.

“Você vai ver na mesma hora que todo argumento quanto a esse ponto deve ser dirigido, se o for, contra a própria regra; e com esse fim devemos examinar a racionalidade da regra. Ora, o corpo humano, de modo geral, não é muito mais leve nem tampouco muito mais pesado do que a água do Sena; ou seja, a gravidade específica do corpo humano, em sua condição natural, é mais ou menos igual ao volume de água doce que ele desloca. Os corpos de pessoas gordas e flácidas, com ossos pequenos, e os das mulheres em geral, são mais leves do que os de pessoas magras e de ossos grandes, e do que os dos homens; e a gravidade específica da água de um rio é em certa medida influenciada pela presença da maré vinda do mar. Mas deixando a maré fora da discussão, pode-se dizer que pouquíssimos corpos humanos afundarão, mesmo na água doce, por si só. Praticamente qualquer um, caindo em um rio, será capaz de flutuar se suportar que a gravidade específica da água seja razoavelmente aduzida em comparação com a sua própria — ou seja, se suportar que toda a sua pessoa fique submersa com a mínima exceção possível. A posição apropriada para alguém que não sabe nadar é a postura ereta de quem caminha em terra, com a cabeça jogada inteiramente para trás, e imersa; somente a boca e as narinas permanecendo acima da superfície. Nessas circunstâncias, perceberemos que flutuamos sem dificuldade e sem esforço. Fica evidente, entretanto, que as gravidades do corpo e do volume de água deslocada são muito delicadamente equilibradas e que a coisa mais ínfima levará uma das duas a preponderar. Um braço, por exemplo, erguido da água, e desse modo privado de seu apoio, é um peso adicional suficiente para submergir a cabeça toda, enquanto uma ajuda accidental do menor pedaço de madeira nos possibilita elevar a cabeça o suficiente para olhar em torno. Bem, quando alguém desacostumado a nadar se debate na água, os braços são invariavelmente projetados para cima, conforme é feita uma tentativa de manter a cabeça em sua posição perpendicular usual. O resultado é a imersão da boca e das narinas, e a introdução, durante os esforços de respirar enquanto se está sob a superfície, de água nos pulmões. Grande parte vai parar também no estômago, e o corpo todo fica mais pesado com a diferença entre o peso do ar originalmente distendendo essas cavidades e o do fluido que

agora as preenche. Essa diferença, via de regra, é suficiente para fazer o corpo afundar; mas é insuficiente nos casos de indivíduos com ossos pequenos e uma quantidade anormal de matéria flácida ou gorda. Tais indivíduos flutuam mesmo depois de afogados.

“O cadáver, supondo-se que esteja no fundo do rio, permanecerá ali até que, de algum modo, sua gravidade específica mais uma vez se torne menor do que a do volume de água que ele desloca. Esse efeito é ocasionado pela decomposição ou por algum outro meio. O resultado da decomposição é a geração de gás, dilatando os tecidos celulares e todas as cavidades, e proporcionando o aspecto inchado que é tão horrível. Quando essa dilatação progrediu a um ponto em que o volume do corpo está materialmente aumentado sem que haja um aumento correspondente de massa ou peso, sua gravidade específica se torna menor do que a da água deslocada, e o corpo desse modo surge à superfície. Mas a decomposição é modificada por inúmeras circunstâncias — é acelerada ou retardada por inúmeros agentes; por exemplo, pelo calor ou frio da estação, pela impregnação mineral ou pela pureza da água, por sua maior ou menor profundidade, por ser corrente ou estagnada, pela temperatura do corpo, por alguma infecção ou pela ausência de doença antes da morte. Assim, é evidente que não temos como indicar um período, com nada que sequer se aproxime da exatidão, em que o cadáver deverá subir pela decomposição. Sob determinadas condições, esse resultado ocorreria em uma hora; sob outras, poderia nem ocorrer. Há infusões químicas mediante as quais a constituição animal pode ficar preservada para sempre da corrupção; o dicloreto de mercúrio é uma delas. Mas, à parte a decomposição, pode haver, e normalmente há, uma geração de gás dentro do estômago, devido à fermentação acetosa de matéria vegetal (ou dentro de outras cavidades por outros motivos) suficiente para induzir uma dilatação que levará o corpo à superfície. O efeito produzido pelo disparo de um canhão é o de simples vibração. Isso pode soltar o corpo da lama macia ou do lodo no qual ele está atolado, permitindo assim que flutue quando outros agentes já o prepararam para fazê-lo; ou pode superar a tenacidade de algumas partes apodrecidas do tecido celular; permitindo que as cavidades dilatam sob a influência do gás.

“Tendo assim diante de nós toda a filosofia do assunto, podemos facilmente testar por meio dela as afirmações do L'Etoile. 'A experiência nesses casos', diz o jornal, 'mostra que corpos afogados, ou corpos jogados na água imediatamente após a morte violenta, exigem de seis a dez dias de suficiente decomposição até voltarem à superfície. Mesmo se um canhão houver sido disparado no ponto onde está um cadáver, e ele subir antes de pelo menos cinco ou seis dias de imersão, voltará a afundar se deixado à própria sorte.'

“Esse parágrafo agora deve parecer em sua totalidade um emaranhado de inconsequência e incoerência. A experiência não mostra que 'corpos

afogados' exigem de seis a dez dias para que suficiente decomposição tenha lugar de modo a alçá-los à superfície. Tanto a ciência como a experiência mostram que o período para subir é, e deve necessariamente ser, indeterminado. Se, além do mais, um corpo subiu à tona pelo disparo de um canhão, ele não 'voltará a afundar se deixado à própria sorte' até que a decomposição tenha progredido de tal modo a permitir o escape do gás gerado. Mas desejo chamar sua atenção para a distinção que é feita entre 'corpos afogados' e 'corpos jogados na água imediatamente após a morte violenta'. Embora o jornalista admita a distinção, ele mesmo assim inclui todos numa mesma categoria. Mostrei como acontece de o corpo de um homem afogado se tornar especificamente mais pesado do que o volume de água deslocado, e que ele não afundaria absolutamente, exceto pelas debatidas com que eleva os braços acima da superfície, e as tentativas de respirar quando está sob a superfície — tentativas que introduzem água no lugar do ar original, nos pulmões. Mas essa luta e essas tentativas não ocorreriam no corpo 'jogado na água imediatamente após a morte violenta'. Assim, nesse último exemplo, o corpo, via de regra, não afundaria absolutamente — fato que o L'Etoile evidentemente ignora. Quando a decomposição progrediu a um estado muito avançado — quando a carne em grande medida separou-se dos ossos — então, de fato, mas apenas então, deixaremos de ver o cadáver.

“E agora o que pensar do argumento de que o corpo encontrado não podia ser o de Marie Rogêt porque, três dias apenas tendo transcorrido, esse corpo foi encontrado flutuando? Se afogada, sendo mulher, pode acontecer de nunca ter afundado; ou, tendo afundado, pode ter reaparecido em vinte e quatro horas, ou menos. Mas ninguém supõe que tenha se afogado; e, morrendo antes de ter sido jogada no rio, pode ter sido encontrada boiando em qualquer outro período posterior.

“Mas, diz o L'Etoile, 'se o corpo tivesse sido mantido na margem em seu estado desfigurado até terça-feira à noite, algum vestígio dos assassinos teria sido encontrado na margem'. Aqui inicialmente é difícil perceber a intenção do jornal. Ele procura antecipar o que imagina ser uma possível objeção a sua teoria — a saber: de que o corpo foi mantido na margem por dois dias, sofrendo rápida decomposição — mais rápida do que se ficasse imerso na água. Supõe que, houvesse esse sido o caso, teria talvez vindo à tona na quarta-feira, e acha que somente sob tais circunstâncias poderia ter aparecido na superfície. Logo, ele se apressa em mostrar que o corpo não foi mantido na margem; pois, nesse caso, 'algum vestígio dos assassinos teria sido encontrado na margem'. Presumo que vai rir do sequitur. Não existe meio pelo qual fazê-lo ver como a mera duração do corpo na margem seria capaz de agir para multiplicar os vestígios dos criminosos. Tampouco eu consigo ver.

“ 'E, além do mais, é sumamente improvável', continua nosso periódico,

'que algum vilão que houvesse cometido tal crime como o que se supõe aqui teria jogado o corpo sem lhe atar algum peso para afundá-lo, quando tal precaução poderia facilmente ter sido tomada.' Observe, aqui, a risível confusão de pensamento! Ninguém — nem mesmo o L'Etoile — discute o assassinato cometido contra o corpo encontrado. As marcas da violência são demasiado óbvias. A intenção de nosso argumentador é meramente mostrar que aquele não é o corpo de Marie. Ele deseja provar que Marie não foi assassinada — não que o corpo não foi. Contudo, sua observação prova apenas o último ponto. Eis ali um cadáver sem um peso atado a ele. Os assassinos, ao atirá-lo à água, nunca teriam deixado de prendê-lo a um peso. Logo, não foi jogado pelos assassinos. Isso é tudo que se provou, se é que alguma coisa foi provada. A questão da identidade não é sequer abordada e o L'Etoile então se empenha com o maior afã em meramente negar o que admitiu apenas um momento antes. 'Estamos perfeitamente convencidos', afirma, 'de que o corpo encontrado era o de uma mulher assassinada.'

“E esse não é o único exemplo, mesmo nessa divisão de seu tema, em que nosso argumentador involuntariamente argumenta contra si mesmo. Seu objetivo evidente, como já disse, é reduzir, tanto quanto possível, o intervalo entre o desaparecimento de Marie e a descoberta do corpo. Contudo, vemos como insiste no ponto de que ninguém viu a moça a partir do instante em que deixou a casa de sua mãe. 'Não temos qualquer evidência', afirma, 'de que Marie Rogêt estivesse no mundo dos vivos após as nove horas do domingo, 22 de junho.' Na medida em que sua argumentação é obviamente ex parte, ele deveria, pelo menos, ter deixado esse ponto de fora; pois, caso aparecesse alguém que tivesse visto Marie, digamos na segunda, ou na terça, o intervalo em questão teria ficado muito reduzido e, por seu próprio raciocínio, a probabilidade muito diminuída de o corpo ser o da grisette. É todavia divertido observar que o L'Etoile insiste nesse ponto na plena crença de que favorece seu argumento geral.

“Reexamine agora essa parte do argumento que faz referência à identificação do corpo por Beauvais. Em relação aos cabelos no braço, o L'Etoile foi obviamente desonesto. M. Beauvais, não sendo um idiota, jamais teria frisado, numa identificação do cadáver, simplesmente cabelos no braço. Não existe braço sem cabelos. A generalidade com que o L'Etoile se expressou é uma mera deturpação da fraseologia da testemunha. Ele deve ter se referido a alguma peculiaridade nesses cabelos. Possivelmente uma peculiaridade de cor, quantidade, comprimento ou condições.

“‘Seu pé’, afirma o jornal, ‘era pequeno — assim como milhares de pés. Sua liga também não constitui prova alguma — tampouco seu sapato — pois sapatos e ligas são vendidos em embalagens. [*isto é, de fabricação industrial*] O mesmo pode ser dito das flores em seu chapéu. Um dos pontos em que insiste fortemente M. Beauvais é de que a presilha da liga havia sido puxada para trás a

fim de mantê-la no lugar. Isso não diz nada; pois a maioria das mulheres julga apropriado levar o par de ligas para casa e ajustá-las ao tamanho das pernas que irão cingir, em lugar de experimentá-las na própria loja onde as adquiriram.' Aqui é difícil supor que o jornal esteja falando sério. Houvesse M. Beauvais, em sua procura pelo corpo de Marie, descoberto um corpo correspondendo em tamanho geral e aparência ao da moça desaparecida, ser-lhe-ia justificável (sem fazer qualquer referência à questão do traje) formar a opinião de que sua busca fora frutífera. Se, além do detalhe de tamanho geral e contorno, ele houvesse encontrado no braço uma característica peculiar dos pelos que tivesse observado em Marie quando viva, sua opinião poderia ter ficado, com toda justiça, fortalecida; e o aumento da convicção poderia perfeitamente ter sido proporcional à peculiaridade, ou raridade, da marca peluda. Se, os pés de Marie sendo pequenos, os do cadáver também fossem pequenos, o aumento da probabilidade de que o corpo era o de Marie não seria um aumento na proporção meramente aritmética, mas um de ordem elevadamente geométrica, ou acumulativa. Acresça-se a tudo isso sapatos como os que ela estivera sabidamente usando no dia de seu desaparecimento e, ainda que esses sapatos possam ser 'vendidos em embalagens', aumentamos nesse ponto a probabilidade de pender na direção da certeza. O que, em si mesmo, não seria qualquer evidência de identidade, torna-se, mediante sua posição corroborativa, a prova mais segura. Consideremos, então, as flores no chapéu como correspondendo às usadas pela garota desaparecida, e deixamos de procurar qualquer outra coisa. Se for apenas uma flor, não precisamos ir além — que dizer de duas ou três, ou mais? Cada flor sucessiva é uma evidência múltipla — não prova adicionada à prova, mas multiplicada por centenas de milhares. Descobrimo-se agora na falecida ligas como as que a moça usava em vida, é quase loucura prosseguir. Mas como se viu essas ligas estavam apertadas com um ajuste da presilha, exatamente como as da própria Marie haviam sido por esta ajustadas pouco antes de sair de casa. Nesse ponto é desatino ou hipocrisia duvidar. O que o L'Etoile diz com respeito a esse ajuste da liga ser uma ocorrência usual nada revela além de sua própria obstinação no erro. A natureza elástica da presilha da liga é em si uma demonstração da raridade do encurtamento. É inevitável que o que foi feito para se ajustar sozinho deve muito dificilmente exigir um ajuste alheio. Deve ter sido por algum acidente, em seu sentido estrito, que essas ligas de Marie precisaram do ajuste descrito. Só elas já teriam bastado amplamente para determinar sua identidade. Mas não pelo fato de o cadáver encontrado ter as ligas da moça desaparecida, ou os sapatos, ou seu chapéu, ou as flores de seu chapéu, ou seus pés, ou uma marca peculiar no braço, ou seu tamanho e aparência gerais — é o fato de o corpo ter cada uma dessas coisas, e todas coletivamente. Pudessem ser provado que o editor do L'Etoile, sob tais circunstâncias, alimentou de fato uma dúvida, não haveria necessidade, nesse

caso, de uma autorização de *lunatico inquirendo*. [*Mandado requerido para averiguar se a parte citada está de posse de sua sanidade ou deve ter seus direitos alienados por non compos mentis (incapacitação mental)*].

"Ele achou sagaz arremedar a conversa mole dos advogados, que, na maior parte, se contentam em arremedar os preceitos quadrados dos tribunais. Eu observaria aqui que grande parte do que é rejeitado como evidência em um tribunal é a melhor das evidências para o intelecto. Pois o tribunal, pautando-se pelos princípios gerais da evidência — os princípios reconhecidos e registrados nos livros —, é avesso a guinadas perante casos particulares. E essa adesão firme ao princípio, com rigorosa desconsideração da exceção conflitante, é um modo seguro de atingir o máximo de verdade atingível, em qualquer longa sequência de tempo. A prática, in mass, é desse modo filosófica; mas não é menos certo que engendra vasto erro individual.*

"Com respeito às insinuações dirigidas contra Beauvais, você de bom grado as descartará num piscar de olhos. Já teve oportunidade de sondar o verdadeiro caráter desse bom cavalheiro. Trata-se de um bisbilhoteiro, com mais romance do que tino na cabeça. Qualquer um assim constituído prontamente se conduzirá, por ocasião de uma real comoção, de modo a se tornar sujeito a suspeitas por parte dos muito argutos ou dos mal-intencionados. M. Beauvais (ao que parece de suas anotações) entreviu-se em algumas ocasiões com o editor do L'Etoile, e ofendeu-o aventando a opinião de que o corpo, não obstante a teoria do editor, era, sem a menor sombra de dúvida, o de Marie. 'Ele insiste', diz o jornal, 'em afirmar que o cadáver era o de Marie, mas é incapaz de fornecer uma particularidade, além daquelas sobre as quais já comentamos, para fazer com que os outros acreditem.' Ora, sem voltar a aludir ao fato de que uma forte evidência 'para fazer com que os outros acreditem' jamais poderia ter sido aduzida, vale observar que um homem pode perfeitamente partilhar de uma crença, num caso dessa espécie, sem ser capaz de apresentar uma única razão para que uma segunda parte nela também acredite. Nada é mais vago que impressões de identidade individual. Todo homem reconhece seu próximo, contudo há poucas situações em que a pessoa está preparada para dar um motivo para esse reconhecimento. O editor do L'Etoile não tinha o menor direito de se ofender com a crença ilógica de M. Beauvais.

"Ver-se-á que as circunstâncias suspeitas que o envolvem casam-se muito melhor com minha hipótese de bisbilhotice romântica do que com a insinuação de culpa que faz o jornal. Uma vez adotada a interpretação mais benevolente, não encontraremos dificuldade em compreender a rosa no buraco de fechadura;

o 'Marie' sobre a lousa; os homens da família tirados do caminho; a relutância em que os parentes vissem o corpo; a advertência feita a Madame B— de que não deveria empreender qualquer conversa com o gendarme até seu regresso (Beauvais); e, por último, sua aparente determinação de que 'ninguém deveria ter qualquer envolvimento com os procedimentos a não ser ele mesmo'. Parece-me inquestionável que Beauvais era um pretendente de Marie; que ela flertava com ele; e que ele ambicionava dar a entender que gozava de toda sua intimidade e confiança. Nada mais direi a esse respeito; e, na medida em que os testemunhos refutam completamente as alegações do L'Etoile, no tocante à questão da apatia por parte da mãe e dos demais parentes — apatia inconsistente com a suposição de acreditarem ser aquele corpo o da moça da perfumaria —, deveremos agora passar a ver se a questão da identidade foi resolvida de modo plenamente satisfatório para nós.”

“E o que”, perguntei aqui, “pensa você sobre as opiniões do Le Commercial?”

“Que, em espírito, são de longe muito mais dignas de atenção que quaisquer outras já aventadas sobre o assunto. As deduções a partir das premissas são filosóficas e argutas; mas as premissas, em dois casos, pelo menos, estão fundamentadas na observação imperfeita. O Le Commercial quer sugerir que Marie foi capturada por alguma gangue de vis rufiões não muito longe da porta de sua mãe. 'É impossível', insiste o jornalista, 'que uma pessoa tão bem conhecida por milhares, como era essa jovem, tenha transposto três quadras sem que ninguém a tenha visto.' Essa é a ideia de um homem residindo há muito tempo em Paris — um homem público — e um cujas caminhadas pela cidade têm se limitado na maior parte às vizinhanças dos prédios públicos. Ele tem consciência de que dificilmente ele chega a percorrer uma dúzia de quadras de seu próprio bureau sem ser reconhecido e abordado. E, sabedor da extensão de sua própria familiaridade com os outros, e dos outros consigo, compara sua notoriedade com a da moça da perfumaria, não vê grande diferença entre os dois e chega na mesma hora à conclusão de que ela, em suas caminhadas, seria igualmente sujeita a reconhecimento como ele o é nas suas. Esse só poderia ser o caso se os trajetos dela fossem sempre do mesmo caráter invariável, metódico, e restritos ao mesmo tipo de área delimitada que os dele. Ele vai e vem, a intervalos regulares, no interior de um perímetro limitado, repleto de indivíduos que são induzidos a observá-lo pelo interesse que a natureza análoga da ocupação do jornalista com as deles próprios desperta. Mas devemos supor que as caminhadas de Marie sejam, em geral, erráticas. Nesse caso em particular, entende-se como o mais provável que ela tenha seguido um trajeto com variação em média maior do que de costume. O paralelo que imaginamos ter existido na cabeça do Le Commercial se sustentaria apenas na eventualidade de dois indivíduos cruzando a cidade toda. Nesse caso, admitindo-se que as relações

pessoais sejam iguais, as chances também seriam iguais de que um igual número de encontros pessoais ocorresse. De minha parte, sustento ser não só possível, como também muito mais do que provável, que Marie pode ter seguido, a qualquer hora dada, por qualquer um dos inúmeros trajetos entre sua própria residência e a de sua tia, sem encontrar um único indivíduo que conhecesse, ou de quem fosse conhecida. Ao ver essa questão sob sua luz plena e apropriada, devemos ter com firmeza em mente a grande desproporção entre os conhecidos pessoais até mesmo do indivíduo mais notado de Paris e a população inteira da própria cidade.

“Mas seja qual for a eloquência que aparentemente ainda exista na insinuação do *Le Commercial*, ela ficará grandemente diminuída quando levarmos em consideração a hora em que a moça saiu. 'Foi no momento em que as ruas estavam cheias de gente', diz o *Le Commercial*, 'que ela saiu.' Mas não foi assim. Eram nove horas da manhã. Ora, às nove horas de qualquer dia da semana, com exceção de domingo, as ruas da cidade estão, de fato, repletas de gente. Às nove horas de uma manhã dominical, a população se encontra na maior parte dentro de casa, preparando-se para ir à igreja. Nenhuma pessoa observadora terá deixado de notar o ar peculiarmente deserto da cidade entre cerca de oito e dez da manhã todo domingo. Entre as dez e onze as ruas ficam cheias, mas não em um horário tão cedo como o que foi indicado.

“Há um outro ponto no qual parece haver uma deficiência de observação por parte do *Le Commercial*. 'Um pedaço', afirma, 'de uma das anáguas da infeliz garota, com sessenta centímetros de comprimento e trinta de largura, foi arrancado e amarrado sob seu queixo e em torno da nuca, provavelmente para impedir que gritasse. Isso foi feito por sujeitos que não carregam lenços de bolso.' Se essa ideia está ou não bem fundamentada é algo que nos empenharemos em ver mais adiante; mas por 'sujeitos que não carregam lenços de bolso' o editor entende a mais baixa classe de rufiões. Esses, entretanto, são exatamente o gênero de pessoas que sempre carregam consigo algum lenço, mesmo quando destituídos de camisa. Você já deve ter tido ocasião de observar quão absolutamente indispensável, em anos recentes, para esses rematados meliantes, tem se constituído o lenço de bolso.”

“E o que devemos pensar”, perguntei, “do artigo no *Le Soleil*?”

“É uma pena que seu editor não tenha nascido papagaio — nesse caso ele teria sido o mais ilustre papagaio de sua raça. Ele tem meramente repetido os itens individuais da opinião já publicada; coligindo-as, com louvável diligência, ora desse jornal, ora daquele. 'Os objetos estavam todos evidentemente ali', afirma, 'havia pelos menos três ou quatro semanas, e não pode haver dúvida, portanto, que o lugar dessa macabra barbaridade foi encontrado.' Os fatos aqui reafirmados pelo *Le Soleil* estão realmente muito longe de eliminar minhas dúvidas quanto a esse assunto e iremos dentro em breve examiná-los com

maiores particularidades em suas conexões com outra parte do assunto.

“No presente momento, devemos nos ocupar de outras investigações. Decerto você não deixou de observar a extrema negligência no exame do cadáver. Naturalmente, a questão da identidade foi prontamente determinada, ou deveria ter sido; mas havia outros pontos a serem verificados. Acaso o corpo foi em algum aspecto despojado? A vítima usava algum artigo de joalheria ao sair de casa? se usava, continuava com alguma joia ao ser encontrada? Essas são questões centrais absolutamente não abordadas nos testemunhos; e há outras de igual importância, que não receberam atenção alguma. Devemos nos empenhar em nos satisfazer mediante uma investigação pessoal. O caso de St. Eustache deve ser reexaminado. Não alimento a menor suspeita em relação a ele; mas procedamos com método. Vamos averiguar além da dúvida a validade da declaração juramentada respeitante a seu paradeiro no domingo. Documentos dessa espécie são facilmente tornados objeto de mistificação. Se nada errado se apresentar aí, entretanto, descartaremos St. Eustache de nossas inquirições. Seu suicídio, por mais corroborante de suspeita caso se descobrisse alguma falsidade no depoimento, de modo algum constitui, sem tal falsidade, circunstância inexplicável, ou uma a exigir que nos desviemos da linha da análise ordinária.

“Nisso que agora proponho, negligenciaremos os pontos internos dessa tragédia, e focaremos nossa atenção em seus detalhes periféricos. Não é o menor dos erros em investigações como essa restringir o escopo ao imediato, com total desprezo dos eventos colaterais ou circunstanciais. É o mau costume dos tribunais confinar a apresentação de provas e a argumentação aos limites da aparente relevância. Contudo, a experiência mostrou, e uma verdadeira filosofia sempre mostrará, que uma vasta parte da verdade, talvez a maior, surge do que é aparentemente irrelevante. É por meio do espírito desse princípio, quando não precisamente por meio de sua letra, que a ciência moderna tem optado por calcular com base no imprevisível. Mas talvez eu não esteja me fazendo compreender. A história do conhecimento humano tem tão ininterruptamente mostrado que a eventos colaterais, incidentais ou acidentais devemos as descobertas mais numerosas e valiosas, que acabou se tornando necessário, em qualquer visão em perspectiva do aperfeiçoamento, conceder não apenas vultosos, mas os mais vultosos subsídios para invenções que surgirão por acaso, e completamente fora do alcance da expectativa comum. Já não é mais filosófico basear no que foi uma visão do que será. O acidente é admitido como parte da subestrutura. Fazemos do acaso matéria de cálculo absoluto. Sujeitamos o inesperado e o inimaginado às fórmulas matemáticas das escolas.

“Repito que isso nada mais é que um fato, que a porção mais ampla de toda verdade brota do que é colateral; e não é senão de acordo com o espírito do princípio implicado neste fato que eu desviaria a investigação, no presente caso, do terreno repisado e até aqui infrutífero do próprio evento em si para as

circunstâncias contemporâneas que o cercam. Enquanto você verifica a validade do depoimento juramentado, examinarei os jornais de um modo mais geral do que fez até agora. Até o momento, inspecionamos apenas o campo de investigação; mas será de fato estranho se um levantamento abrangente dos periódicos, tal como proponho, não nos proporcionar alguns pontos minuciosos que irão determinar uma direção para o inquérito.”

Seguindo a sugestão de Dupin, procedi a um escrupuloso exame da questão do documento. O resultado foi a firme convicção de sua validade, e da consequente inocência de St. Eustache. Nesse meio-tempo, meu amigo se ocupou, com o que parecia ser uma minúcia absolutamente sem propósito, em um escrutínio dos vários jornais arquivados. Ao final da semana pôs diante de mim os seguintes trechos:

“Cerca de três anos e meio atrás, uma agitação muito semelhante à presente foi causada pelo desaparecimento dessa mesma Marie Rogêt da parfumerie de Monsieur Le Blanc no Palais Royal. Ao final de uma semana, entretanto, ela reapareceu em seu comptoir costumeiro, tão bem como sempre, com exceção de uma ligeira palidez não inteiramente normal. Foi dito por Monsieur Le Blanc e sua mãe que ela havia meramente visitado uma amiga no campo; e o assunto foi prontamente encerrado. Presumimos que a presente ausência seja um capricho da mesma natureza e que, ao expirar-se o prazo de uma semana, ou talvez um mês, teremos sua presença entre nós mais uma vez.”
Jornal vespertino [New York Express], segunda-feira, 23 de junho.

“Um jornal vespertino de ontem faz referência a um anterior desaparecimento misterioso de Mademoiselle Rogêt. É bem sabido que, durante a semana de sua ausência da parfumerie de Le Blanc, encontrava-se ela na companhia de um jovem oficial da marinha, muito afamado por seu comportamento dissoluto. Uma briga, supõe-se, providencialmente levou a jovem a voltar para casa. Sabemos o nome do casanova em questão, que, no presente momento, encontra-se aquartelado em Paris, mas, por motivos óbvios, abstemo-nos de tornar público.”
Le Mercurie [New York Herald], terça-feira, 24 de junho.

“Uma barbaridade do caráter mais atroz foi perpetrada perto desta cidade anteontem. Um cavalheiro, acompanhado de esposa e filha, requereu, ao fim do dia, os serviços de seis rapazes que remavam ociosamente um bote entre uma e outra margem do Sena, para que os transportassem até o outro lado do rio. Ao chegarem na margem oposta, os três passageiros desembarcaram e já haviam se distanciado a ponto de perder o bote de vista quando a filha percebeu que esquecera a sombrinha. Ao voltar para recuperá-la, foi dominada pela gangue, levada pelo rio, amordaçada, brutalizada e finalmente conduzida de volta à margem num ponto não muito longe daquele onde originalmente subira a bordo com seus pais. Os vilões acham-se fugidos no momento, mas a polícia está em

seu rastro, e alguns deles em breve serão capturados.” Jornal matutino [New York Courier and Inquirer], 25 de junho.

“Recebemos uma ou duas missivas cujo propósito é ligar o crime da recente atrocidade a Mennais [Mennais foi um dos envolvidos originalmente considerado suspeito e detido, mas solto por absoluta falta de evidência]; mas como esse cavalheiro foi plenamente exonerado por uma investigação legal, e como os argumentos de nossos diversos correspondentes parecem exibir mais fervor do que profundidade, não julgamos aconselhável torná-las públicas.” Jornal matutino [New York Courier and Inquirer], 28 de junho.

“Temos recebido diversas missivas veementemente redigidas, ao que parece de fontes variadas, e que interpretam em grande medida como coisa certa que a desafortunada Marie Rogêt foi vítima de um dos inúmeros bandos de meliantes que infestam os arredores da cidade aos domingos. Nossa própria opinião é decididamente a favor dessa suposição. Daqui por diante vamos nos empenhar em expor alguns desses argumentos.” Jornal vespertino [New York Evening Post], terça-feira, 31 de junho.

“Na segunda-feira, um dos balseiros empregados no serviço fiscal avistou um bote vazio flutuando pelo Sena. As velas estavam no fundo do barco. O balseiro rebocou-o à administração das barcas. Na manhã seguinte, alguém o levou dali sem ser visto por nenhum dos funcionários. O leme encontra-se nesse momento na administração das barcas.” Le Diligence [New York Standard], quinta-feira, 26 de junho.

Depois de ler esses vários excertos, eles não só me pareceram irrelevantes, como também fui incapaz de perceber um modo pelo qual qualquer um deles poderia se aplicar ao assunto em questão. Aguardei alguma explicação de Dupin.

“No presente momento não tenho a intenção”, disse ele, “de deter-me no primeiro e no segundo desses excertos. Eu os copiei principalmente para mostrar o extremo desleixo das autoridades, que, até onde posso depreender pelo chefe de polícia, não se deram o trabalho, em nenhum aspecto, de proceder a um exame do oficial naval ao qual se aludiu. Contudo, não passa de mera insensatez dizer que entre o primeiro e o segundo desaparecimento de Marie não existe qualquer ligação presumível. Vamos admitir que a primeira fuga tenha terminado em uma briga entre os enamorados, e a volta para casa da moça desiludida. Estamos agora preparados para entender uma segunda fuga (se sabemos que uma fuga mais uma vez teve lugar) como indicativa de uma renovação dos avanços do sedutor, mais do que como resultado de novas propostas feitas por um segundo indivíduo — estamos preparados para encarar isso como 'as pazes' de um velho amor, mais do que como o início de um novo. As chances são de dez contra um de que aquele que fugira com Marie propusesse uma nova fuga, mais do que ela, a quem propostas de fuga haviam

sido feitas por um indivíduo, receber essas mesmas propostas por parte de outro. E aqui deixe-me chamar sua atenção para o fato de que o tempo transcorrido entre a primeira fuga e a segunda suposta fuga é de alguns meses mais do que o período geral de cruzeiro de nossas belonaves. Teria sido o enamorado interrompido em sua primeira vilania pela necessidade de se fazer ao mar, e teria aproveitado o primeiro momento de seu regresso para retomar as vis intenções ainda não inteiramente consumadas — ou ainda não inteiramente por ele consumadas? Disso tudo nada sabemos.

“Dirá você, entretanto, que, no segundo caso, não houve fuga alguma, tal como imaginado. Decerto não — mas estamos preparados para afirmar que não houve intenção frustrada? À parte St. Eustache, e talvez Beauvais, não encontramos nenhum pretendente reconhecido, declarado ou honrado de Marie. De nenhum outro há qualquer coisa sendo dita. Quem, então, é o enamorado secreto, de quem os parentes (pelo menos a maioria deles) nada sabe, mas com quem Marie se encontrou na manhã de domingo, e que goza tão profundamente de sua confiança que ela não hesita em permanecer em sua companhia até o cair das sombras noturnas, em meio aos solitários bosques da Barrière du Roule? Quem é esse amante secreto, pergunto, a respeito de quem, pelo menos, a maioria dos parentes nada sabe? E qual o significado da singular profecia de Madame Rogêt na manhã em que Marie partiu? — ‘Receio que nunca mais verei Marie outra vez’.

“Mas se não imaginamos Madame Rogêt a par do plano de fuga, não podemos ao menos supor que essa fosse a intenção acalentada pela moça? Ao sair de casa, ela deu a entender que pretendia visitar a tia na Rue des Drômes, e St. Eustache foi solicitado a buscá-la após escurecer. Ora, a um primeiro olhar, esse fato depõe fortemente contra minha sugestão; — mas refletamos. Que ela de fato encontrou-se com alguém, e prosseguiu com ele até o outro lado do rio, chegando à Barrière du Roule já bem tarde, às três horas, é sabido. Mas ao consentir em acompanhar esse indivíduo (com seja lá que propósito — conhecido ou ignorado por sua mãe), deve ter pensado na intenção que expressara ao sair de casa, e na surpresa e desconfiança suscitada no peito daquele a quem estava prometida, St. Eustache, quando, indo à sua procura, na hora designada, na Rue des Drômes, viesse a descobrir que ela não aparecera por lá, e quando, além do mais, ao voltar à pension com sua alarmante informação, viesse a tomar consciência de sua prolongada ausência de casa. Ela deve ter pensado nessas coisas, repito. Deve ter previsto a mortificação de St. Eustache, a desconfiança de todos. Não poderia ter pensado em voltar para confrontar essa desconfiança; mas a desconfiança se torna um ponto de trivial importância para ela se supomos que não pretende voltar.

“Podemos imaginá-la pensando assim — ‘Vou encontrar determinada pessoa com o propósito de fugir, ou com determinados outros propósitos

conhecidos apenas de mim mesma. É necessário que não haja qualquer oportunidade de interrupção — devemos ter tempo suficiente para nos esquivar de qualquer busca — darei a entender que vou visitar e passar o dia em minha tia na Rue des Drômes — direi a St. Eustache que só venha me buscar ao escurecer — desse modo, minha ausência de casa pelo mais longo período possível, sem causar desconfiança ou ansiedade, ficará explicado, e ganharei mais tempo do que de qualquer outra maneira. Se peço a St. Eustache para me buscar ao escurecer, ele com certeza não virá antes disso; mas se me omitir por completo de pedir que venha me buscar, meu tempo de fuga ficará reduzido, uma vez que seria de se esperar meu regresso quanto antes, e minha ausência despertará ansiedade mais cedo. Ora, se fosse minha intenção voltar de um modo ou de outro — se estivesse contemplando meramente um passeio com o indivíduo em questão — não seria minha estratégia pedir que St. Eustache fosse ao meu encontro; pois, ao buscar-me, ele certamente perceberá que o enganei — fato acerca do qual posso mantê-lo para sempre na ignorância, saindo de casa sem notificá-lo de minha intenção, voltando antes de escurecer e depois afirmando que visitara minha tia na Rue des Drômes. Mas como é minha intenção jamais regressar — ou não regressar por algumas semanas — ou pelo menos não até que certos acobertamentos sejam efetuados — o ganho de tempo é o único ponto sobre o qual preciso me preocupar'.

“Como você observou em suas anotações, a opinião mais geral acerca desse triste episódio é, e sempre foi desde o início, a de que a garota havia sido vítima de uma gangue de meliantes. Ora, a opinião popular, sob certas condições, não deve ser desprezada. Quando surgida por si mesma — quando se manifestando de um modo estritamente espontâneo — devemos olhar para ela como análoga a essa intuição que é a idiossincrasia do homem de gênio individual. Em noventa e nove de cada cem casos eu me pautaria pelo que ela decidir. Mas é importante não encontrarmos o menor vestígio palpável de sugestão. A opinião deve ser rigorosamente apenas do público; e a distinção é muitas vezes sumamente difícil de perceber e de manter. No presente caso, parece-me que essa 'opinião pública' em relação a uma gangue foi introduzida pelo evento colateral que está detalhado no terceiro de meus excertos. Toda Paris ficou agitada com a descoberta do cadáver de Marie, uma moça jovem, muito bonita e conhecida. Esse corpo foi encontrado exibindo marcas de violência e boiando no rio. Mas é depois divulgado que, nesse mesmo período, ou por volta desse mesmo período, em que se supõe que a garota foi assassinada, uma barbaridade de natureza similar à que se submeteu a falecida, embora em menor extensão, foi perpetrada por uma gangue de jovens rufiões contra a pessoa de uma segunda jovem. Não é extraordinário que uma atrocidade conhecida influencie o juízo popular em relação à outra, desconhecida? Esse juízo aguardava uma orientação, e a conhecida barbaridade pareceu tão

oportunamente concedê-la! Marie, também, foi encontrada no rio; e foi precisamente nesse rio que a barbaridade de que se tem conhecimento foi cometida. A ligação entre os dois eventos teve tanto de palpável que o verdadeiro motivo de espanto teria sido a população deixar de percebê-la e dela se apoderar. Mas, na verdade, uma atrocidade, reconhecidamente admitida como tal, é, se alguma coisa for, evidência de que a outra, cometida em um período quase coincidente, não o foi. Teria sido um milagre de fato se, enquanto uma gangue de rufiões perpetrava, em uma dada localidade, uma iniquidade das mais ultrajantes, tivesse havido outra gangue similar, em uma localidade similar, na mesma cidade, sob as mesmas circunstâncias, com os mesmos meios e instrumentos, envolvida em iniquidade precisamente do mesmo aspecto, precisamente no mesmo período de tempo! E contudo em que senão nessa maravilhosa cadeia de coincidências a opinião acidentalmente sugestionada do populacho espera que acreditemos?

“Antes de ir mais além, consideremos a suposta cena do assassinato, em meio à moita da Barrière du Roule. Essa moita, embora densa, ficava bem nas proximidades de uma estrada pública. Dentro havia três ou quatro grandes pedras, formando uma espécie de banco com encosto e escabelo. Na pedra de cima foi encontrada uma anágua branca; na segunda, um lenço de seda. Uma sombrinha, luvas e um lenço de bolso também foram encontrados. O lenço portava o nome 'Marie Rogêt'. Fragmentos de vestido foram vistos nos galhos em volta. A terra estava revolvida, os arbustos, quebrados, e havia sinais de uma violenta luta.

“Não obstante a aclamação com que a descoberta dessa moita foi recebida pela imprensa, e a unanimidade com que se imaginava que indicaria a precisa cena da barbaridade, deve-se admitir que havia um motivo muito bom para dúvida. Que foi de fato a cena, posso tanto acreditar como não — mas havia um excelente motivo para dúvida. Se a verdadeira cena tivesse sido, como sugeriu o *Le Commercial*, nos arredores da Rue Pavée St. André, os perpetradores do crime, supondo que ainda residam em Paris, teriam naturalmente sido tomados de pânico com a atenção pública desse modo tão agudamente direcionada para o canal apropriado; e, em certas classes de mente, isso teria suscitado, na mesma hora, uma percepção da necessidade de empreender alguma diligência para desviar essa atenção. E assim, a moita na Barrière du Roule tendo já levantado suspeitas, a ideia de plantar os objetos onde foram encontrados pode naturalmente ter sido engendrada. Não existe qualquer evidência genuína, embora o *Le Soleil* assim o suponha, de que os objetos encontrados estivessem mais que uns poucos dias na moita; ao passo que há bastante prova circunstancial de que não podiam ter permanecido ali, sem atrair a atenção, durante os vinte dias transcorridos entre o domingo fatídico e a tarde em que foram descobertos pelos meninos. 'Estavam todos fortemente

embolorados', diz o Le Soleil, adotando a opinião de seus predecessores, 'pela ação da chuva, e colados com o bolor. A relva crescera em volta e cobrira alguns deles. A seda da sombrinha era resistente, mas as fibras haviam grudado por dentro. A parte de cima, onde ela fora fechada e enrolada, estava toda embolorada e podre, e rasgou quando aberta.' Em relação ao fato de que 'a relva crescera em volta e cobrira alguns deles', é óbvio que o fato só poderia ter sido atestado com base nas palavras, e nas lembranças, de dois meninos pequenos; pois esses meninos removeram os objetos e os levaram para casa antes de serem vistos por uma terceira parte. Mas a relva pode crescer, principalmente no tempo quente e úmido (tal como era o período do assassinato), até cerca de seis ou sete centímetros num único dia. Uma sombrinha caída sobre um solo de grama viçosa pode, numa semana, ficar inteiramente oculta da vista pela relva que cresceu. E no tocante ao bolor em que o editor do Le Soleil tão obstinadamente insiste, de tal modo que emprega a palavra não menos que três vezes no parágrafo acima citado, acaso será ele realmente ignorante da natureza desse bolor? Ninguém lhe contou que pertence a uma das inúmeras classes de fungos, dos quais a característica mais ordinária é o crescimento e a decadência no intervalo de vinte e quatro horas?

“Desse modo vemos, num rápido olhar, que o que foi mais triunfantemente exemplificado em sustentação à ideia de que os objetos haviam estado ali 'por pelo menos três ou quatro semanas' na moita é da mais absurda nulidade com respeito a qualquer evidência do fato. Por outro lado, é sumamente difícil crer que esses objetos tenham permanecido na referida moita por um período mais prolongado do que uma única semana — por um período mais longo do que o de um domingo até o seguinte. Qualquer um minimamente informado sobre os arredores de Paris sabe a extrema dificuldade de se encontrar isolamento, a não ser a uma grande distância dos subúrbios. Algo como um recanto inexplorado, ou mesmo visitado com pouca frequência, em meio a seus bosques e arvoredos, não é sequer por um instante algo imaginável. Que o tente qualquer um que, sendo no íntimo um amante da natureza, ainda que agrilhado pelo dever à poeira e ao calor dessa grande metrópole — que qualquer um nessas condições tente, mesmo durante dias úteis, aplacar sua sede de solidão em meio aos cenários adoráveis da natureza que nos cercam. A cada dois passos ele verá seu crescente encanto desmanchado pela voz e a intrusão pessoal de algum rufião ou bando de patifes embriagados. Ele buscará privacidade em meio às densas folhagens, mas em vão. São aí precisamente os recessos onde mais grassa essa rale — aí estão os templos mais profanados. Com o coração apertado nosso transeunte voltará correndo para a poluída Paris como sendo um lugar menos odioso por ser um menos incongruente antro de poluição. Mas se os arredores da cidade são de tal modo perturbados durante os dias úteis da semana, o que não dizer do domingo! É especialmente então que, libertados

das obrigações do trabalho, ou privados das costumeiras oportunidades de crime, os meliantes urbanos buscam as vizinhanças da cidade, não por amor ao meio rural, coisa que no íntimo desprezam, mas como um modo de escapar das restrições e convenções da sociedade. Eles desejam menos o ar fresco e as verdes árvores do que a completa licenciosidade do campo. Aqui, numa estalagem de beira de estrada, ou sob a folhagem do arvoredor, entregam-se, sem a restrição de qualquer olhar exceto o de seus companheiros de pândega, a todos os descontrolados excessos de um arremedo de hilaridade — a cria combinada da liberdade e do rum. Não digo nada além do que já deve ser óbvio para qualquer observador desapaixonado quando repito que a circunstância de os objetos em questão terem permanecido sem ser descobertos por um período mais longo do que o de um domingo a outro em qualquer moita nos imediatos arredores de Paris precisa ser encarado como pouco mais que miraculoso.

“Mas não se necessitam de outros fundamentos para a suspeita de que os objetos foram plantados na moita com vistas a desviar o olhar da verdadeira cena da barbaridade. E, antes de mais nada, deixe-me dirigir sua atenção para a data em que os objetos foram descobertos. Compare essa data com a do quinto excerto por mim próprio separado dos jornais. Vai perceber que a descoberta se sucedeu, quase imediatamente, às insistentes missivas enviadas ao jornal vespertino. Essas missivas, embora variadas, e aparentemente oriundas de várias fontes, tendiam todas ao mesmo ponto — a saber, direcionar a atenção a uma gangue como sendo os perpetradores dessa barbaridade e à área da Barrière du Roule como sendo sua cena. Ora, aqui, é claro, a suspeita não é a de que, em consequência dessas missivas, ou da atenção pública por elas direcionadas, os objetos tenham sido encontrados pelos meninos; mas a suspeita pode e deve ser de que os objetos não tenham sido encontrados antes pelos meninos pelo motivo de que os objetos não estavam antes na moita; tendo sido depositados ali somente em um período posterior, como na data das missivas, ou pouco antes disso, pelos autores mesmo dessas missivas, os culpados.

“Essa moita era singular — sobremaneira singular. Era incomumente densa. Entre suas paredes naturais havia três pedras extraordinárias, formando um banco com encosto e escabelo. E essa moita, tão cheia de arte natural, ficava na imediata vizinhança, a não muitos metros, da residência de Madame Deluc, cujos meninos tinham por hábito examinar detidamente os arbustos em torno à procura da casca do sassafrás. Acaso seria uma aposta insensata — uma aposta de mil contra um — crer que nem um dia sequer se passasse sobre a cabeça desses meninos sem dar com pelo menos um deles acomodado à sombra desse salão e entronizado em seu trono natural? E quem numa aposta dessas hesitasse, ou nunca foi menino, ou se esqueceu de como é a natureza dos meninos. Repito — é sobremaneira difícil compreender como os objetos podiam ter permanecido nessa moita sem serem descobertos por um período maior do que um ou dois

dias; e desse modo há uma boa base para suspeitar, a despeito da dogmática ignorância do Le Soleil, que foram, em data comparativamente recente, deixados no local de sua descoberta.

“Mas há ainda outros motivos, mais fortes do que qualquer outro até aqui enfatizado, para acreditar que foram desse modo deixados. E agora, permita-me chamar sua atenção para a disposição amplamente artificial dos objetos. Na pedra de cima havia uma anágua; na segunda uma echarpe de seda; espalhados em torno, uma sombrinha, luvas e um lenço de bolso exibindo o nome 'Marie Rogêt'. Esse é o tipo de arranjo que teria sido naturalmente feito por uma pessoa não muito inteligente tentando dispor os itens naturalmente. Mas não é de modo algum um arranjo realmente natural. Eu teria esperado antes ver os objetos todos caídos no chão e pisoteados. No estreito confinamento daquele caramanchão, dificilmente teria sido possível que a echarpe e a anágua fossem parar sobre as pedras, quando sujeitadas ao contato repetido de muitas pessoas em luta. 'Havia sinais', foi dito, 'de uma luta; e a terra estava pisoteada, e os galhos, quebrados' — mas a anágua e a echarpe são encontrados como que arrumados em prateleiras. 'Os pedaços de seu vestido arrancados pelos arbustos tinham cerca de oito centímetros de largura e quinze de comprimento. Uma parte era a bainha do vestido, que fora remendada; a outra peça era parte da saia, não a bainha. Pareciam tiras arrancadas.' Aqui, inadvertidamente, o Le Soleil empregou uma expressão sumamente suspeita. Os pedaços, como descrito, de fato 'parecem tiras arrancadas'; mas propositalmente, e com a mão. É acidente dos mais raros que um pedaço seja 'arrancado' de qualquer peça de vestuário tal como essa em questão pela ação de um espinho. Pela própria natureza de tais tecidos, um espinho ou prego neles enganchando os rasga de maneira retangular — divide-os em duas faixas longitudinais, em ângulos retos uma com a outra, e convergindo para um vértice onde entra o espinho — mas dificilmente será possível conceber um pedaço sendo 'arrancado'. Nunca vi tal coisa, você tampouco. Para arrancar um pedaço de tal tecido duas forças distintas, em diferentes direções, serão, praticamente em qualquer situação, exigidas. Se houver duas extremidades no tecido — se, por exemplo, for um lenço de bolso, e se se desejar dele arrancar uma tira, então, e somente então, uma única força servirá ao propósito. Mas no presente caso a questão é de um vestido, que não exhibe senão uma extremidade. Arrancar um pedaço da parte interna, onde nenhuma extremidade se apresenta, só poderia ser efetuado por milagre com a ação de espinhos, e nenhum espinho isolado o teria feito. Mas, mesmo onde uma extremidade se apresenta, dois espinhos serão necessários, operando um em duas direções distintas, e o outro em uma. E isso na suposição de que a extremidade não tem bainha. Se houver bainha, é praticamente um assunto fora de questão. Vemos assim os diversos e grandes obstáculos nessa história de pedaços 'arrancados' pela simples ação de 'espinhos'; contudo, é-nos exigido acreditar que não só um pedaço como também

muitos foram desse modo arrancados. 'E uma parte', além disso, 'era a bainha do vestido!' Outro pedaço era 'parte da saia, não a bainha' — ou seja, foi completamente arrancado por ação dos espinhos na parte interna do vestido, não a partir de nenhuma extremidade! Essas, repito, são coisas em que facilmente se perdoará a descrença; contudo, tomadas em conjunto, formam, talvez, uma base para suspeita menos razoável do que a surpreendente circunstância de os objetos terem sido deixados ali naquela moita por eventuais assassinos precavidos o bastante para pensar em remover o corpo. Mas você não terá compreendido direito onde quero chegar se supuser que é meu intento desacreditar essa moita como a cena da barbaridade. Pode ter ocorrido algum delito ali, ou, mais possivelmente, um acidente na casa de Madame Deluc. Mas, na verdade, essa é uma questão de menor importância. Não estamos empenhados em tentar descobrir a cena, mas em achar os perpetradores do crime. O que aduzi, não obstante a minuciosidade de minhas aduções, foi com vistas a, primeiro, mostrar a insensatez das afirmações confiantes e precipitadas do Le Soleil, mas, em segundo e sobretudo, conduzi-lo, pela rota mais natural, a uma mais aprofundada contemplação da dúvida quanto a se esse assassinato foi ou não obra de uma gangue.

“Retomaremos essa questão meramente aludindo aos revoltantes detalhes do cirurgião consultado na investigação. É necessário dizer apenas que as inferências dele publicadas em relação ao número de rufiões têm sido apropriadamente ridicularizadas como errôneas e totalmente infundadas por todos os anatomistas de reputação em Paris. Não que o caso não poderia ter sido como o inferido, mas por não haver base para a inferência: — não havia bastante para uma outra?

“Reflitamos agora quanto aos 'sinais de luta'; e deixe-me perguntar o que se supõe que esses indícios tenham demonstrado. Uma gangue. Mas não demonstram eles antes a ausência de uma gangue? Que luta poderia ter tido lugar — que luta tão violenta e tão demorada a ponto de ter deixado seus 'sinais' em todas as direções — entre uma jovem fraca e indefesa e a gangue de rufiões imaginada? A silenciosa ação de uns poucos braços rudes e tudo estaria terminado. A vítima teria se mostrado inteiramente passiva sob a vontade deles. Tenha em mente que os argumentos enfatizados contra a moita como cena são aplicáveis, na maior parte, apenas contra o lugar como cena de uma barbaridade cometida por mais que um único indivíduo. Se imaginamos apenas um transgressor, podemos conceber, e apenas assim conceber, uma luta de natureza tão violenta e obstinada a ponto de ter deixado 'sinais' aparentes.

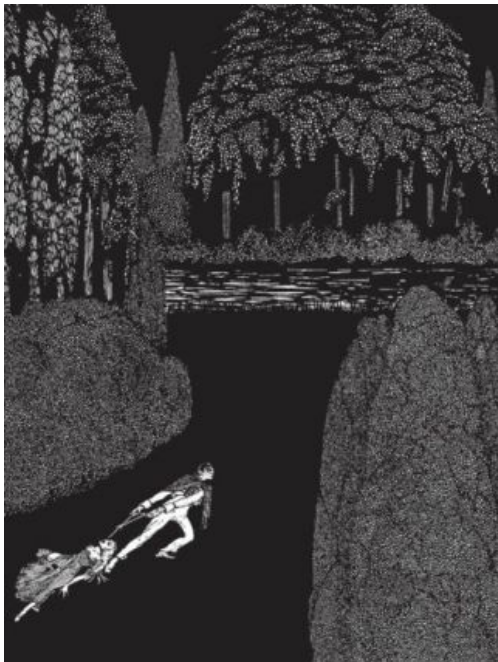
“E volto a repetir. Já mencionei a suspeita despertada pelo fato de que os objetos em questão possam ter permanecido de algum modo na moita onde foram encontrados. Parece quase impossível que essas evidências de culpa tenham sido acidentalmente deixadas no lugar de sua descoberta. Houve

suficiente presença de espírito (ao que tudo indica) para a remoção do cadáver; e contudo uma evidência ainda mais explícita que o próprio corpo (cujas feições podiam vir a ser rapidamente obliteradas pela putrefação) é abandonada conspicuamente na cena da barbaridade — estou aludindo ao lenço com o nome da vítima. Se isso foi um acidente, não foi o acidente de uma gangue. Só podemos imaginá-lo como o acidente de um indivíduo. Vejamos. Um indivíduo cometeu o crime. Está sozinho com o fantasma da falecida. Apavorado com o corpo inerte diante de si. A fúria de suas paixões se esvaiu e há espaço de sobra em seu coração para o terror natural inspirado pelo ato. Nele nada existe dessa confiança que a presença de um grande número inevitavelmente inspira. Ele está sozinho com a morta. Está tomado por tremores e confusão. Contudo há a necessidade de se livrar do corpo. Ele o carrega até o rio, mas deixa para trás as demais evidências de culpa; pois é difícil, quando não impossível, carregar tudo de uma só vez, e será fácil voltar ao que deixou. Mas em sua árdua jornada até a água seus medos redobram dentro dele. Sons de atividade o cercam pelo trajeto. Uma dúzia de vezes escuta ou imagina escutar passos de algum observador. Até as próprias luzes da cidade aumentam sua confusão. Contudo, com o tempo, e fazendo longas e frequentes pausas de profunda agonia, ele chega à margem do rio, e livra-se do macabro fardo — talvez com o uso de um bote. Mas agora que tesouro haveria neste mundo — que ameaça de vingança poderia existir — capaz de incitar esse assassino solitário a refazer seus passos pela trilha laboriosa e arriscada até aquela moita com suas reminiscências de enregelar o sangue? Ele não volta, sejam quais forem as consequências. Não conseguiria voltar nem se quisesse. Seu único pensamento é a fuga imediata. Ele dá as costas para sempre ao apavorante bosque e corre da ira que está por vir.

“Mas, e com uma gangue? Seu número ter-lhes-ia infundido confiança; se, de fato, a confiança está alguma vez ausente no peito desses rematados meliantes; e unicamente de rematados meliantes imagina-se que as gangues sejam constituídas. Seu número, repito, ter-lhes-ia poupado a desorientação e o terror que segundo imaginei paralisariam o homem solitário. Supuséssemos um descuido em um, ou dois, ou três, esse descuido teria sido remediado por um quarto. Eles não teriam deixado nada atrás de si; pois seu número lhes teria permitido carregar tudo de uma vez. Não teria havido necessidade de regresso.

“Considere agora a circunstância de que, no exterior do vestido, como encontrado no cadáver, 'uma faixa, com cerca de trinta centímetros de largura, fora rasgada da barra inferior até a cintura, mas não arrancada. Estava enrolada três vezes em torno da cintura e presa por uma espécie de nó às costas'. Isso foi feito com o óbvio propósito de constituir uma alça pela qual carregar o corpo. Mas que número de homens teria ideado recorrer a tal expediente? Para três ou quatro, os braços e pernas do cadáver teriam constituído não apenas ponto de apreensão suficiente, mas o melhor ponto possível. O recurso cabe a um único

indivíduo; e isso nos conduz ao fato de que, 'entre a moita e o rio, descobriu-se que as tábuas da cerca haviam sido derrubadas e o solo mostrava evidência de que algum pesado fardo fora arrastado'! Mas que homens, se em algum número, dar-se-iam o trabalho supérfluo de derrubar uma cerca com o propósito de arrastar por ela um corpo que poderiam ter erguido por cima da cerca num piscar de olhos? Que número de homens teria desse modo arrastado um cadáver e deixado evidentes vestígios de sua ação?



“E aqui devemos fazer referência a uma observação do Le Commercial; observação sobre a qual, em certa medida, já avengei um comentário. 'Um pedaço de uma das anáguas da infeliz garota', diz o jornal, 'com sessenta centímetros de comprimento e trinta de largura, foi arrancado e amarrado sob seu queixo e em torno da nuca, provavelmente para impedir que gritasse. Isso foi

feito por sujeitos que não carregam lenços de bolso.'

“Já tive oportunidade de sugerir anteriormente que um genuíno meliante nunca anda sem seu lenço de bolso. Mas não é para esse fato que particularmente advirto. Que não foi por falta de um lenço de bolso para o propósito imaginado pelo Le Commercial que essa bandagem foi empregada fica óbvio com o lenço de bolso encontrado na moita; e que o item não se destinava a 'impedir que gritasse' transparece, também, em ter sido empregada a bandagem preferencialmente ao que com tão mais eficácia teria atendido a esse propósito. Mas o fraseado do depoimento refere-se à faixa em questão como tendo sido 'encontrada em torno do pescoço, enrolada de um modo frouxo, e presa com um nó cego'. Tais palavras são bastante vagas, mas diferem substancialmente das que figuram no Le Commercial. Essa faixa de tecido tinha quarenta e cinco centímetros de largura e, logo, embora de musselina, teria funcionado como uma forte atadura quando dobrada ou torcida no sentido longitudinal. E desse modo, torcida, foi encontrada. Minha inferência é a seguinte. O assassino solitário, tendo carregado o cadáver por certa distância (seja desde a moita, seja de outro lugar) com auxílio da bandagem presa em alça no meio, percebeu que o peso, nesse modo de proceder, era grande demais para sua força. Ele resolveu arrastar o fardo — a evidência mostra que foi de fato arrastado. Com tal objetivo em mente, tornou-se necessário atar algo como uma corda a uma das extremidades. O melhor ponto para isso revelou ser o pescoço, onde a cabeça impediria o laço de escapar. E desse modo o assassino inquestionavelmente considerou a faixa em torno dos quadris. Dela poderia ter se servido, não fossem as voltas com que se enrolava em torno do corpo, a alça que a obstruía e a consideração de que não fora 'arrancada' acidentalmente da roupa. Era mais fácil rasgar uma nova tira da anágua. Ele assim o fez, prendendo-a firmemente no pescoço, e desse modo arrastou sua vítima até a margem do rio. Que essa 'bandagem', somente obtida a muito custo e com grande demora, e prestando-se apenas imperfeitamente a sua finalidade — que essa bandagem tenha ainda assim sido empregada demonstra que a necessidade de seu uso derivou de circunstâncias surgidas num momento em que o lenço de bolso não mais estava acessível — isto é, surgidas, como imaginamos, após afastar-se da moita (se de fato era a moita) e na estrada entre a moita e o rio.

“Mas, dirá você, o depoimento de Madame Deluc (!) aponta especialmente para a presença de uma gangue nas cercanias da moita, no instante ou perto da hora do crime. Isso eu admito. Duvido que não houvesse uma dúzia de gangues, tal como a descrita por Madame Deluc, no local e nos arredores da Barrière du Roule no instante ou perto de quando ocorreu essa tragédia. Mas a gangue que atraiu para si a referida animadversão, apesar do testemunho em certa medida tardio e deveras suspeito de Madame Deluc, é a única gangue descrita por essa velha senhora honesta e escrupulosa como tendo

comido seus bolos e tomado seu brande sem haver se dignado a lhe pagar o que deviam. Et hinc illæ iræ? [*“E de onde essa ira?”*]

“Mas qual é de fato o preciso depoimento de Madame Deluc? 'Uma gangue de malfeitores chegou, comportaram-se ruidosamente, comeram e beberam sem pagar, seguiram o caminho tomado pelo jovem e pela moça, voltaram à hospedaria ao entardecer e tornaram a cruzar o rio, aparentando grande pressa.'

“Ora, essa 'grande pressa' possivelmente pareceu ainda maior aos olhos de Madame Deluc, uma vez que ela se detém prolongada e lamentosamente em seus bolos e sua cerveja profanados — bolos e cerveja para os quais talvez ainda acalentasse uma débil esperança de compensação. Ora, de outro modo, uma vez que era o entardecer, por que frisar a questão da pressa? Não causa admiração, certamente, que mesmo uma gangue de meliantes deva estar com pressa de chegar em casa quando há um amplo rio a ser cruzado em pequenos botes, quando uma tempestade é iminente e quando a noite se aproxima.

“Digo se aproxima; pois a noite ainda não havia chegado. Foi apenas ao entardecer que a pressa indecente desses 'malfeitores' constituiu ofensa aos sóbrios olhos de Madame Deluc. Mas somos informados de que é nessa mesma tarde que Madame Deluc, assim como seu filho mais velho, 'escutou gritos de mulher nos arredores da hospedaria'. E com que palavras Madame Deluc descreve o período da tarde em que esses gritos foram ouvidos? 'Foi pouco depois de escurecer', diz. Mas 'pouco depois de escurecer' já é, pelo menos, escuro; e 'ao entardecer' certamente ainda há luz do dia. Desse modo fica sobejamente claro que a gangue deixou a Barrière du Roule antes dos gritos escutados (?) por Madame Deluc. E embora nos inúmeros relatos dos testemunhos as relativas expressões em questão sejam distinta e invariavelmente empregadas exatamente do modo como eu as empreguei nessa nossa conversa, nenhuma observação, por menor que seja, da grosseira discrepância foi, ainda, apontada por qualquer um desses jornais ou por qualquer um dos beaguins da polícia.

“Aos argumentos contra uma gangue não acrescentarei mais que apenas um; mas esse único argumento, em meu próprio entendimento, pelo menos, tem um peso absolutamente irresistível. Sob as circunstâncias da grande recompensa oferecida e do pleno perdão prometido a qualquer cúmplice confesso é difícil não imaginar, por um momento, que o membro de alguma gangue de vis rufiões, ou de qualquer bando de homens, já não teria há muito traído seus comparsas. Qualquer membro de tais gangues estaria tão ávido por recompensa, ou ansioso por escapar, quanto receoso de traição. O sujeito se mostrará impaciente e apressado em trair, antes de ser ele próprio traído. Que o segredo ainda não tenha sido revelado é a melhor prova de que permanece, efetivamente, um segredo. Os horrores desse negro feito são conhecidos apenas por um, ou dois, seres

humanos, e por Deus.

“Recapitulemos agora os escassos porém seguros frutos de nossa longa análise. Chegamos à ideia seja de um acidente fatal sob o teto de Madame Deluc, seja de um crime perpetrado, no bosque da Barrière du Roule, por um namorado, ou ao menos por um conhecido íntimo e secreto da falecida. Esse conhecido é de tez trigueira. Essa tez, a 'alça' feita com a bandagem e o 'nó de marinheiro' com que a fita do chapéu foi amarrada apontam para um homem do mar. Suas relações com a falecida, uma jovem alegre, embora não abjeta, sugere ser ele alguém acima da patente de marujo comum. Nisso as missivas bem escritas e insistentes dos jornais prestam-se devidamente à corroboração. A circunstância do primeiro sumiço, como mencionado pelo *Le Mercurie*, tende a combinar a ideia desse marinheiro com a do 'oficial de marinha' que segundo se sabe primeiro induziu a infeliz a cair em desgraça.

“E aqui, muito adequadamente, surge a consideração sobre a ausência persistente desse homem de tez escura. Permita-me fazer uma pausa para observar que a tez desse indivíduo é escura e trigueira; não era nenhum amorenado comum esse que constituiu o único detalhe a ser lembrado tanto por Valence como por Madame Deluc. Mas por que se acha ausente esse homem? Foi ele assassinado pela gangue? Nesse caso, por que restaram indícios apenas da moça assassinada? A cena das duas barbaridades seria naturalmente de se supor a mesma. E onde está seu corpo? Os assassinos teriam muito provavelmente se livrado de ambos do mesmo modo. Mas pode-se dizer talvez que esse homem ainda vive e se furta a vir a público pelo receio de ser acusado do crime. Podemos supor que tal consideração ocupe agora seus pensamentos — nesse momento posterior — uma vez tendo sido afirmado nos testemunhos que foi visto em companhia de Marie — mas tal argumento não teria força alguma no instante do ato. O primeiro impulso de um homem inocente teria sido denunciar a barbaridade e ajudar na identificação dos rufiões. Tal seria o curso de ação aconselhável. Ele fora visto com a moça. Havia atravessado o rio com ela em um barco aberto. A denúncia dos assassinos teria parecido, mesmo para um parvo, o modo mais seguro e o único de afastar de si qualquer suspeita. Não podemos supô-lo, na noite do fatídico domingo, ao mesmo tempo inocente e ignorante da barbaridade cometida. E contudo apenas sob tais circunstâncias é possível imaginar que ele teria deixado, se vivo, de denunciar os assassinos.

“E que meios possuímos nós de alcançar a verdade? Veremos esses meios se multiplicarem e ganharem nitidez à medida que prosseguirmos. Analisemos até o fundo esse episódio da primeira fuga. Informemo-nos sobre a história completa desse 'oficial', com suas presentes circunstâncias, e seu paradeiro no preciso momento do crime. Comparemos cuidadosamente entre si as várias missivas enviadas ao periódico vespertino cujo objetivo era inculpar uma gangue. Isso feito, comparemos essas missivas, tanto em respeito ao estilo como

à caligrafia, com as que foram enviadas ao periódico matutino, em um período precedente, e que insistiam com tal veemência na culpa de Menmais. E, feito tudo isso, comparemos mais uma vez essas várias missivas com a conhecida caligrafia do oficial. Empenhamo-nos em determinar, por intermédio dos repetidos inquéritos de Madame Deluc e seus meninos, bem como do cocheiro de ônibus, Valence, algo mais sobre a aparência pessoal e a conduta do 'homem de tez escura'. Perguntas, se habilmente direcionadas, não deixarão de extrair, de uma dessas partes, informação acerca desse ponto particular (ou outros) — informação de cuja posse talvez nem mesmo as próprias partes envolvidas tenham consciência de estar. E rastreemos agora o barco recolhido pelo balseiro na manhã da segunda-feira, dia 23 de junho, e que foi retirado da administração das barcas sem conhecimento do funcionário de plantão e sem o leme, em algum momento anterior à descoberta do cadáver. Com precaução e perseverança apropriadas rastreamos infalivelmente esse barco; pois não só o balseiro que o apanhou pode identificá-lo como também o leme está à mão. O leme de um barco à vela não teria sido abandonado, sem investigação, por uma alma inteiramente despreocupada. E aqui deixe-me fazer uma pausa para insinuar uma questão. Não se anunciou de modo algum o barco recolhido. Ele foi silenciosamente rebocado para a administração das barcas, e tão silenciosamente quanto removido. Mas seu proprietário ou usuário — como pode ter acontecido de ele, tão cedo na terça de manhã, ter sido informado, sem o auxílio de um anúncio, do paradeiro do barco levado na segunda, a menos que imaginemos alguma ligação sua com a marinha — alguma relação pessoal permanente implicando o conhecimento de seus mínimos assuntos — de suas corriqueiras notícias locais?

“Ao falar do assassino solitário arrastando seu fardo para a margem, já sugeri a probabilidade de haver ele se servido de um barco. Agora cabe-nos compreender que Marie Rogêt foi de fato atirada de um barco. Esse naturalmente terá sido o caso. O corpo não poderia ter sido confiado às águas rasas da beira do rio. As peculiares marcas nas costas e nos ombros da vítima dão indício do cavername no fundo de um barco. Que o corpo tenha sido encontrado sem um peso também corrobora a ideia. Se lançado da margem, um peso ter-lhe-ia sido lastreado. Só podemos explicar sua ausência supondo que o assassino negligenciou a precaução de providenciar algum antes de afastar-se da terra. No ato de consignar o cadáver à água, deve inquestionavelmente ter notado seu descuido; mas então remédio algum haveria à mão. Qualquer risco teria sido preferível a voltar à malfadada margem. Tendo se livrado de seu macabro fardo, o assassino teria regressado apressadamente à cidade. Ali, em algum cais obscuro, teria saltado em terra firme. Mas e o barco — será que o teria amarrado? Sua pressa seria grande demais para se ocupar de tal coisa, como prender o barco. Além disso, amarrando-o ao cais, sua sensação teria sido de

constituir uma evidência contra si mesmo. Seu pensamento natural terá sido alijar de sua pessoa, tão longe quanto possível, tudo que guardasse relação com o crime. Ele não só fugiria do cais como também não teria permitido que o barco ali permanecesse. Seguramente o teria lançado à deriva. Sigamos imaginando. — Pela manhã, o canalha é tomado de inenarrável horror ao descobrir que o barco foi resgatado e acha-se recolhido em um local que ele tem o hábito diário de frequentar — em um local, talvez, que seus deveres obrigam-no a frequentar. Na noite seguinte, sem ousar perguntar pelo leme, ele o tira de lá. Mas onde está agora esse barco sem leme? Que seja um de nossos primeiros objetivos descobrir. A um primeiro vislumbre que obtivermos disso, o início de nosso êxito começará a se insinuar. Esse barco vai nos guiar, com uma rapidez que surpreenderá até mesmo a nós próprios, àquele que o empregou na meia-noite do fatídico domingo. Corroboração após corroboração surgirá, e o assassino será rastreado.”

(Por motivos que não especificaremos, mas que para muitos leitores parecerão óbvios, tomamos a liberdade aqui de omitir, do manuscrito que ora temos em mãos, a parte em que se detalha o levantamento da pista aparentemente insignificante obtida por Dupin. Julgamos aconselhável apenas expor, em suma, que o resultado desejado foi satisfatoriamente obtido; e que o chefe de polícia cumpriu prontamente, embora com relutância, os termos de seu acordo com o cavalheiro. O artigo do Sr. Poe encerra-se com as palavras que seguem. Eds.) [O

texto entre parênteses é uma nota dos editores da revista Ladies' Companion, na qual o conto foi originalmente publicado, em três partes, em 1843.]

Compreenderão que falo de coincidências e nada mais. O que já afirmei acima a esse respeito deve bastar. Em meu íntimo não reside fé alguma no sobrenatural. Que a Natureza e seu Deus são dois, nenhum homem pensante irá negar. Que este último, tendo criado a primeira, pode, à vontade, controlá-la ou modificá-la também é inquestionável. Repito, “à vontade”; pois a questão diz respeito à vontade, e não, como a insanidade da lógica presume, a poder. Não se trata de pensar que a Divindade não possa modificar suas leis, mas que é um insulto imaginar a possível necessidade de modificação. Em sua origem, essas leis são criadas para abranger todas as contingências que podem residir no Futuro. Para Deus, tudo é Agora.

Repito, assim, que falo dessas coisas apenas enquanto coincidências. E digo mais: no que relato, ver-se-á que entre o destino da infeliz Mary Cecilia Rogers, na medida em que esse destino é sabido, e o destino de uma certa Marie Rogêt, até certo ponto de sua história pessoal, existiu um paralelo cuja prodigiosa exatidão a razão fica desconcertada ao contemplar. Repito que tudo isso ver-se-á.

Mas que não se suponha sequer por um momento que, procedendo à triste narrativa de Marie desde a época acima mencionada, e rastreando até seu *dénouement* [desenlace] o mistério que envolveu a jovem, seja minha intenção secreta insinuar uma extrapolação do paralelo, ou mesmo sugerir que as medidas adotadas em Paris para a descoberta do assassino de uma grisetite, ou que medidas baseadas em qualquer raciocínio similar, produziram algum resultado similar.

Pois, em respeito à última parte da suposição, deve-se considerar que a mais trivial variação nos fatos dos dois casos pode dar origem a erros de cálculo assaz importantes, ao desviar inteiramente os dois cursos de eventos; muito ao modo como, em aritmética, um erro que, por sua própria individualidade, pode ser desprezível produz, ao fim e ao cabo, por força de multiplicação em todos os pontos do processo, um resultado em enorme divergência com a verdade. E, em relação à primeira parte, não devemos deixar de ter em mente que o próprio Cálculo de Probabilidades ao qual me referi obsta toda ideia de extrapolação do paralelo: — obsta com uma positividade forte e categórica na exata proporção com que esse paralelo já foi protraído e exigido. Eis uma dessas anômalas proposições que, aparentemente apelando ao pensamento inteiramente à parte do matemático, é contudo uma que apenas os matemáticos podem plenamente apreciar. Nada, por exemplo, é mais difícil do que convencer o leitor meramente comum que o fato de que o seis tenha sido duas vezes lançado em sucessão por um jogador de dados é causa suficiente para apostar com maior probabilidade que o seis não será lançado na terceira tentativa. A sugestão desse fenômeno é em geral rejeitada pelo intelecto na mesma hora. Parece impossível que os dois lances que foram efetuados, e que residem absolutamente no Passado, possam ter influência sobre o lance que reside unicamente no Futuro. A chance de se lançar o seis parece ser precisamente a mesma a qualquer dado momento ordinário — ou seja, sujeita unicamente à influência das várias outras faces que podem ser obtidas no dado. E essa é uma reflexão que nos parece tão sobejamente óbvia que as tentativas de contestá-la são recebidas mais frequentemente com um sorriso de escárnio do que com qualquer coisa próxima da atenção respeitosa. O equívoco nisso envolvido — equívoco grosseiro e que cheira a nocivo — não é minha pretensão expor nos limites que ora se me apresentam; e, para a mente filosófica, ele não necessita ser exposto. Deverá ser suficiente dizer aqui que ele forma uma de uma infinita série de enganos que surgem no caminho da Razão em sua propensão a perseguir a verdade em detalhes.



A carta roubada

The Purloined Letter, 1844

Tradução: William Lagos

PARIS. LOGO DEPOIS DO ESCURECER de uma tempestuosa noite do outono gozava eu a dupla volúpia da meditação e de um cachimbo de espuma, em companhia de meu amigo C. Augusto Dupin, em sua pequena biblioteca, ou gabinete de estudos, no terceiro andar do nº 33, da Rua Dunot, bairro de St. Germain. Durante hora, pelo menos, mantivemos profundo silêncio; ao primeiro observador casual, cada um de nós pareceria atenta e exclusivamente ocupado com as crespas volutas de fumaça que tornavam pesada a atmosfera do quarto. Quanto a mim, porém, discutia mentalmente certos tópicos que haviam formado tema de conversa entre nós, no começo da noite. Refiro-me ao caso da Rua Morgue e ao mistério ligado ao assassinato de Maria Rogêt. Considerava, por conseguinte, a espécie de relação existente entre eles, quando a porta de nosso apartamento foi escancarada e deu entrada ao nosso conhecido, o Sr. G***, Chefe da Polícia parisiense.

Recebemo-lo cordialmente, pois tanto havia naquele homem de encantador como de desprezível, e há muitos anos que não o víamos. Como estivéssemos no escuro Dupin levantou-se a fim acender uma lâmpada, mas sentou-se de novo, sem fazê-lo, ao ouvir G*** dizer que tinha vindo consultar-nos, ou antes, pedir a opinião de meu amigo a respeito de certo negócio oficial que já havia ocasionado grandes complicações.

— Se se trata dum caso que requeira reflexão — observou ao abster-se de acender o pavio —, examiná-lo-emos melhor no escuro.

— É outra de suas esquisitices — disse o Chefe de Polícia tinha o cacoete de chamar de "esquisito" tudo quanto além de sua compreensão e por isso vivia em meio duma completa legião de "esquisitices".

— É bem verdade — disse Dupin, apresentando um cachimbo ao visitante e empurrando para o lado dele uma confortável cadeira.

— E qual a dificuldade agora? — perguntei. — Espero que não seja mais nenhum assassinato.

— Oh, não, nada dessa espécie! O fato é... o caso é bastante simples na verdade, e não tenho dúvida que poderíamos nós mesmos resolvê-lo muito bem; mas depois pensei que Dupin gostaria de conhecer-lhe os pormenores, porque é tão extraordinariamente esquisito.

— Simples e esquisito — disse Dupin.

— Mas é mesmo, embora a expressão não seja bem exata. O fato é que todos nós ficamos bastante embaraçados, porque o é tão simples, e, no entanto,

desconcerta-nos inteiramente.

— Talvez seja a própria simplicidade da coisa que o induz erro — disse meu amigo.

— Que contrassenso esse seu! — respondeu o Chefe de rindo cordialmente.

— Talvez o mistério seja um tanto demasiado claro — disse Dupin.

— Oh, pelo bom Deus! Quem já ouviu falar de semelhante ideia?

— Um pouco evidente demais.

— Ah, ah, ah! Ah, ah, ah! Oh! oh! oh! — ria estrepitosamente nosso visitante, intensamente divertido. — Oh, Dupin, você ainda me mata!

— E afinal — perguntei eu —, qual é o caso em questão?

— Bem, vou contar-lhes o caso — respondeu o Chefe de Polícia lançando um longo, seguro e contemplativo rolo de fumaça e sentando-se na cadeira. — Contar-lhes-ei tudo em poucas palavras, mas antes de começar, deixem-me adverti-los de que se trata dum negócio que exige o maior sigilo, e que mui provavelmente perderei o cargo que ora exerço se se souber que o confiei a alguém.

— Comece — disse-lhe eu.

— Ou não comece — disse Dupin.

— Pois vamos lá. Recebi informação particular, na mais alta esfera de que certo documento da mais extrema importância foi furtado dos aposentos reais. O indivíduo que o furtou é conhecido, e não pode haver dúvida a respeito. Foi visto no ato do furto. Sabe-se também que o documento se encontra ainda em seu poder.

— Como se sabe disso? — perguntou Dupin.

— Deduz-se claramente — respondeu o Chefe de Polícia — da natureza do documento e do não aparecimento de certos resultados surgiram imediatamente se ele saísse das mãos do ladrão, isto ele o utilizasse em vista do fim a que se propunha.

— Seja um pouco mais explícito — disse eu.

— Bem, posso aventurar-me a dizer que o papel dá a seu possuidor certo poder em determinado setor em que tal poder é imensamente valioso.

O chefe de Polícia era doido pela giria diplomática.

— Ainda não compreendo inteiramente — disse Dupin.

— Não? Pois bem, revelado esse documento a uma terceira pessoa cujo nome omitirei, porá em questão a honra de um personagem da mais alta hierarquia, e este fato dá ao detentor do documento ascendência sobre o ilustre personagem cuja honra e cuja paz ficam assim ameaçadas.

— Mas esta ascendência — interrompi eu — dependerá do seguinte, saberá o ladrão que a pessoa roubada conhece quem furtou o documento? Quem ousaria...

— O ladrão — disse G*** — é o Ministro D***, que ousa tudo quanto é indecente, bem como tudo quanto é decente para um homem. O processo do furto foi tão engenhoso quanto audaz. O documento em questão — uma carta, para ser franco — tinha sido recebida pela personagem roubada enquanto se achava só na alcova real.

Enquanto a lia, foi ela, de súbito, interrompida pela entrada de outra elevada personagem, de quem desejava especialmente ocultar a carta. Depois de apressada e vã tentativa de lançá-la numa gaveta, foi obrigada a colocá-la, aberta como estava, sobre a mesa. O envelope, porém, estava em cima e assim ficava oculto o conteúdo, a carta não chamando atenção. Nesta conjuntura entra o Ministro D***. Seu olhar de lince nota imediatamente o papel, reconhece a letra do envelope, percebe o embaraço da personagem a quem a carta estava endereçada e descobre seu segredo.

Depois de tratar de alguns negócios, a toda pressa, como costuma tira do bolso uma carta um tanto semelhante à carta em questão abre-a, pretende lê-la, e depois coloca-a bem junto da outra. Começa a conversar, durante uns quinze minutos, a respeito de negócios públicos. Por fim, ao despedir-se, pega de cima da mesa a carta a que não tinha direito. Seu verdadeiro dono viu isso, sem dúvida, não ousou chamar a atenção para o ato, na presença do terceiro personagem, que estava a seu lado. O ministro deixando sua própria carta, que não tinha a menor importância sobre a mesa.

— Aqui, então — falou-me Dupin —, tem você o que é preciso para tornar a ascendência completa: o ladrão sabe que a pessoa furtada conhece o ladrão.

— Sim — replicou o Chefe de Polícia — e o poder assim tem sido utilizado, desde há alguns meses, para fins políticos, amplitude muito perigosa. A pessoa roubada está cada dia inteiramente convencida da necessidade de reaver sua carta. Isto, naturalmente, não pode ser feito às claras. Afinal, levada ao desespero, encarregou-me da questão.

— Para isso disse Dupin, em meio a uma perfeita espiral fumaça — nenhum agente mais sagaz poderia, suponho, ser desejado ou sequer imaginado.

— O senhor me lisonjeia — replicou o Chefe de Polícia — é possível que tenha sido expendida alguma opinião dessa espécie.

— É claro — disse eu —, como o senhor observa, que a carta ainda se acha em poder do ministro; visto como é a posse, e não qualquer utilização da carta, que lhe permite o poder. Com emprego, desaparece o ascendente.

— De fato — disse G*** — e eu procedi de acordo com convicção. Meu primeiro cuidado foi fazer uma busca completa no palacete do ministro. E meu principal embaraço, aí, estava na necessidade de procurar, sem que ele soubesse. Além de tudo. Fora prevenido do perigo que resultaria de dar-lhe motivo de suspeitar de nosso desígnio.

— Mas — disse eu — o senhor está perfeitamente *au fait* nessas investigações. A polícia parisiense já fez tais coisas várias vezes antes.

— Oh, sim! E por essa razão não perdi a esperança. Os hábitos do ministro, aliás, davam-me grande vantagem. Frequentemente se ausenta ele de casa a noite inteira. Seus criados não são numerosos. Dormem distanciados do apartamento de seu patrão, como são napolitanos, embriagam-se facilmente. Eu tenho chaves como sabem, que podem abrir qualquer quarto ou móvel de Paris. Durante três meses, não se passou uma noite em cuja maior parte eu não me entregasse à tarefa de revistar, pessoalmente, o palacete.

— Minha honra está em jogo e, para mencionar um grande segredo, a recompensa é enorme. Assim, não abandonei a busca, até que me convenci completamente de que o ladrão é homem mais astuto do que eu. Creio que investiguei todos os nichos e cantos do edifício em que fosse possível estar o papel escondido.

— Mas é possível — sugeri — que, embora a carta possa estar em poder do ministro, como inquestionavelmente está, ele a tenha ocultado em outra parte que não em sua própria residência?

— Isso é dificilmente possível — disse Dupin. — As atuais condições especiais dos negócios da corte e principalmente dessas intrigas em que se sabe estar D*** envolvido tornam a eficácia do documento sua possibilidade de ser apresentado em um momento, um ponto de importância quase igual ao de sua posse.

— Sua possibilidade de ser apresentado? — perguntei.

— O que vale dizer, de ser destruído — disse Dupin.

— De fato — observei. — A carta então está claramente no prédio. Quanto a estar na própria pessoa do ministro, devemos considerar isso como coisa fora de questão.

— Inteiramente — disse o Chefe de Polícia. — Ele foi duas vezes vítima de emboscada, como da parte de salteadores, e uma estrita busca foi dada em sua pessoa, sob minha própria inspeção.

— Você podia ter-se poupado esse incômodo — falou Dupin. — D***, creio eu, não é de modo algum maluco, e, não o sendo, devia ter previsto essas emboscadas como uma coisa inevitável.

— Não é de modo algum maluco — falou G*** —, mas é porque eu julgo estar só a um passo do maluco.

— Efetivamente — disse Dupin, depois de longa e pensativa fumaça do cachimbo —, embora eu próprio tenha perpetrado alguns versos de pé quebrado.

— Suponho que o senhor pormenorizará — disse eu —, minuciosamente, a sua pesquisa.

— Bem, o fato é que gastamos tempo e procuramos em toda parte. Tenho longa experiência desses assuntos. Explorei o edifício inteiro, aposento por

aposento, dedicando as noites de toda uma semana a cada um deles. Examinamos primeiro a mobília de cada apartamento. Abrimos todas as gavetas possíveis; e imagino que o senhor sabe que, para um agente de polícia convenientemente treinado coisa tal como uma gaveta secreta é impossível. Será um pateta qualquer homem que deixe escapular uma gaveta "secreta" numa busca dessa espécie. A coisa é tão fácil. Há certa quantidade de volume, de espaço, a ser examinada em cada móvel. Depois temos regras acuradas. Não nos escapará a quinta parte de uma linha.

— Depois das escrivatinhas passamos às cadeiras. Os estofos foram pesquisados com as finas agulhas compridas, que você me viu empregar. Das mesas, retiramos a parte de cima.

— Por que isso?

— Às vezes, a parte de cima de uma mesa, ou de outra similarmente construída do mobiliário, é removida pela pessoa que deseja esconder um objeto. Depois, escava-se a perna do móvel, deposita-se o objeto dentro da cavidade e recoloca-se a tampa. As partes de cima e do fundo das colunas de camas são também empregadas do mesmo modo.

— Mas não podia a cavidade ser localizada pelo som? — perguntei.

— De modo algum, se, quando o objeto for colocado, se em volta dele um enchimento suficiente de algodão. Além em nosso caso, éramos obrigados a agir sem fazer barulho.

— Mas o senhor não podia ter removido, o senhor não teria feito em pedaços todas as peças do mobiliário, em que seria possível depositar uma coisa do modo que mencionou. Uma carta pode ser comprimida num rolo fino em espiral, não diferindo na forma ou no volume, de uma comprida agulha de crochê e dessa forma, pode ser inserida num pé de cadeira, por exemplo. O senhor não reduziu a pedaços todas as cadeiras?

— Certamente que não; mas fizemos melhor: examinamos os pés de todas as cadeiras do palacete e, para falar verdade, as de todas as peças do mobiliário com o auxílio de um poderoso microscópio. Tivesse havido traços de qualquer alteração recente não deixaríamos de descobri-la no mesmo instante. Qualquer modificação na cola, qualquer afastamento incomum das juntas, bastante para assegurar a descoberta.



— Creio que o senhor examinou os espelhos, entre as tábuas o vidro, e pesquisou as camas e as roupas de cama, assim as cortinas e os tapetes.

— Naturalmente; e quando acabamos de examinar completamente desse modo cada partícula do mobiliário, rebuscamos a própria casa. Dividimos sua

superfície completa em compartimentos, numeramos de modo que nenhum podia escapar; depois, investigamos cada polegada quadrada, isoladamente, pelo edifício inteiro com o microscópio, como fizéramos antes, inclusive as duas casas imediatamente vizinhas.

— As duas casas vizinhas? — exclamei. — O senhor deve ter tido um trabalho enorme!

— Tivemos. Mas a recompensa oferecida é maravilhosa!

— O senhor incluiu o chão em volta das casas?

— Todo o chão é calçado com tijolos. Isso nos deu relativamente pouco trabalho. Examinamos a relva entre os tijolos e verificamos que não se mexera ali.

— O senhor investigou os papéis de D***, naturalmente, e os livros da biblioteca?

— Por certo. Abrimos cada embrulho e cada objeto; não só abrimos todos os livros, mas viramos todas as folhas de todos os volumes, não nos contentando com uma simples sacudidela, como o dizem alguns de nossos funcionários da polícia. Também medimos a espessura de cada capa de livro, com a mais apurada precisão e, aplicamos a cada uma delas, a mais zelosa pesquisa com o microscópio. Se se tivesse inserido alguma coisa em qualquer uma, seria extremamente impossível que tal fato houvesse escapado à observação. Cerca de cinco ou seis volumes que haviam voltado recentemente das mãos do encadernador foram sondados, cuidadosamente, com as agulhas.

— Examinou o assoalho por baixo dos tapetes?

— Sem dúvida. Removemos todos os tapetes e examinamos as tábuas com microscópio.

— E o papel das paredes?

— Também.

— Olharam nas adegas?

— Sim.

— Então — disse eu — o senhor está fazendo um cálculo errado. Não está no prédio, como supõe.

— Receio que aí o senhor tenha razão — disse o Chefe de polícia. — E agora, Dupin, que é que você me aconselha a fazer?

— Uma busca completa no edifício.

— Isso é completamente desnecessário — replicou G ***. Tenho menos certeza de respirar do que de que a carta não está no palacete.

— Não tenho melhor conselho a lhe dar — disse Dupin. — O senhor com certeza tem uma descrição minuciosa da carta?

— Oh, sim!

E então, o Chefe de Polícia extraiu um caderno de notas e leu, em voz alta, um minucioso relatório sobre a aparência interna e, especialmente, a

externa do documento perdido.

Logo depois de terminar a leitura dessa descrição, partiu, mais inteiramente abatido do que eu jamais vira antes o bom cavalheiro.

Cerca de um mês depois, nos fez ele outra visita e achou-nos ocupados quase da mesma forma em que nos encontrou da vez anterior. Pegou do cachimbo, assentou-se e iniciou qualquer conversa comum.

Afinal, disse eu: — Bem, mas G***, que há a respeito da carta furtada? Presumo afinal, que se convenceu de que não é coisa de pouca monta vencer em astúcia o ministro?

— Maldito seja, digo eu, sim, maldito seja. Refiz as buscas, no entanto, como Dupin sugeriu, mas foi tudo trabalho perdido, como sabia que seria.

— De quanto era a recompensa oferecida, a que você se referiu? — Perguntou Dupin.

— Ora, é muita coisa... uma recompensa bastante generosa... não gosto de dizer quanto, precisamente, mas uma coisa direi: que não me importaria de dar, do meu próprio bolso, cinquenta mil a quem quer que pudesse obter para mim essa carta. O fato é que a coisa está-se tornando dia a dia mais importante e a recompensa foi recentemente duplicada. Mesmo, porém, que a triplicassem, não poderia fazer mais do que tenho feito.

— Mas, sim... — disse Dupin, arrastando as palavras, as baforadas de seu cachimbo de espuma. — Na verdade... G***, que você não se tem esforçado... não tem feito o que pode nesse negócio. Você devia, penso eu, fazer um pouco mais, hein?

— Como?... Em que sentido?

— Ora... puff... você poderia... puff... aconselhar-se com alguém nesse caso... não acha?... puff, puff, puff Lembra-se da história que contam do Abernethy?

— Não. Que Abernethy vá para o diabo!

— Com efeito! Mande-o para o diabo, se lhe apraz. Mas uma vez, certo ricaço porreta concebeu o designio de extrair Abernethy uma consulta médica. Travando, com esse objetivo, conversa comum, num grupo de íntimos, insinuou seu caso ao médico, como o de um indivíduo imaginário. "Vamos disse o avaro que os sintomas dele são tais e tais; ora, que lhe aconselharia tomar?" "Eu lhe mandaria que tomasse" disse Abernethy, o conselho de um médico, com certeza.

"

— Mas... — disse o Chefe de Polícia, um tanto desconcertante, estou perfeitamente disposto a tomar conselho e a pagar pelo conselho. Daria realmente cinquenta mil francos a quem quer me ajudasse nesse negócio.

— Neste caso — respondeu Dupin, abrindo uma gaveta, e sentando um livro de cheques -você poderia muito bem escrever-me um cheque do montante que acaba de mencionar. Depois que tiver assinado entreguei a carta.

Fiquei atônito. O Chefe de Polícia parecia ter sido fulminado, durante alguns minutos permaneceu sem fala e sem movimento olhando incredulamente para meu amigo, de boca aberta, e olhos quase fora das órbitas. Depois parecendo, de certo dominar-se, agarrou uma pena e, após muitas pausas e olhos vagos, encheu afinal e assinou um cheque de cinquenta mil francos, entregando-o, por cima da mesa, a Dupin. Este examinou-o detidamente e meteu-o depois na carteira. Em seguida, abrindo a escrivaninha, dela tirou uma carta e entregou-a ao Chefe de polícia. O funcionário agarrou-a, num perfeito transe de alegria, abriu com mão trêmula, lançou um rápido olhar a seu conteúdo, e, arrastando—se com esforço para a porta, precipitou-se, afinal, sem mais cerimônia, para fora do quarto e da casa sem ter pronunciado uma só sílaba, desde que Dupin lhe havia pedido que enchesse o cheque.

Quando ele saiu, meu amigo passou a dar algumas explicações.

— A polícia parisiense — disse ele — é excessivamente hábil no seu ofício. Seus agentes são perseverantes, engenhosos, e inteiramente versados nos conhecimentos que sua profissão principalmente exige. Por isso, quando C * * * nos expunha seu processo de pesquisa nos aposentos da residência de D***, tive inteira confiança no resultado satisfatório da busca, dentro dos limites de seus esforços.

— Dentro dos limites de seus esforços? — perguntei eu.

— Sim — disse Dupin. — As medidas adotadas eram não só de sua espécie, mas foram conduzidas com absoluta perfeição. Se a carta tivesse sido depositada ao alcance, os agentes teriam, sem dúvida alguma, dado com ela.

Ri simplesmente. Ele, porém, parecia dizer tudo aquilo com toda a seriedade.

— As medidas, pois — continuou ele — eram boas no seu gênero e bem executadas. Seu defeito jazia em serem inaplicáveis ao caso e ao homem. Certo grupo de recursos altamente engenhoso ao Chefe de Polícia, uma espécie de leito de Procusto, tem de forçosamente adaptar seus planos. Mas ele erra, sem cessar, por ser demasiado profundo ou demasiado raso no assunto em questão, e muito menino de colégio raciocina melhor do que ele. Conhecia um, de cerca de oito anos de idade, cujos triunfos em acertar no jogo do "par e ímpar" atraíam a admiração geral. Este jogo é simples e joga-se com bolinhas. Um jogador tem na mão certo número dessas bolinhas e pergunta a outro se número é par ou ímpar. Se a adivinhação dá certo, o adivinhador ganha uma bola; se está errada, perde uma. O menino a quem me referi ganhava todas as bolas da escola. Tinha ele, sem dúvida, algum meio de adivinhação e este consistia na simples observação e comparação da astúcia de seus adversários. Por exemplo, simplório chapado é seu adversário, e, mantendo a mão, pergunta: "São pares ou ímpares?" O nosso colegial responde "Ímpares", e perde; mas, na segunda prova, acerta, porque disse a si mesmo: "O simplório pusera número par da primeira

veze sua dose de astúcia é o suficiente para fazê-lo ter bolas em ímpar, da segunda vez; portanto, adivinharei ímpar"; adivinha ímpar e ganha. Ora, com um simplório um grau acima do primeiro caso, ele teria raciocinado assim: "Este rapaz vê que, no primeiro caso, eu adivinhei ímpar, e no segundo, proporá a si mesmo, de acordo com o primeiro impulso, uma simples variação de par como fez o primeiro simplório; mas depois um segundo pensamento lhe sugerirá que isto é uma variação demasiado complexa, e, finalmente, decidirá pôr número par como antes. Eu adivinharei par; adivinha par e ganha. Ora, este modo de raciocinar do colegial que seus camaradas chamam de "sorte", em última análise, qual é?

— É simplesmente — disse eu —, uma identificação do intelecto do raciocinador com o de seu antagonista.

— É — disse Dupin. — Quando perguntei ao menino por que aquela perfeita identificação na qual consistia seu êxito, recebi a resposta que se segue: "Quando eu quero descobrir se alguém é sensato, ou estúpido, ou bom, ou perverso, ou quais são seus pensamentos no momento, componho a expressão de meu rosto, tão cuidadosamente quanto possível, de acordo com a expressão dele, e então espero ver que pensamentos ou sentimentos são despertados na minha mente ou no meu coração, como para se equiparar ou corresponder à 'minha fisionomia'. Esta resposta do colegial mergulha fundamente em toda aquela profundidade errônea que tem sido atribuída a La Rochefoucauld, a La Bougive, a Machiavelli e a Campanella.

— E a identificação — disse eu — do intelecto do raciocinador com o de seu adversário depende, se bem o compreendo, da exatidão com que é apreciado o intelecto do adversário.

— Para seu valor prático, depende efetivamente disso — respondeu Dupin —, e se o Chefe de Polícia e sua corte são frequentemente mal sucedidos é, primeiro, por falta dessa identificação, e, em segundo lugar, pela má apreciação, ou antes, não apreciação do intelecto com que se estão medindo. Consideram somente suas próprias ideias engenhosas e, na procura de oculto, só cuidam dos meios de que eles se teriam servido ocultá-lo. Têm bastante razão nisto de ser sua própria engenhosidade uma representação fiel da massa; mas quando a astúcia malfeitor particular é de caráter diverso da deles, o malfeitor naturalmente os "enrola". Isso sempre acontece quando essa astúcia está acima da deles e, muito comumente, quando está abaixo. Eles não variam de princípios em suas investigações; no máximo, quando premidos por alguma emergência insólita, por alguma recompensa extraordinária, ampliam ou exageram seus velhos métodos de ação, sem mexer-lhes nos princípios.

— Que, por exemplo, caso de D***, se fez para variar o princípio de ação? Que significam todas essas perfurações e exames e sondagens e investigações com o microscópio e divisões da superfície do edifício polegadas

quadradas numeradas? Que significa tudo isso senão exagero da aplicação do único princípio ou grupo de princípios pesquisa, que se baseiam sobre o único grupo de noções relata à engenhosidade humana, com as quais o Chefe de Polícia se acostumou na longa rotina de suas funções? Você não vê que tomou como assegurado que todos os homens procuram, para esconder uma carta, se não exatamente um buraco feito a verruma numa perna de cadeira, pelo menos algum canto ou orifício, indo pelo mesmo curso de ideias que impeliria um homem a esconder uma carta, num buraco feito a verruma, numa perna de cadeira? E você não vê também que tais esconderijos *recherchés* só prestam para ocasiões comuns e só seriam adotados por intelectos comuns? Porque, em todos os casos de ocultamento, a colocação do objeto escondido, a colocação dele desse modo *recherché*, é logo no primeiro momento, presumível e presumida; e sua descoberta assim depende não absolutamente da agudeza, mas inteiramente do simples cuidado, paciência e obstinação dos que procuram; e quando o caso é de importância (o que significa a mesma coisa aos olhos dos policiais quando a recompensa é elevada), nunca se soube que falhassem as qualidades em apreço. Você compreenderá agora o que eu queria dizer, ao sugerir que, se a carta furtada tivesse escondida em qualquer lugar dentro dos limites de pesquisa do chefe de polícia, em outras palavras, se estivesse o princípio de seu esconderijo compreendido dentro dos princípios do Chefe de polícia sua descoberta teria sido um assunto completamente fora de questão.

— Esse funcionário, contudo, foi inteiramente mistificado e a fonte remota de sua derrota está na suposição de que o ministro é um maluco, porque adquiriu renome como poeta. Todos os malucos são poetas; é isso o que o Chefe de Polícia sente; e ele é simplesmente culpado de um *non distributio meda*, ao deduzir que todos os poetas são malucos.

— Mas esse é realmente o poeta? — perguntei. — Sei que são ambos irmãos, e que ambos alcançaram renome nas letras. O ministro creio eu, escreveu eruditamente sobre o cálculo diferencial. É um matemático e não um poeta.

— Você se engana. Eu o conheço bem; é ambas as coisas. Como matemático, ele raciocinaria bem; como simples matemático não raciocinaria absolutamente e assim estaria à mercê do chefe de Polícia.

— Você me surpreende — disse eu — com essas opiniões que são contraditadas pela voz geral. Você não tem a intenção de deduzir a nada as ideias bem assentadas através dos séculos. Raciocínio matemático tem sido considerado, há muito, como o raciocínio par excellence.

— Deve-se apostar — replicou Dupin, citando Chamfort — que toda ideia pública, toda convenção aceita é uma tolice, porque conveio ao número maior. Os matemáticos, concedo-lhe, fizeram o melhor que puderam para divulgar o erro popular a que você alude e que não deixa de ser um erro só por ser

promulgado verdade. Com uma arte digna de melhor causa, por exemplo, insinuaram a palavra "análise" nas operações algébricas. Os franceses são os criadores desse engano particular, mas se uma palavra tem alguma importância, se as palavras extraem qualquer valor de aplicabilidade, então "análise" significa "álgebra", quase tanto, no latim, *ambitus* significa "ambição", *religio* quer dizer "religião", ou *homines honesti*, um punhado de "homens honrados".

— Vejo que você está tendo alguma polêmica — disse eu — com alguns dos algebristas de Paris. Mas continue.

— Contesto a eficácia, e portanto o valor, daquele raciocínio que se cultiva por qualquer forma especial que não seja a lógica abstrata. Contesto, em particular, o raciocínio deduzido pelo estudo matemático. As matemáticas são a ciência da forma e da quantidade; o raciocínio matemático é simplesmente lógico se aplicado à forma e à quantidade. O grande erro está em supor que mesmo as verdades do que se chama álgebra pura são verdades gerais ou abstratas. E esse erro é tão evidente que me espanta a universalidade de sua aceitação. Os axiomas matemáticos não são axiomas de verdade geral. O que é uma verdade de relação (de forma e quantidade) é muitas vezes enormemente falso, com respeito à moral, por exemplo.

— Nesta última ciência, é muito comumente inverídico que a soma das partes seja igual ao todo. Também na química esse axioma falha. Na apreciação de motivos, falha, porque dois motivos, cada um de um dado valor, não têm, necessariamente, quando unidos, um valor igual à soma de seus valores separados. Há numerosas outras verdades matemáticas que só são verdades dentro dos limites da relação. Mas os matemáticos mentem com suas verdades finitas pelo hábito, como se elas fossem de uma aplicabilidade absolutamente geral, tal como o mundo em verdade imagina que sejam.

— Bryant, em sua mui erudita Mitologia menciona uma fonte análoga de erro quando diz que, embora as fábulas pagãs não sejam cridas, esquecemo-nos, contudo, continuamente, e tiramos deduções delas como de realidades existentes. Entre os algebristas, porém, que são igualmente pagãos, as fábulas pagãs" são criadas, e as inferências são feitas, não tanto de falta de memória como por causa de uma inexplicável perturbação do cérebro. Em suma, nunca encontrei um simples matemático em quem pudesse ter confiança fora das raízes quadradas, nenhum que, clandestinamente, não mantivesse, como um ponto de fé que x^2+px era absoluta e incondicionalmente igual a q .

— Diga a algum desses cavalheiros, só para experimentar, se lhe aprouver, que você acredita possam ocorrer ocasiões em que $x^2 + px$ não seja igual a q , e tendo feito com que ele compreenda o que você quer dizer, coloque-se fora de seu alcance, com toda a rapidez conveniente, pois sem dúvida ele tentará atirá-lo ao chão.

— Quero dizer — prosseguiu Dupin, enquanto eu apenas ria de suas

observações — que se o ministro não fosse mais do que matemático o Chefe de Polícia não teria passado pela necessidade de dar-me este cheque. Conheço-o, contudo, tanto como matemático quanto como poeta, e minhas medidas foram adaptadas à capacidade dele com referência às circunstâncias que o rodeavam. Sabia também que ele era um cortesão e um ousado intrigante. Um homem assim, pensei, não podia deixar de ser conhecedor dos modos comuns de agir da polícia. Não podia deixar de prever — e os acontecimentos provaram que ele não deixou de prever — as emboscadas a que estava sujeito. Deve ter pressuposto, refleti, as investigações secretas de sua residência. Suas frequentes ausências de casa, à noite, que foram saudadas pelo Chefe de Polícia como auxílio certo para seu sucesso, olhei-as apenas como astúcia para fornecer oportunidade a uma busca completa pela polícia e acentuar-lhe a convicção a que G***, de fato, finalmente chegou de que a carta não estava no prédio. Pensei, também, que toda série de pensamentos que me custava detalhar mesmo com relação ao princípio invariável da ação policial na procura de objetos escondidos, pensei que toda essa série de pensamentos necessariamente passaria pela mente do ministro. Ela o levaria imperativamente, a pôr de parte todos os esconderijos comuns.

— Não podia, refleti, ser fraco a ponto de não ver que os mais intrincados e remotos recessos de seu palacete ficariam tão abertos como as mais comuns antecâmaras aos olhos, às pesquisas, às verrumas e aos microscópios do Chefe de Polícia. Vi, finalmente, seria levado, como coisa natural, à simplicidade, senão deliberadamente induzido a isso, por uma questão de gosto. Você se lembrará talvez, de como o Chefe de Polícia riu desbragadamente quando eu sugeri, em nossa primeira entrevista, que era possível que esse mistério o perturbasse tanto por ser tão claro. — disse eu. — Lembro-me perfeitamente de sua hilaridade. Realmente pensei que ele ia cair em contorções de riso.

— O mundo material — continuou Dupin — é abundante em analogias muito estreitas com o imaterial e, assim, certa coloração de verdade foi dada ao dogma retórico de que a metáfora ou o sorriso podem servir tão bem para fortalecer um argumento como para embelezar uma descrição. O princípio de *vis inertia* e, por exemplo, parece ser idêntico na física e na metafísica. Não verdade é, na primeira, que um corpo grande se põe com maior dificuldade em movimento do que um menor e que seu menor subsequente está em proporção com essa dificuldade, do que o é, na segunda, que às inteligências de maior capacidade, se unem e mais poderosas, mais constantes e mais cheias de acontecimentos em seus movimentos, do que as de grau inferior, são, contudo, as que se movem menos prontamente, com mais embaraço e cheias de hesitação, nos primeiros poucos passos de seu progresso. E mais: já observou você quais dos letreiros de rua, nas das lojas, mais atraem a atenção?

— Nunca cogitei disso — disse eu.

— Há um jogo de adivinhação — continuou ele — que se exerce sobre um mapa. Um parceiro, que joga, pede ao outro para descobrir uma dada palavra, um nome de cidade, rio, estado ou império; qualquer palavra, em suma, sobre a matizada e intrincada superfície do mapa. Um novato no jogo procura, geralmente, embaraçar seus parceiros dando-lhes os nomes de letras mais miúdas, veterano escolhe palavras de grandes caracteres que se estendem de uma extremidade a outra do mapa. Estes, como os letreiros e tabuletas de rua, com grandes letras, escapam à observação pelo de serem excessivamente evidentes, e aqui a inadvertência física é precisamente análoga à inapreensão moral por meio da qual o intelecto deixa passar inadvertidas aquelas considerações, que são demasiado importunamente e demasiado palpavelmente evidentes. Mas este é um ponto, ao que parece, um tanto acima ou um tanto abaixo da compreensão do Chefe de Polícia. Ele, nem uma vez sequer julgou provável ou possível que o ministro tivesse depositado a carta bem por baixo do nariz de todo mundo, com o fim de melhor impedir que qualquer porção desse mundo a percebesse.

— Mas quanto mais refleti sobre a habilidade atrevida, ousada inteligente de D***, sobre o fato de que o documento devia estar sempre à mão, se ele tencionava utilizá-lo para um devido fim, sobre a decisiva prova obtida pelo Chefe de Polícia de que não estava oculto dentro dos limites das buscas comuns daquele funcionário, tanto mais convencido fiquei de que, para ocultar a carta, o ministro tinha apelado para o expediente compreensível e sagaz de não tentar ocultá-la absolutamente.

— Cheio destas ideias, muni-me de um par de óculos verdes e dirigi-me, um belo dia, completamente por acaso, ao edifício ministerial. Encontrei D** * em casa, bocejando, espreguiçando-se, o como de costume e demonstrando achar-se no mais extremo tédio.

Ele é, talvez, a criatura humana mais realmente enérgica que existe mas somente quando ninguém o vê.

— Para emparelhar com ele, queixei-me de meus olhos fracos lamentei a necessidade de usar óculos, e, a coberto disto, atenta e completamente investiguei todo o aposento, enquanto dava mostras, de estar apenas atento à conversa de meu interlocutor.

— Prestei especial atenção a uma grande escrivainha, junto a qual estava ele sentado e sobre a qual achavam-se confundidas várias cartas misturadas e outros papéis, com um ou dois instrumentos musicais e uns poucos livros. Ali, porém, depois de longa e bem decidida pesquisa, nada vi que despertasse particular suspeita.

— Afinal meus olhos, circulando o quarto, caíram sobre um barato porta-cartões de filigrana e papelão que pendia, oscilando, amarrado por uma suja fita azul, de um pequeno prego de bronze, justamente sob o meio da cornija da

lareira. Nesse porta-cartões, tinha três ou quatro compartimentos, viam-se cinco ou seis cartões de visita e uma carta solitária. Esta última estava bastante manchada e amassada. Estava quase rasgada em duas, no meio, se uma intenção, no primeiro momento, de rasgá-la inteiramente como coisa sem importância tivesse sido alterada, ou adiada, em segundo momento. Ostentava um grande selo negro, levando bem claramente o sinete de D***, e estava endereçada, com letra feminina bem miúda, ao próprio D***, o ministro. Fora atirada descuidadamente e mesmo, como parecia, desdenhosamente numa das divisões superiores do porta-cartões.

— Logo depois que lancei a vista para aquela carta, concluí que deveria ser a tal que eu procurava. Decerto era, segundo todas as aparências, radicalmente diferente daquela de que o Chefe Polícia nos dera tão minuciosa descrição. Nela o selo era grande e negro, com o sinete de D***; lá era pequeno e vermelho, com as armas ducais da família. Aqui o endereço do ministro era em letras miúdas e femininas; na outra, o sobrescrito, para certo personagem real, estava em letras marcadamente abertas e firmes; só o formato constituía um ponto de relação. Mas justamente o radicalismo dessas diferenças, que era excessivo; o sujo; o estado do papel manchado e amassado, tão de desacordo com os verdadeiros hábitos metódicos de D***, e tão sugestivo de uma intenção de induzir erradamente o observador a uma ideia da falta de importância do documento; estas coisas, juntamente com a posição, exageradamente ostensiva desse documento, bem à vista de qualquer visitante e dessa forma exatamente em acordo com as conclusões a que eu tinha previamente chegado; tudo isso, repito, corroborava fortemente a suspeita de quem ali fosse com a intenção de suspeitar.

— Prolonguei minha visita o mais possível, e, enquanto mantinha com o ministro, a respeito de um assunto que eu bem sabia jamais deixara de interessá-lo e excitá-lo, conservava na realidade minha atenção fixa sobre a carta. Neste confiei à memória sua aparência externa e posição no porta cartões e, por fim, cheguei também a uma descoberta que afastou a mais ligeira dúvida que eu pudesse entreter. Observando as extremidades do papel, notei que elas estavam mais estragadas do que parecia necessário. Apresentavam o aspecto enxovalhado, que se manifesta quando um papel duro, tendo sido uma vez dobrado e repassado por uma espátula, é desdobrado em direção contrária, nas mesmas dobras, ou extremidades que haviam formado a dobra primitiva.

— Esta descoberta foi suficiente. Tornava-se claro para mim que a carta tinha sido revirada como uma luva, de dentro para fora, reendereçada e relacrada. Despedi-me do ministro e imediatamente, deixando uma tabaqueira de ouro sobre a mesa. No dia seguinte, fui buscar a tabaqueira e então retomamos, com a mesma avidez, a conversa do dia anterior.

— Enquanto estávamos entretidos, ouviu-se uma forte detonação, como

de uma pistola, ali bem por baixo das janelas do edifício, seguida de uma de uma série de terríveis gritos e do vozerio de uma população aterrorizada. D*** correu para uma sacada, abriu-a e olhou para fora. Enquanto encaminhei-me para o porta-cartões, tirei a carta, meti-a no bolso e a substitui por um fac-símile (quanto às aparências externas que eu tinha cuidadosamente preparado nos meus aposentos, usando o sinete de D***, muito facilmente, por meio de um feito de miolo de pão.

— A desordem na rua tinha sido ocasionada pela conduta furiosa de um homem armado de um mosquete. Havia-o detonado, em meio de uma multidão de mulheres e crianças. Ficou provado, porque o fizera sem balas e deixaram o camarada seguir seu caminho, tendo-o como um maluco ou um bêbedo. Logo que ele se foi, D*** voltou da janela, aonde eu o havia seguido, logo depois de ter-me apoderado do objeto em vista. Sem demora tratei de despedir-me. O pretenso maluco era um homem pago por mim.

— Mas qual a sua intenção — pergunte, substituindo a carta por um fac-símile? Não teria sido melhor, logo à primeira visita, haver-se apoderado dela francamente e partido?

— D*** — replicou Dupin é um homem violento e nervoso. Além disso, em sua casa não faltam servidores devotados a seus interesses. Se eu tivesse feito a grosseira tentativa que você sugeriu talvez jamais tivesse podido sair vivo da presença do ministro. Talvez o bom povo de Paris nunca mais ouvisse falar de mim. Mas tinha eu um objetivo, fora dessas considerações. Você conhece minhas simpatias políticas. Neste assunto, ajo como partidário da senhora em questão. Durante dezoito meses o ministro a teve em seu poder.

Ela agora o tem no seu, uma vez que, não sabendo a carta não se acha em seu poder, ele continuará com suas extorsões, como se ainda a possuísse. Por isso será inevitavelmente reduzido, de pronto, à sua destruição política. Sua queda, será tão precipitada quanto desastrosa. E muito bom falar a respeito do *jacilis descensus* Averni; mas em todas as espécies de subida, como diz Catalani sobre o canto, é bem mais fácil do que descer. No presente caso, não tenho eu simpatia, ou pelo menos não tenho piedade, por aquele que cai. Ele é aquele monstrum horrendum, um homem de gênio sem caráter. Confesso, contudo, que gostaria bastante de conhecer a precisa natureza de seus pensamentos quando, sendo desafiado por aquela a quem o Chefe de Polícia denomina "certo personagem", se vir reduzido a abrir a carta que eu deixei para ele no porta-cartões.

— Como? Escreveu você qualquer coisa de especial nela?

— Ora... não pareceria absolutamente direito deixar o interior da carta em branco! Teria sido insultante. E outrora, em Viena, pregou-me uma má peça, de que, lhe disse eu, completamente de bom-humor, sempre haveria de lembrar-me. Assim, como soube que ele sentiria alguma curiosidade a respeito da identidade da pessoa que o tinha excedido em astúcia, achei que era uma pena

não lhe dar um indício. Ele conhece muito bem minha letra e justamente copiei, no meio da folha branca, as palavras: un dessein si funeste, s'il n'est digne d'Atrée, est digne de Thyeste. (desígnio tão funesto, se não é digno de Atreia, é digno de Thyeste)

Elas se encontram na Atrée de Crébillon.

FIM

1. “Negar o que é e explicar o que não é.” Rousseau, *Nouvelle Héloïse*. (N. do A.)

2. Por ocasião da publicação original de “Marie Rogêt”, as notas de rodapé aqui apresentadas [na presente edição inseridas entre colchetes no corpo do texto, para facilitar a leitura. (N. do T.)] foram consideradas desnecessárias; mas o lapso de vários anos transcorrido desde a tragédia em que se baseia a narrativa torna oportuno fornecê-las, bem como algumas palavras à guisa de explicação do plano geral. Uma jovem, Mary Cecilia Rogers, foi assassinada nos arredores de Nova York; e embora sua morte tenha ocasionado uma intensa e duradoura comoção, o mistério que cercou o crime permanecia sem solução no período em que o presente artigo era escrito e publicado (novembro de 1842). Aqui, sob o pretexto de relatar o destino de uma grisette parisiense, o autor acompanhou, em minuciosos detalhes, o essencial, ao passo que meramente comparando os fatos não essenciais do real assassinato de Mary Rogers. Assim, todo argumento baseado na ficção é aplicável à verdade: e a investigação da verdade foi o objetivo. O “Mistério de Marie Rogêt” foi escrito longe da cena da atrocidade e sem quaisquer outros meios de investigação além dos jornais disponíveis. Assim, muita coisa escapou ao autor que ele poderia ter obtido por conta própria caso houvesse estado na cena do crime e visitado as localidades. Talvez não seja inapropriado registrar, todavia, que as confissões de duas pessoas (uma delas a Madame Deluc da narrativa), feitas, em diferentes períodos, muito subsequentes à publicação, confirmaram, plenamente, não só a conclusão geral, mas também positivamente todos os principais detalhes hipotéticos pelos quais essa conclusão foi obtida. (N. do E. para Poe, E. A. Tales, Wiley and Putnam, Nova York/Londres, 1845, no qual a narrativa foi publicada pela primeira vez em uma única parte.)

3. “Uma teoria baseada nas qualidades de um objeto impedirá que seja desenvolvida segundo seus objetivos; e quem arranja tópicos em referência a suas causas deixará de valorizá-los de acordo com seus resultados. De modo que a jurisprudência de toda nação mostrará que, quando a lei se torna uma ciência e um sistema, ela deixa de ser justiça. Os erros aos quais uma devoção cega a princípios de classificação tem conduzido a common law serão vistos observando-se com que frequência a legislatura tem sido obrigada a intervir para restabelecer a equidade que seu método perdeu.” [Walter Savage] Landor. (N. do A.)